SET

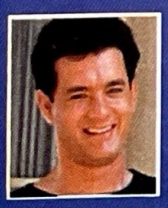
WARREN BEATTY

O NOVO PERFIL DE DICK TRACY

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

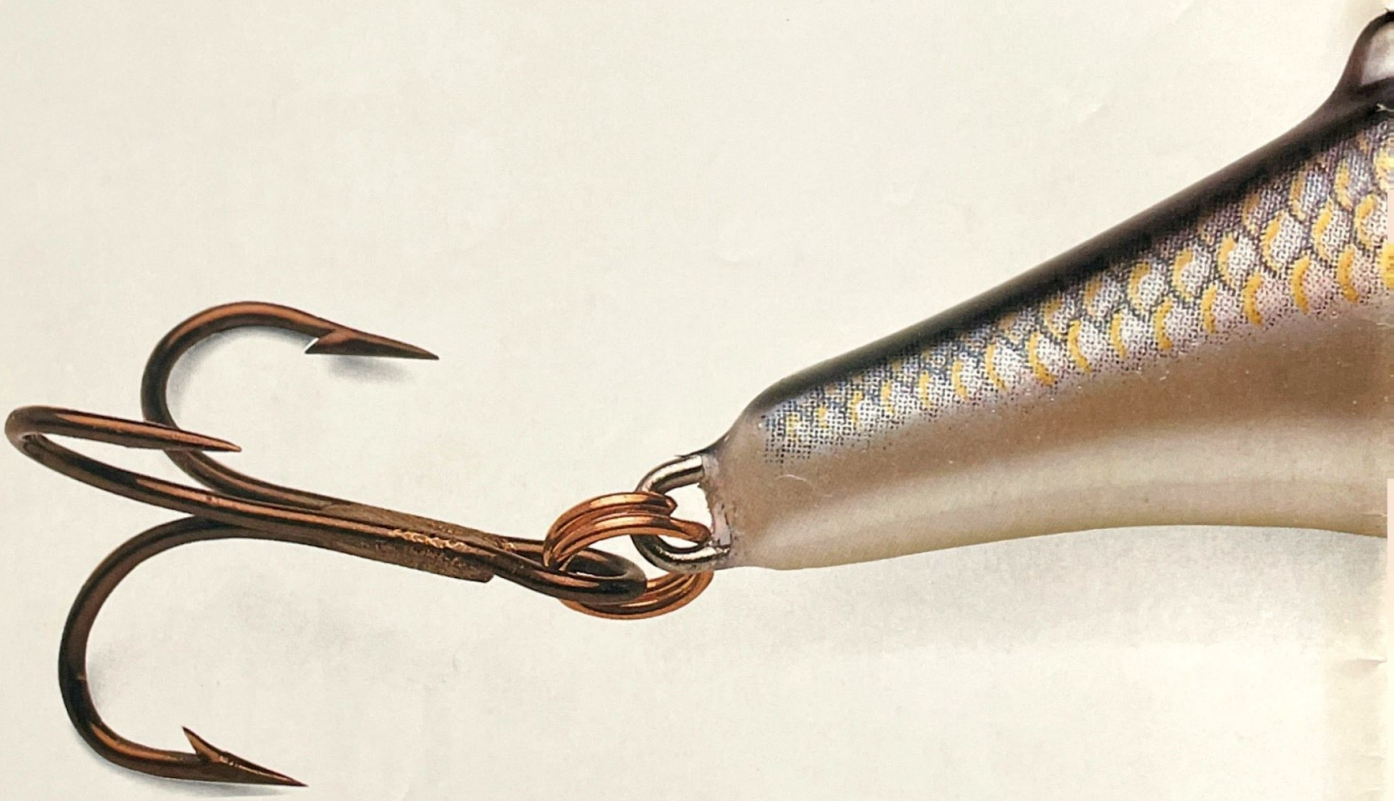
55330001 - Ed. 36 - Ano IV - N.º 6 - Cr$ 190,00



ENTREVISTA
TOM HANKS

MITO
GRETA GARBO

CÓPIA OU



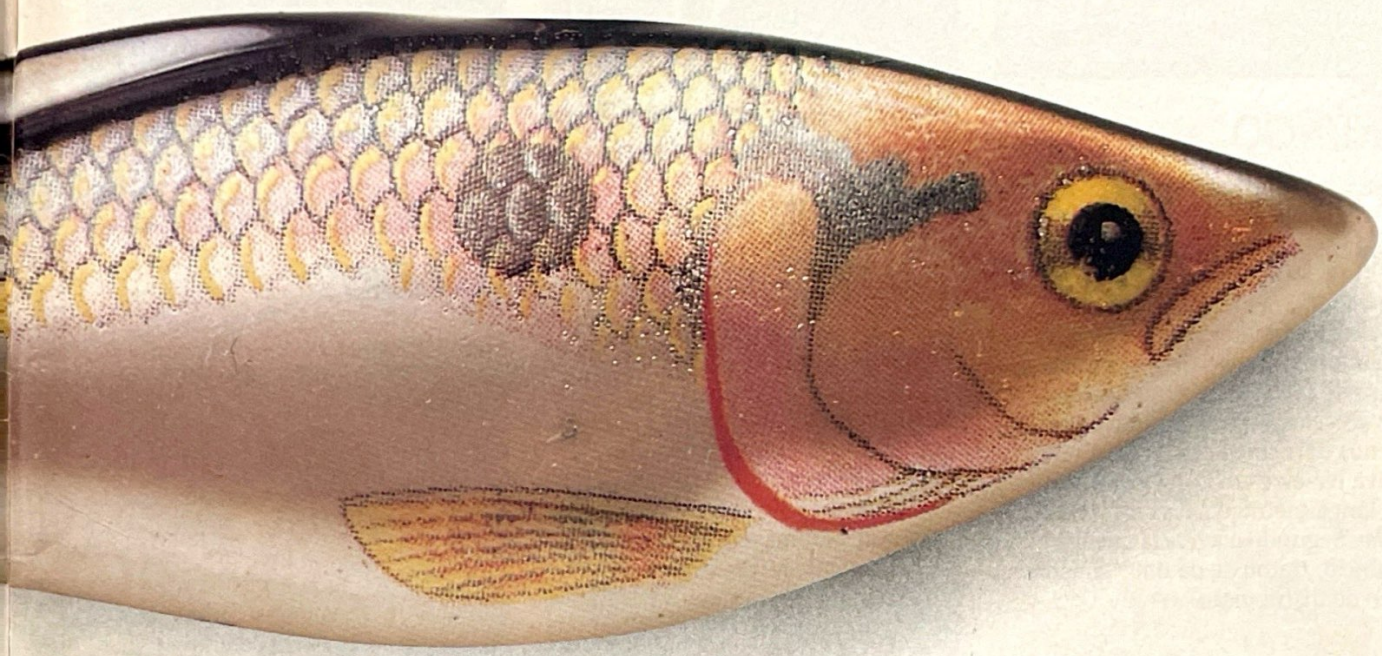
NÃO SEJA FI
UM PRODU

© Warner Home Video Inc.

Tem gente querendo pescar você com cópias de vídeo não seladas. Uma pirataria que, além de ilegal, é feita na maioria das vezes por pernas-de-pau.

Mais do que não respeitar a lei, estas pessoas estão desrespeitando seu direito de ver um bom filme. E, o que é pior, estragando seu lazer, seu fim-de-semana e principalmente seu vídeo cassete. Afinal, uma fita selada é produzida em modernos laboratórios, duplicada e legendada por técnicos capacitados com aparelhos corretos. Já as cópias piratas fazem experiências num local pouco recomendado: no seu próprio

ORIGINAL?



SGADO POR TO FALSO.

FAST

aparelho.
Não caia nessa rede. Vá à sua locadora. E exija fitas seladas. Um produto que garante a qualidade da sua diversão.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.

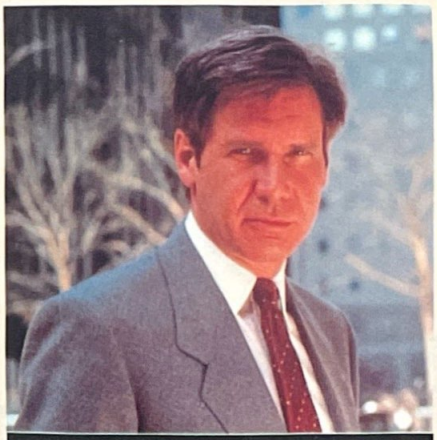
UIP

Tom Cruise e outros veteranos de Nascido

ANÚNCIO CONTRADIZ NASCIDO EM 4 DE JULHO

Deu na revista americana *Premiere:* um anúncio publicitário incentivando recrutas a alistar-se como fuzileiros navais estava sendo exibido em pelo menos dois cinemas dos EUA (em Nova Jersey e em Long Island) antes do longa-metragem *Nascido em 4 de Julho*. Segundo a agência que fez o anúncio, tratou-se de um "lamentável erro de distribuição".

Fox

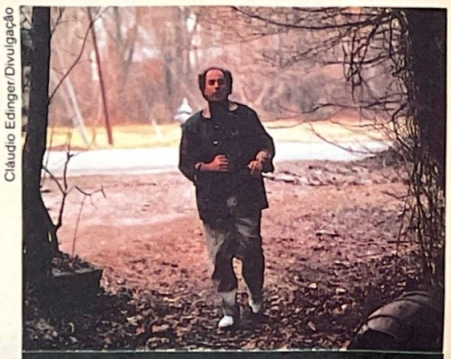


Ford como yuppie antes do tiro na cabeça

HARRISON FORD QUASE MORRE EM FILME DE NICHOLS

Harrison Ford é um arrogante *yuppie* que muda radicalmente de vida depois de levar um tiro na cabeça. O filme chama-se *Regarding Henry* e está em início de filmagem sob a direção do competente Mike Nichols (de *A Primeira Noite de um Homem* e *Uma Secretária de Futuro*).

Cláudio Edinger/Divulgação



Hector Babenco em ação no terreno ecológico

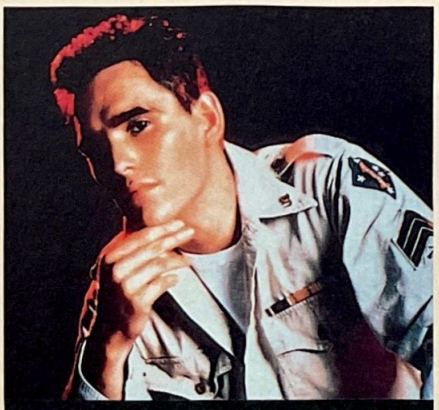
BABENCO FILMA AMERICANOS ENTRE OS ÍNDIOS

Hector Babenco está na Amazônia dirigindo Laura Dern, Aidan Quinn e John Lithgow em seu novo filme, *At Playin the Fields of the Lord*. O roteiro, escrito por Jean-Claude Carrière e baseado no romance homônimo de Peter Mathissen, conta a história de dois pilotos contratados por uma indústria para expulsar uma tribo indígena de suas terras. Uma dupla de missionários tenta defender os índios. Nada mais atual.

MATT DILLON DÁ O GOLPE DO BAÚ

Matt Dillon é um assassino frio e calculista em *A Kiss Before Dying*, escrito e dirigido por James Dearden. **Sean Young** é a boa moça que ele seduz, de olho na fortuna da família dela. O filme está sendo rodado em Londres e Nova York.

Alvorada



A ave de rapina Matt Dillon: olho gordo

Warner

O passado condena a nada virtuosa Keaton

DIANE KEATON TRAI O SENADOR DENNIS HOPPER

Dennis Hopper e Diane Keaton atuarão juntos em *Running Mates*, de Joan Micklin Silver. O velho *easy rider* desta vez fará o papel de um senador que entra em crise ao saber que sua noiva (Diane) é uma ex-atriz pornô.

PETER O'TOOLE É O PRÍNCIPE DO ESGOTO

Peter O'Toole interpreta o príncipe Meleagre, que vive escondido nos esgotos de Paris, em *The Rainbow Thief*, que Alejandro Jodorowsky está rodando nos estúdios Lee Shepperton, de Londres. Ao lado de O'Toole estão ainda Omar Sharif e Christopher Lee.

A.A.A.

O príncipe O'Toole do lado de fora do esgoto

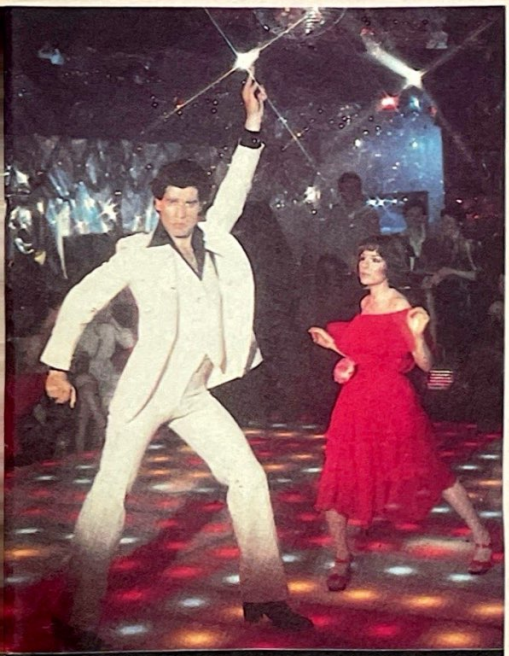
AS FAMÍLIAS REINER, COPPOLA E LANDAU SE ENCONTRAM

Lucas Reiner, filho de Rob Reiner (*Harry e Sally*) e neto de Carl Reiner (*Um Espírito Baixou em Mim*), estréia também como cineasta dirigindo *The Spirit of 76*. Curiosamente, como notou a revista francesa *Première*, o filme é produzido pela Black Diamond, companhia dirigida por Roman Coppola (filho do diretor Francis), e a produtora executiva é Susan Landau (filha do ator Martin).

Redford em Cuba, antes de Fidel Castro, e ainda vestido

REDFORD SEDUZ LENA OLIN EM HAVANA

Robert Redford é um jogador simpático e mulherengo em *Havana*, o novo filme de Sydney Pollack. Ele faz tudo para conquistar a idealista Lena Olin, casada com o revolucionário Raul Julia. A ação se passa nos dias que antecedem a tomada do poder por Fidel Castro em Cuba, então conhecida como "bordel americano", com seus jogadores, traficantes e prostitutas. Durante as filmagens, na República Dominicana, a equipe enfrentou de tudo: calor, desconforto, desorganização, e até o roubo de todas as roupas do astro Redford. O triângulo do filme remete diretamente, é claro, ao clássico *Casablanca*, referência assumida abertamente pelo diretor Pollack. É esperar para ver.

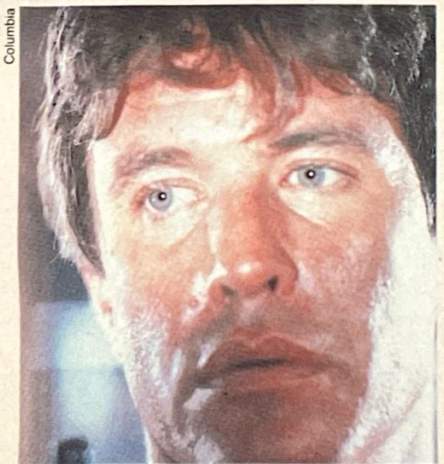


Paramount

Travolta ainda no primeiro embalo dos embalos

EMBALOS DE TRAVOLTA CUSTAM CARO

John Travolta vai receber oito milhões de dólares para estrelar *Os Embalos de Sábado à Noite, Parte 3*, treze anos depois do primeiro da série e sete depois de *Os Embalos de Sábado Continuam*. Contracenando com o rebolante galã deverá aparecer a bela Kirsty Alley.



Columbia

O passado também condena o amnésico Berenger

TOM BERENGER FOGE DO PASSADO

Tom Berenger perde a memória e aos poucos descobre que está em péssimos lençóis, graças às coisas que andou aprontando em seu esquecido passado. O filme chama-se *Shattered* e seu diretor é o alemão Wolfgang Petersen (de *O Barco* e *História Sem Fim*). No elenco, além de Berenger, estão Bob Hoskins e Greta Scacchi.

"Todo mundo nesta vida é ator. Ninguém fala o que pensa. Você levanta de manhã e diz para o vizinho: 'Oi, como vai?' Mas na verdade está pensando: 'Seu filho de uma vaca'. Isso é representar."

Marlon Brando

FAMÍLIA FONDA TRABALHA UNIDA

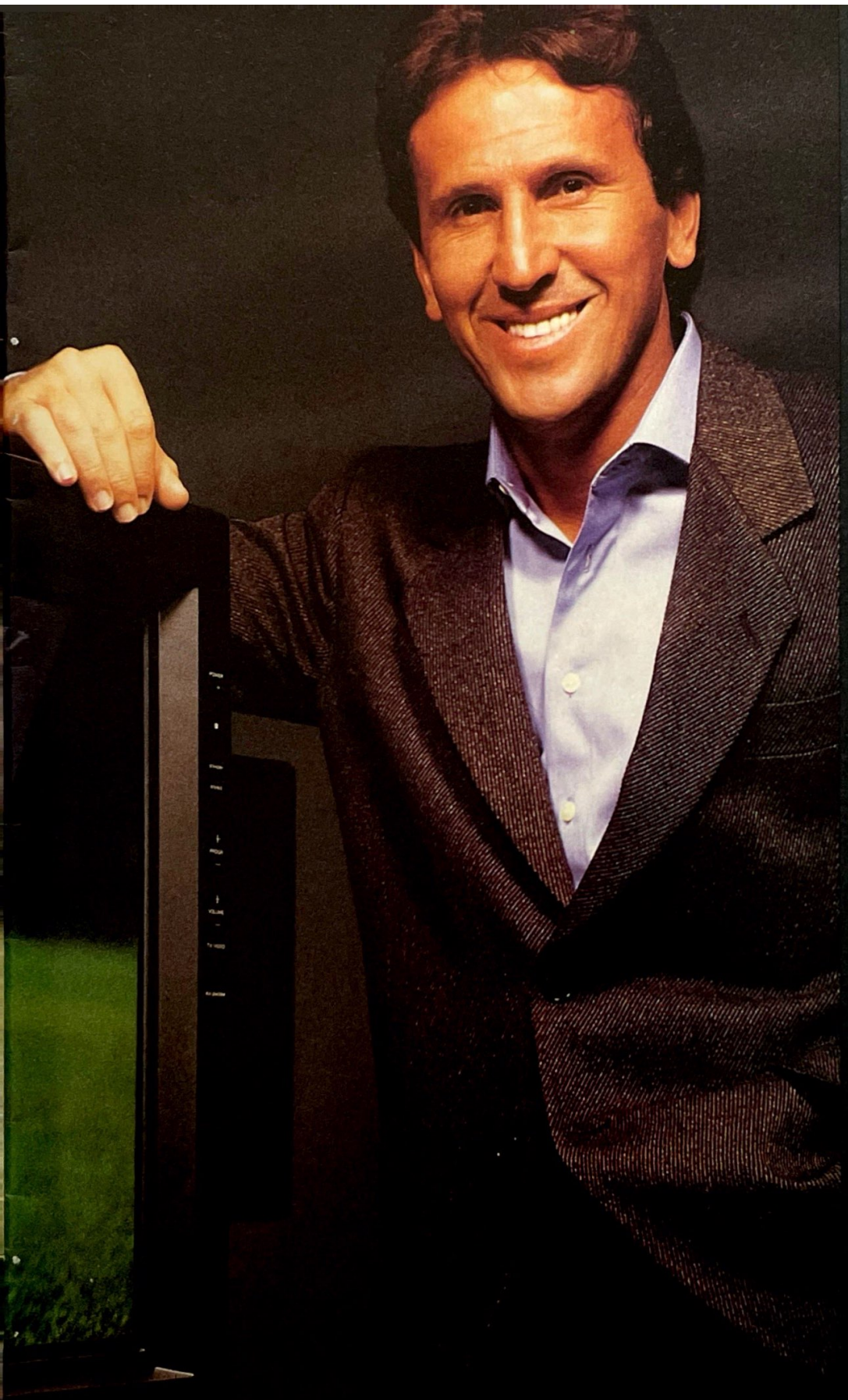
Bridget Fonda (de *Escândalo*) será dirigida pelo pai, Peter Fonda, em *Just Horrible*, uma comédia sobre uma família rural americana às voltas com um urso pardo.

Sérgio Berezovsky Abril

A caçula Fonda, Bridget, nos braços do urso

A Sony está com a bola toda. Ela acaba de lançar a Trinitron.

A melhor imagem do momento.



Se a sua televisão já está pedindo substituição, convoque a nova Sony Trinitron.

Ela é a primeira TV no Brasil feita com o exclusivo sistema Microblack Trinitron, uma invenção da Sony que garante imagem nitidamente superior a todas as outras.

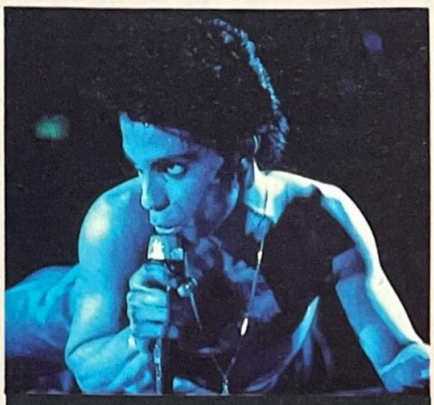
A Trinitron é a televisão que faz você chegar mais perto das emoções do cinema, pois tem 29 polegadas. O som é estéreo, com 30 watts de potência, segundo programa de áudio (SAP), caixas destacáveis e três efeitos diferentes: surround, space sound e loudness. A tela é realmente plana. A imagem não distorce nos cantos. E você não vê reflexos de luz.

Ela tem ainda:

- Controle remoto multifuncional.
- Display digital (on screen).
- Video in frontal.
- Sistema dual (PAL-M/NTSC).
- Entrada para videocassete HI 8mm, Super VHS ou videolaser.
- Programação de até 30 canais (VHF/UHF).

Com a Trinitron, a Sony mostra mais uma vez que sabe tudo sobre tecnologia eletrônica.
Nesse campo, ela é craque.

SONY
TRINITRON



Prince na meia-luz azulada dos inferninhos

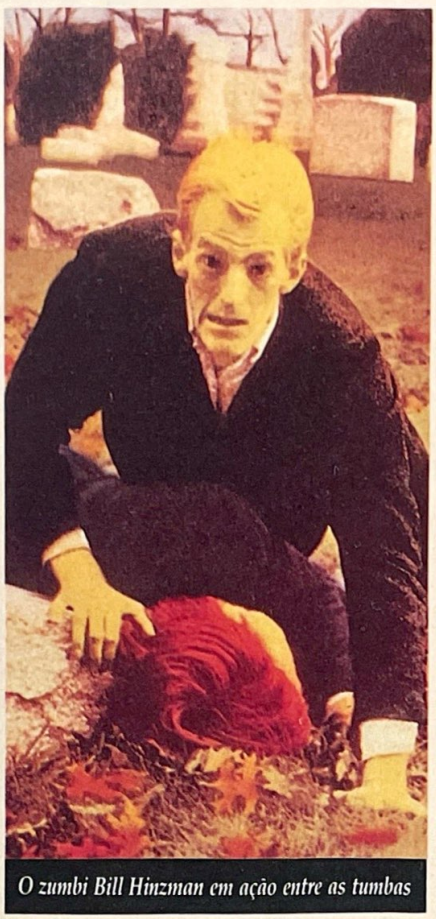
PRINCE ENTRA NA GUERRA DOS NIGHT-CLUBS

Prince está dirigindo *Graffiti Bridge*, história da guerra entre dois proprietários de *night-clubs*. Obviamente, o papel principal será interpretado pelo próprio astro, secundado por Morris Day e Jerome Benton.

"Os filmes de Woody Allen nada têm a ver com o mundo em que vivemos. Neles não há sequer um negro. É de se perguntar se esse cara sai às ruas de vez em quando."

Spike Lee

Bacal fenomenal de volta, quarenta anos depois



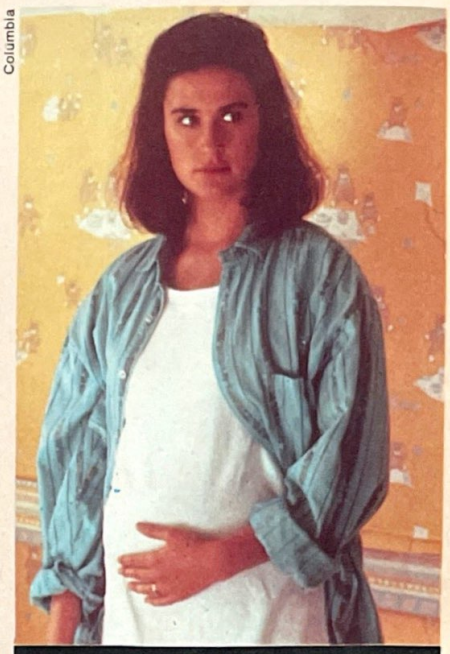
O zumbi Bill Hinzman em ação entre as tumbas

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS CONTINUA

Vem aí um *remake* do clássico do terror *A Noite dos Mortos-Vivos* (dirigido em 1968 por George A. Romero). Desta vez, a direção é de Tom Savini, e Romero associa-se a Menahem Golan na direção. O filme está sendo rodado em Pittsburgh, EUA.

LAUREN BACALL RETORNA ÀS TELAS

A veterana estrela Lauren Bacall está de volta em grande estilo. Ela contracena com o não menos veterano Anthony Quinn em *A Star for Two*, que Jim Kaufman está rodando no sul da França. Os dois interpretam um casal de namorados separados pela guerra que se encontra de novo quarenta anos depois.



Uma bela fria para a também bela Demi Moore

DEMI MOORE METIDA EM ENCRENCAS

Demi Moore e **Glenne Headly** são envolvidas casualmente num assassinato em *Mortal Thoughts*, que deverá estrear em setembro ou outubro nos EUA. No filme, o marido de Demi Moore é ninguém menos que Bruce Willis.

"Os negros que Spike Lee nos mostra também são assépticos. Românticos. Dou a ele parabéns. Nada de armas, nada de drogas, nada de Aids."

Woody Allen

VEM AÍ O XERIFE EDDIE MURPHY

Eddie Murphy vai estrelar um faroeste, no papel de um xerife que atravessa a fronteira sul dos EUA durante a Revolução Mexicana e se envolve em enormes encrencas. Se tudo correr bem, o filme, que ainda não tem título, será dirigido por Walter Hill (que realizou os dois *48 Horas* com Murphy). O roteiro é assinado por John Fasano.

"Você acredita naquela supertacada no terceiro game do último set? Experimente ver quadro-a-quadro. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria. Agora o que eu tenho a fazer é dominar essa jogada para o jogo da próxima semana. Te vejo na quadra".

Onde quer que a ação esteja, na quadra ou na TV, resposta rápida e precisa é a chave do jogo. Com o vídeo Panasonic NV-F70 Hi-Fi, você obtém a agilidade de uma fração de segundo.

O NV-F70 põe literalmente a imagem sob o domínio dos seus dedos. Com o comando "Jog & Shuttle", sofisticado sistema que mesmo um atleta da poltrona pode controlar, com facilidade, o grau de variação da velocidade que se ajusta a 21 sensíveis graus; do Super Still cristalino à rápidas velocidades. Assim você pode agilmente localizar uma cena específica numa fita em qualquer direção, para frente ou para trás, e apreciá-la no seu próprio ritmo.

Para tornar a operação ainda mais precisa, o comando "Jog & Shuttle", move a imagem diretamente correspondente à velocidade que você controla. Por exemplo, um giro de 30 graus avança ou retrocede a fita exatamente num espaço. Você pára e a fita idem.

Dessa forma, quando a ação requer agilidade e energia, faça do Panasonic NV-F70 parte do seu jogo.

NV-L26 BR

NV-F70 BR

Hi-Fi STEREO

VHS

Controle Remoto completo dotado de scanner com código de barras que torna a programação com timer simples e rápida.

Panasonic

Panasonic e Technics são marcas registradas de Matsushita Electric.

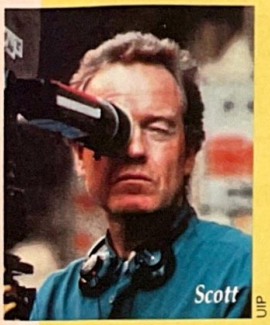
JP / Londres

Greenaway (de olho na objetiva) prepara a sua versão da história de Próspero

GREENAWAY MISTURA SHAKESPEARE E NUDISMO

O sempre surpreendente **Peter Greenaway** (de *Afogando em Números*) está filmando na Holanda *Prospero's Books*, sua versão da peça *A Tempestade*, de Shakespeare. No elenco, o venerável sir John Gielgud (Alec Guinness e Nastassja Kinski, anteriormente anunciados, não estão mais no projeto). Greenaway antecipa que colocará em cena uns quinhentos extras completamente nus.

AGUARDE



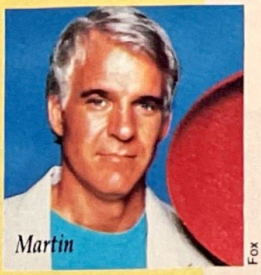
Scott

UIP

O próximo filme de **Ridley Scott**, *Thelma and Louise*, contará as aventuras de duas mulheres que decidem abandonar sua cidadezinha em busca de grandes emoções. Scott sonha com **Meryl Streep** e **Goldie Hawn**.

Kim Basinger será uma cantora de bar de Las Vegas na adaptação da comédia teatral *The Marrying Man*, de **Neil Simon**. A seu lado, **Alec Baldwin**, no papel de um milionário.

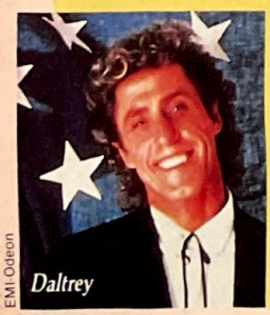
Na comédia romântica *Pinsky*, **Steve Martin** será um tradutor soviético que é submetido a uma lavagem cerebral e apaixona-se por uma americana.



Martin

Fox

Mel Brooks prepara um novo filme, escrito, dirigido e estrelado por ele próprio. É uma comédia, claro, e seu título é sugestivo: *Life Stinks* (a vida fede).



Daltrey

EMI-Odeon

Jeanne Moreau contracenará com **Marcello Mastroianni** em *The Suspended Step of the Stork*, sob a direção do grego **Théo Angelopoulos.**

Roger Daltrey, vocalista do grupo inglês *The Who*, faz o papel quase autobiográfico de um veterano cantor de rock em *Buddy's Song*, que ele mesmo produz na Inglaterra.

IMAGENS SEM PUDOR

por Luiz Nazário

Influenciado pela atmosfera artificial do expressionismo alemão e pelo simbolismo carregado dos épicos de Eric von Stroheim, o também austríaco Joseph von Sternberg realizou, em 1928, um dos filmes mais fetichistas do cinema mudo e que sintetiza como poucos a estética decadentista do diretor de *O Anjo Azul*. Trata-se de *As Docas de Nova York* (*The Docks of New York*), escrito pelo argumentista Jules Furthman, estrelado por Betty Compson e George Bancroft, e cuja ação se concentra em bares e pensões de um cais do porto — ambiente encharcado de erotismo, ao qual Sternberg recorrerá em diversos filmes. Os lugares, estilizados quase até a abstração pelo hábil emprego da névoa, foram construídos em estúdio, para que a luz ambiente pudesse ser totalmente controlada, obtendo-se todas as gradações possíveis do preto-e-branco na fotografia.

Uma jovem tenta o suicídio saltando das docas; é salva por um marinheiro algo bruto, que por ela se diz apaixonado. Decidido a tirá-la de seu estado de depressão, laça um padre para celebrar o casamento ali mesmo no bar, tendo os marinheiros bêbados e as prostitutas assanhadas como testemunhas. Jamais se vira na tela blasfêmia igual, seguida por uma profusão de símbolos eróticos — dedais, agulhas, sapatos e cigarros — que não apenas remetem à sexualidade dos personagens como também integram a narrativa, fazendo avançar a ação: é pela hábil manipulação desses símbolos que a heroína consegue finalmente seduzir o marinheiro, que ameaçava abandoná-la logo após o casamento, para outra viagem sem previsão de retorno, num final feliz para a sofrida heroína.

Em *As Docas de Nova York*, Sternberg justifica plenamente a qualificação de "manipulador de imponderáveis" que atribui a si próprio em suas fascinantes memórias, *Fun in a Chinese Laundry*, produzindo, sem o menor pudor, imagens da decadência com luminosidade e beleza verdadeiramente sagradas. *Luiz Nazário*

Betty Compson e George Bancroft em As Docas de Nova York

VOCÊ JÁ PENSOU EM TER SUA PRÓPRIA LOCADORA?
ENTÃO CONSULTE A:

ATENDIMENTO VIP
ENTREGA PARA TODO O BRASIL VIA SEDEX

GRANDE VARIEDADE DE TÍTULOS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

VIDEO LESTE

PRONTA ENTREGA

PRONTA ENTREGA

E TENHA ELA PRONTA EM 24 HORAS.

FORNECEMOS TUDO:

Estantes, Display, Expositores, Estojos, Impressos,
Orçamentos, Acessórios em Geral.

Fazemos a abertura da emprêsa junto aos orgãos oficiais.

FITAS SELADAS DE TODAS AS PRODUTORAS, TAIS COMO:

ABRIL VÍDEO
ALVORADA
AMÉRICA
CIC
COLUMBIA
F.J. LUCAS
GLOBO VÍDEO
HERBERT RICHERS
MGM
OMNI
ROYALTY
TEC HOME
TRANSVÍDEO
VIC VÍDEO
VÍDEO LIPS
WARNER HOME VÍDEO
WERA'S VÍDEO
E
MUITAS OUTRAS

ATENÇÃO LOCADORAS: ESTAMOS LANÇANDO O VÍDEO BIP

Com este serviço você recebe **QUALQUER FITA** de **QUALQUER PRODUTORA** em apenas **2 HORAS**

EXPERIMENTE: 221-0440 - 223-2969 - 220-7462 - 217-4989 - 941-3362 - 217-0871

AGORA NO CORAÇÃO DE SÃO PAULO PARA MELHOR SERVÍ-LO

R. 24 de Maio, 77 - 14.º andar - Conj. 1402 - Fones: (011) 223-2969 - 221-0440 - 220-7462 - CEP 01041

Rio de Janeiro
Rua do Catete, 228 - Lj. 224/307
Fone: (021) 225-8845 - CEP 22220

São Vicente
Rua Frei Gaspar, 739 - Conj. 109
Fone: (0132) 68-1443 - CEP 11310

There NEVER was a woman like Gilda!
Rita HAYWORTH
as
Gilda
with
Glenn FORD
COSMOPOLITAN
Why Men Pick the Wrong Women
Marilyn Monroe—Hollywood's Most Valuable Property
Alcatraz Birdman—An Amazing Lifetime in Prison
A Complete Mystery Novel plus Six Great Stories
SCREENLAND
PAUL MUNI
Bordertown
BETTE
Walt Disney's
Pinocchio
CINEMASCOPE
JUVENTUDE Transviada
A CENA MUDA
1940
QUEM É QUE EM
HOLLYWOOD
John WAYNE
Você ama cinema?
Nós temos o sonho
que você procura!
Marilyn? James Dean? Tom Cruise? Jornada nas Estrelas? Indiana Jones?
Nosso arquivo é o mais completo e o mais variado do Brasil. Fotos P x B, coloridas, press books, cartazes de filmes originais, autógrafos, livros, jornais, revistas e a mais completa coleção de materiais referentes a história do cinema.
SOUVENIRS DE CINEMA®
CARTAZES DE FILMES, FOTOS & LITERATURA
2ª a sábado - 10:00 às 19:00h
Rua Siqueira Campos, 143 - S/L 61 - Copacabana
R.J. - Brasil - CEP: 22.031 - Tel.: (021) 255-1320
Se você tem cartazes de filmes para venda, ou qualquer material relacionado a cinema, entre em contato conosco.
gatti

Quando Dick Tracy *chegar às telas, o espectador familiarizado com o original dos quadrinhos vai ficar espantado com a materialização das tiras. Surpreendentes, as imagens desfilam o mundo intensamente expressionista criado por Chester Gould, em que homens maus têm exatamente a feição brutalizada que os bandidos idealizados deveriam ter. São tão feios que se torna quase impossível saber que grande ator está por baixo da pele hedionda do personagem. Da mesma forma, os cenários, carregados nas cores primárias e secundárias, acompanham a temperatura dos desenlaces eletrizantes, refletindo nos tons a sobrecarga das situações. No mundo de* Dick Tracy, *recriado pela equipe de Warren Beatty, os objetos são os conceitos deles próprios: edifícios são ícones, símbolos de edifícios.*

Agora a ciência caminha a passos céleres na popularização de um invento incrível. Dentro de mais alguns anos será possível ao espectador inventar sua própria realidade, intervindo nela ao seu bel-prazer. Quando um mundo altamente estilizado, como o dos heróis dos quadrinhos, for então tangível em larga escala naquilo que se está chamando de "realidade virtual", muitos sonhos só imaginados na vertigem do cinema poderão ser concretizados. O espectador terá o prazer, enfim, de aninhar Madonna em seus braços, dar amistosos tapinhas nas costas do detetive Tracy e mesmo esmurrar com vigor as faces horrendas de Big Boy Caprice, The Blank, 88 Keys, Itchy ou Lips Manlins. Nada mal.

Na capa: Warren Beatty em Dick Tracy; *Tom Hanks e Greta Garbo.*
Fotos da capa: Warner, UIP e MGM

24

Warner

4 TAKES
10 TEMPOS MODERNOS
16 EM CARTAZ
Batman e Robin
Bernardo e Bianca
O Estado das Coisas
24 OUTROS FILMES EM CARTAZ
32 MATÉRIA DE CAPA
Dick Tracy
40 ENTREVISTA
Tom Hanks
44 MITOS
Greta Garbo
48 LIVROS & TRILHAS
50 FILMOTECA
51 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
70 CARTAS
73 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

Y&R

VIDEO-S

TOTAL STEREO-4 CABEÇAS

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS CONHEÇA O AMAZONAS

SAPIENS.

A tecnologia dos videocassettes vem evoluindo de maneira espantosa. O novo vídeo PVC-5500 Philco-Hitachi é o melhor exemplo disso: com 4 cabeças, ele garante a melhor imagem que você já viu, inclusive em pausa e câmera lenta com velocidade variável sem ruído. O PVC-5500 é Total Stereo, para envolver você em cada cena com o som que vai falar mais alto a sua sensibilidade. Ele é a mais completa máquina de emoções: faz rir, chorar, tremer, se comover, gargalhar.

Para programar toda esta emoção basta apertar a tecla PROG no controle remoto. Todas as instruções que você precisa aparecem na tela. Tintim por tintim. E em português. O período de programação com antecedência é de 1 ano. O relógio você ajusta em 1 minuto. Tudo isso com o controle remoto unificado de vídeo e TV que só Philco-Hitachi tem (compatível com sua nova linha de TVs com controle remoto). A garantia vale por 1 ano. E o seu prazer pode valer pela vida inteira.

Aliás, se sua vida for tão emocionante como nosso Vídeo-Sapiens, parabéns. Você é o verdadeiro Homo-Sapiens.

E ainda tem as opções dos modelos PVC-5400 com 4 cabeças e PVC-5000 também disponíveis com instruções na tela.

Care
CENTRAL DE ATENDIMENTO E RELAÇÕES EXTERNAS
(011) 800-8130 DDD GRÁTIS
GRANDE SP : 941-6966

PHILCO-HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

INSTRUÇÕES NA TELA EM PORTUGUÊS

A volta dos saudosos, irônicos e coloridos super-heróis

BATMAN E ROBIN, A DUPLA DINÂMICA

de Leslie H. Martinson, com Adam West, Burt Ward...

O morcego justiceiro ataca novamente em plenos anos 90, para terror dos malfeitores de Gotham City, sob os acordes obsessivos do famigerado tema musical de Neil Hefti. Mas, atenção, batmaníacos de última geração: esse Batman nada tem a ver com a recente, sinistra e paranóica encarnação dirigida pelo perverso Tim Burton. O *Batman* em questão é um longa-metragem colorido, produzido em 1966 por William Dozier, na trilha do seriado da TV. *Batman e Robin, a Dupla Dinâmica* foi lançado no Brasil em 1968 e já exibido várias vezes na televisão. Dirigido por Leslie H. Martinson (responsável pela maioria dos episódios do seriado), é uma síntese impagável das batbaboseiras que encantaram várias gerações, numa produção barata mas eficientíssima. Na cola do batmarketing e da batepidemia recente que cativou o planeta, a Fox decidiu relançar a produção, na qual o herói enfrenta um quarteto de arquiinimigos (Coringa, Pingüim, Charada e Mulher-Gato) numa única dose. Um santo presente para os curtidores dos heróis criados pelo desenhista Bob Kane em 1939. Farejando a glória da batmania em 1966 (o seriado da ABC era um dos mais assistidos em horário nobre), Dozier decidiu levá-lo para o cinema, com roteiro do mesmo Lorenzo Semple que escrevia o seriado, aprontando-o em sete semanas.

Fotos Fox

A trama começa quando (mediante uma denúncia anônima) a dupla dinâmica corre para uma missão num iate. Saudados comicamente pelo povo, ambos voam no batcóptero sobre o mar até avistarem o iate. Batman (Adam West) desce pela batescada e, quando está quase no iate, este simplesmente desaparece. Surge um tubarão que abocanha o pé do homem-morcego. Mas é claro que Robin (Burt Ward) traz um "repelente antitubarão" em aerossol, que pulveriza, acabando com a graça do bichinho. "Santa sardinha!" Por trás do episódio, está o "Submundo Unido", uma sociedade composta por Coringa (Cesar Romero, ex-dançarino e ator da Broadway), Pingüim (Burgess Meredith, também de sólida formação teatral), Charada (Frank Gorshin, ex-imitador da televisão e *nightclubs)* e a pérfida Mulher-Gato (Lee Meriwether, ex-Miss América, que estudou com Lee Strasberg, do Actor's Studio). Eles

desejam (além de exterminar a dupla) simplesmente dominar o mundo. Atraí-los ao iate foi um truque para mantê-los longe de um comandante seqüestrado com sua terrível invenção: um desidratador, que pode chupar toda a água de uma pessoa, fazendo-a virar pó! Mas antes acontece o melhor da história.

Num plano sórdido, a Mulher-Gato, disfarçada de Kitka, uma jornalista soviética, tenta atrair o milionário Bruce Wayne para uma armadilha. Estonteante, com roupa de pele e sotaque eslavo, joga seu charme fogoso para cima do "Camarada Wayne", que cai como um patinho nas garras da felina. Irresistível, ela declara querer "estreitar relações" com o milionário, famoso em Moscou por "trabalhar pela paz", enquanto Robin os escuta num transmissor. Após um jantar ao som de "Olhos Negros", a coisa vai esquentando, e o perplexo Robin (por discrição) desliga o transmissor, meio perturbado. "Santo Bigode do Stalin!" É por atitudes bandeirosas como essa que o menino-prodígio adquiriu má reputação! Batman, por sua vez, sempre teve uma estranha atração mal resolvida pela Mulher-Gato (e quem não teria?).

Numa outra seqüência deliciosa, Batman quase morre com uma bomba nas mãos para não deixá-la explodir numa taverna à beira-mar. Robin exclama, indignado e moralista: "Arriscou sua vida para salvar essa gentalha?" Batman responde, solene: "Eles são bêbados, mas também são seres humanos!" *(sic)*

Sem as neuras do Batman psicopata do final dos anos 80, o Batman estilo *sixties* é pura diversão, incorporando com muita ironia o clima da era do iê-iê-iê, da psicodelia, da minissaia etc. A Gotham City dos anos 60 ainda é uma metrópole aprazível, com suas garotas de vestido tubinho e cabelos *B52*. Uma doce vulgaridade multicolorida, com ecos da *pop art* de Andy Warhol. Nada daquele inferno terminal e *dark* do filme estrelado por Michael Keaton. Ao contrário, a direção de arte de Jack Martin Smith e Serge Krizman exaspera os traços *camp* (subcategoria do pop) do seriado, no que isso representa de artificialismo, afetação, esquisitice, caos e extravagância. Um mundo literalmente de plástico, em cores puras, com seus vilões circenses, computadores arcaicos e balões onomatopaicos pilhados dos *comics* diretamente para a TV e o cinema. Não, esse Batman não tinha nada da brutalidade calada do herói dos quadrinhos de Frank Miller ("O Cavaleiro das Trevas") ou Alan Moore ("A Piada Mortal"). Ele não tinha caído ainda na deprê. Era bizarro, auto-irônico e ingênuo. A um passo do mau gosto e do ridículo total, nunca soube se levar muito a sério. Essa produção foi um dos pontos altos de uma dupla que sobreviveu somente até 1968 (quando a série saiu do ar nos EUA), deixando-nos desamparados do homem-morcego e seu fiel escudeiro, o órfão Dick Grayson, ou melhor, o tagarela e boboca Robin. *Antonio Querino Neto*

A dupla dinâmica nas fantasias originais: Bruce Ward como Robin, Adam West como Batman (página oposta). Acima, os impagáveis vilões: Pingüim (Meredith), Coringa (Romero), Charada (Gorshin) e Mulher-Gato (Meriwether)

Batman, EUA, 1966 ■ DIREÇÃO: Leslie H. Martinson ■ Com Adam West, Burt Ward, Lee Meriwether, Cesar Romero, Burgess Meredith, Frank Gorshin, Alan Napier ■ ROTEIRO: Lorenzo Semple Jr. ■ FOTOGRAFIA: Howard Schwartz ■ MÚSICA: Nelson Riddle ■ MÚSICA-TEMA: Neal Hefti ■ DIREÇÃO DE ARTE: Jack Martin Smith e Serge Krizman ■ MONTAGEM: Harry Gerstad ■ PRODUÇÃO: William Dozier ■ DURAÇÃO: 105 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Maior sucesso comercial de Disney não é clássico

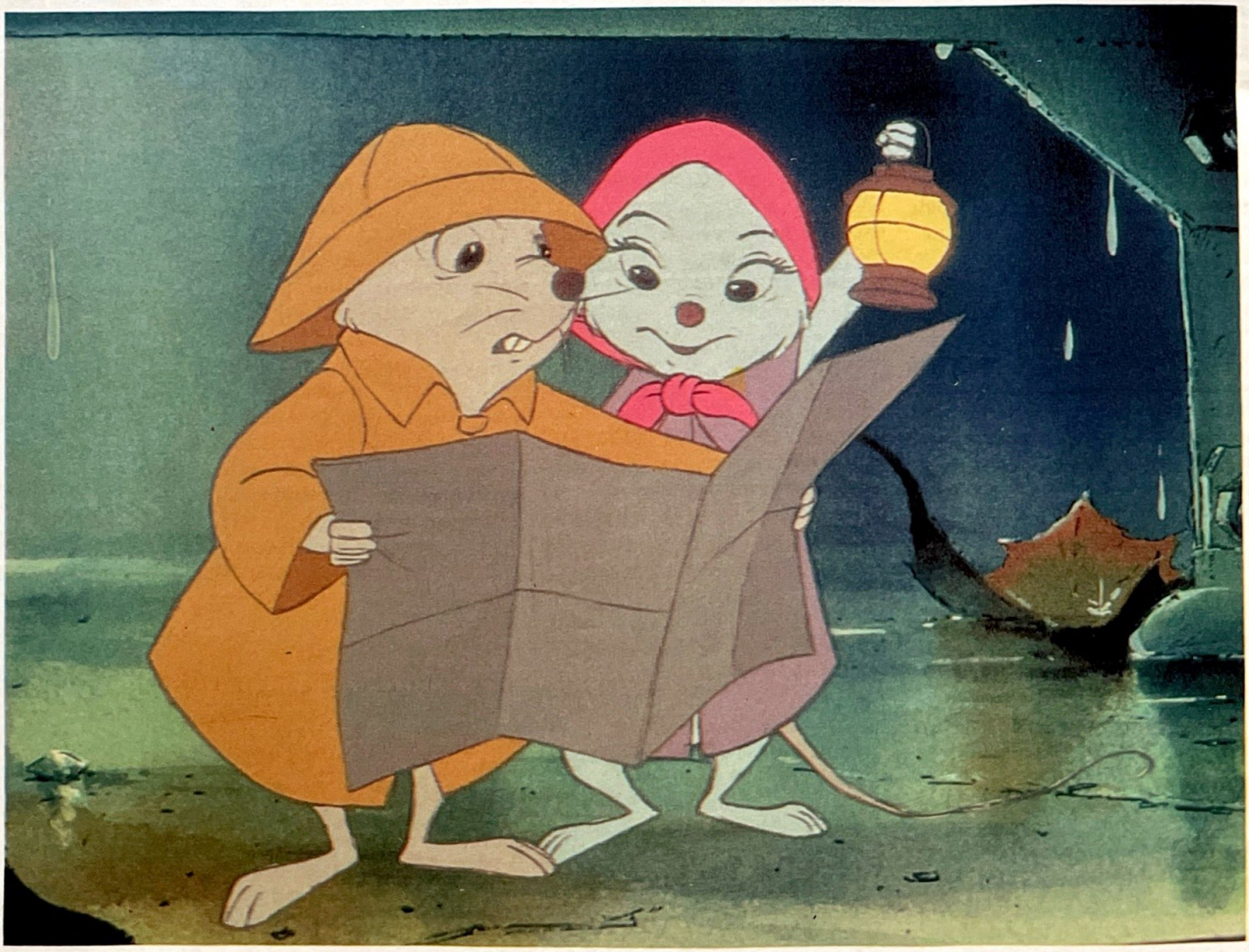
BERNARDO E BIANCA

dos Estúdios Disney

Uma mensagem de socorro, dirigida a um orfanato, é encontrada dentro de uma garrafa: uma pequena órfã foi raptada e se encontra em perigo. A ratinha aventureira Bianca, da Sociedade de Salvação Internacional, assume o caso e escolhe Bernardo, um tímido aprendiz, como seu parceiro. De posse de algumas pistas sobre o desaparecimento de Penny, eles investigam a loja suspeita de Madame Medusa, onde encontram um livro escolar pertencente à menina. Logo descobrirão que o motivo do seqüestro é um diamante chamado "O Olho do Diabo", escondido num lugar em que somente uma menina do tamanho de Penny poderia chegar.

Bernardo e Bianca foi o desenho animado de Disney que obteve o maior sucesso comercial, ultrapassando 40 milhões de dólares de renda. Pensou-se, por isso, numa continuação, e o relançamento do desenho vem a propósito da seqüência, em fase de produção, intitulada *The Rescuers Down Under*, sem prazo de estréia no Brasil.

Ainda que não possa alinhar-se entre os clássicos de Disney, *Bernardo e Bianca* é importante por ter sido o último desenho produzido pelo grupo de animadores veteranos dos Estúdios Disney, conhecidos como os "Nove Velhos", e que inclui a participação dos novos talentos contratados para substituí-los. Entre os "Nove Velhos" estão John Lounsbery, que dirigiu clássicos como *Dumbo* e *Pe-*



Fotos Warner

Na página oposta, os dois camundongos detetives, Bernardo e Bianca. A malévola acima, que ameaça a pobre Penny, é Madame Medusa

ter Pan, falecido em 1976; Frank Thomas, Ollie Johnston e Milt Kahl, que se aposentaram depois do filme; Wolfgang Reitherman, que, entre outras façanhas, dirigiu a seqüência da luta contra o dragão em *A Bela Adormecida*, e que permaneceu ativo até sua morte, em 1985; Eric Larson, que recrutou os novos animadores e se aposentou em 1986, após colaborar no excelente *The Great Mouse Detective*, dois anos antes de falecer; e Art Stevens, que começou como assistente de Disney em *Fantasia* e se aposentou em 1983.

O filme ganhou um Oscar pela canção-tema, "Someone's Waiting for You", composta por Sammy Fain, Carol Connors e Ayn Robbins. Baseado nos personagens de duas novelas populares de Margery Sharp, *The Rescuers* e *Miss Bianca*, o desenho comporta ainda uma brincadeira com o historiador e crítico John Culhane, que fazia na época reportagens para o *The New York Times* sobre as diversas etapas da feitura de *Bernardo e Bianca*, e que subitamente viu-se retratado como o cúmplice de Madame Medusa, Mr. Snoops, tendo assim imortalizadas as suas feições em *cartoon* — essa arte que tanto admirava.

Contudo, o melhor de *Bernardo e Bianca* é a vilã Madame Medusa, cuja voz original pertencia à grande atriz Geraldine Page (recentemente falecida, e que ganhou um Oscar por seu trabalho em *O Regresso para Bountiful*). Medusa pertence à linhagem das "bruxas" de Disney, que se transformaram, nas suas encarnações modernas, em senhoras sofisticadas, aristocráticas, magras e ossudas, obcecadas por algum fetiche, pelo qual não hesitam em sacrificar inocentes. Em *Branca de Neve e os Sete Anões*, a Rainha despeitada se converte numa bruxa com olhos esbugalhados, nariz adunco, verrugas e corcova, para envenenar Branca de Neve; em *Cinderela*, Lady Tremaine humilha o quanto pode a desprotegida Gata Borralheira; a Rainha de Copas de *Alice no País das Maravilhas* substitui sua falta de imaginação pela compulsão de cortar cabeças; em *A Bela Adormecida*, Malévola, no auge da maldade, se transforma num dragão fumegante. Malvina Cruela, em *A Guerra dos Dálmatas*, quer fazer de 99 cãezinhos um casaco de peles para cobrir seu corpo esquálido. Feiticeira tradicional, que se transforma em gato, crocodilo e dragão, é Madame Min, em *A Espada Era a Lei*. Finalmente, pegando um pouco de cada uma dessas predecessoras, Madame Medusa, com sua alma criminosa, tiraniza uma pobre órfã. De cílios postiços, com obsessão por diamantes e ascendência sobre dois crocodilos, ela é a verdadeira estrela do filme.

Luiz Nazário

The Rescuers, EUA, 1977 ■ DIREÇÃO: Wolfgang Reitherman, John Lounsbery, Art Stevens ■ DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO: Ollie Johnston, Milt Kahl, Frank Thomas, Don Bluth ■ MÚSICA: Artie Butler ■ DIREÇÃO DE ARTE: Don Griffith ■ MONTAGEM: James Melton, Jim Koford ■ HISTÓRIA: Larry Clemmons, Ken Anderson, Frank Thomas, Vance Gerry, David Michener, Ted Berman, Fred Lucky, Burny Mattinson, Dick Sebast ■ PRODUÇÃO: Wolfgang Reitherman ■ DURAÇÃO: 77 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

Retrato preto-e-branco de uma filmagem em crise

O ESTADO DAS COISAS

de Wim Wenders, com Patrick Bauchau, Sam Fuller...

Quando um embevecido Wim Wenders recebeu, na Austrália, o telefonema de Francis Ford Coppola, convidando-o para dirigir na América, nem podia desconfiar que seu OK seria estopim do período mais conturbado em sua vida de cineasta. E que geraria uma obra-prima — só que no filme errado. Em fins de 77, Wenders, recém-convertido ao cinema "economicamente viável" com *O Amigo Americano*, procurava locações para seu novo filme — de ficção científica —, que queria rodar fora da Alemanha. Mas Hollywood ainda era um objetivo a médio prazo, e Wenders se divertia fotografando aborígines e estudando as estranhas paisagens australianas em que pretendia rodar *O Estado das Coisas* (era esse o nome do projeto), quando Coppola precipitou tudo. A proposta era adaptar mais um policial, *Hammett*, o romance recente de Joe Gores, em que o autor imagina o escritor Dashiel Hammett abandonando seus livros para investigar, na vida real, um caso criminal. Hammett, na juventude, foi realmente um detetive particular, e Gores imaginou para ele um último caso complexo, bem ao gosto das tramas do mestre da literatura policial americana. O problema é que, ao contrário de Gores — e de Coppola —, Wenders via esse *plot* menos como curiosidade policial e mais como oportunidade de fazer uma reflexão sobre a atividade criadora do artista. Os roteiros desaprovados, a partir de um primeiro adaptado pelo próprio Gores, se sucederam. Foram cinco, alternando alta filosofia e tramas rocambolescas...

À procura de seu produtor em Los Angeles, o diretor (Bauchau) interroga o advogado de ambos (vivido por Roger Corman, à direita)

Fotos Pandora

Foi apenas o início de um processo de cinco anos, marcados por estouros de orçamento, divergências de *casting* (de Robert De Niro — a opção inicial da produção — a Sam Shepard e Frederic Forrest, as sintomáticas e opostas preferências de Wenders e Coppola), problemas com a finalização de *Apocalypse Now*, de Coppola — que estava levando sua produtora Zoetrope à falência — e finalmente a recusa total e sumária dos copiões de 80% do filme, em que os lentos planos-seqüência de Wenders eram considerados intragáveis para o cinema americano.

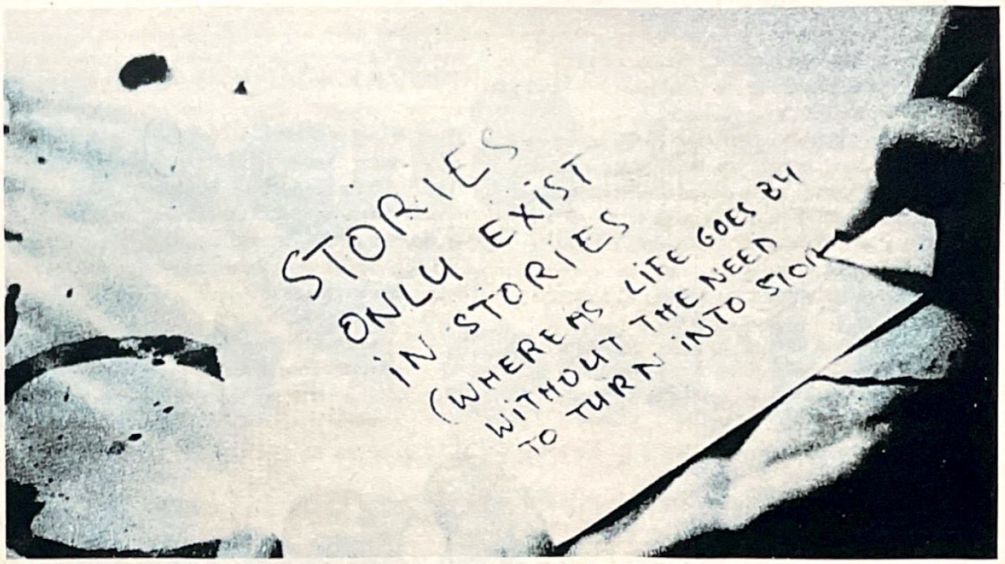
ÀS MOSCAS — Engraçado é, em plena atribulação, Wenders encontrar tempo para socorrer amigos. Raul Ruiz, o cineasta chileno radicado na França, estava perdido no litoral português, num hotel fora de uso, em uma região turística fora de temporada, com toda uma equipe franco-portuguesa às moscas: ele rodava seu filme de ficção científica, uma adaptação de um *B movie* dos anos cinqüenta, quando acabou a película e o dinheiro da produção. Num vôo entre Berlim e os EUA, Wenders baixou em Lisboa e daí ao litoral de Sintra, com as sobras de material que tinha tirado da geladeira de seu apartamento para ceder a Ruiz. De seus problemas e dos de Ruiz, Wenders, já no avião, começou a extrair um novo roteiro. Fasci-

nava-o a possibilidade de trabalhar com o veterano fotógrafo francês Henri Alekan, um dos "encostados" em Portugal, e, particularmente, em preto-e-branco (proposta que tinha sido rechaçada pelos produtores de *Hammett*). De resto, nos intervalos forçados da produção americana, Wenders já havia rodado *Lightning Over Water — Nick's Movie*, em que registra a agonia de Nicholas Ray, impossibilitado, pela idade e pela doença, de voltar a dirigir — um projeto que não só o manteve ativo como lembrava à Zoetrope da sua existência. (O problema mais recente com a produtora era o "seqüestro" de seu astro, Forrest, para *O Fundo do Coração*, do próprio Coppola...). Como no *Nick's Movie*, Wenders demonstrava mais uma vez a sua agilidade criativa, diante da inércia gigântica dos americanos: num prazo de vinte dias, levantou financiamentos em dois continentes, comprou película p&b em três (onde havia: normalmente esse filme pouco usado deve ser encomendado, e é entregue em três meses) e voltava a Portugal para iniciar as filmagens de... *O Estado das Coisas*, nova versão.

Wenders acabou seguindo Godard, fazendo não sua dobradinha policial-ficção científica (de *Acossado-Alphaville*), mas seu *O Desprezo*. Foi nesse filme que, enfrentando Carlo Ponti em questões como a nudez de Bardot, vista como necessidade comercial pelo produtor, Godard fez concessões (aparentes) para retaliar com gênio. Embutindo na trama todas as divergências possíveis entre um artista (o diretor Fritz Lang, representando a si mesmo), um roteirista conciliador e oportunista e um produtor troglodita; dessexualizando a nudez da atriz e desdramatizando o final cruel, Godard reafirmou sua mestria e seu controle sobre o produto final. Mas, como *O Desprezo*, *O Estado das Coisas* não pode passar à história como mera vingança. É mais.

MIRA DA MÁFIA — As primeiras imagens do filme são, efetivamente, de ficção científica: refugiados da guerra nuclear procuram alcançar o mar e uma chance de sobrevivência. O grito de "corta" é que inicia o drama: o fotógrafo (interpretado por Samuel Fuller, cineasta que já havia participado de *O Amigo Americano*) avisa ao diretor que estão se esgotando os últimos metros de filme. O produtor desapareceu, e dinheiro não há. Começa a lenta agonia do projeto e da equipe, contra o cenário de um Atlântico torturado (bem o oposto do plácido Mediterrâneo que assiste aos desentendimentos de *O Desprezo*...), até que o diretor (Patrick Bachau, um nítido *alter ego* de Wenders), tomado de brios e vestido de caubói (como Dennis Hopper em *O Amigo Americano*), anuncie que volta, sozinho, a Los Angeles, para saber o que está acontecendo. Lá descobre que os financiamentos de seu filme vinham da Máfia — a propriamente dita, e não a de Hollywood —, que, desconsolada com a pouca vocação comercial de seus copiões, está caçando o produtor. Em uma das melhores seqüências do filme, o diretor e o produtor rodam por Los Angeles em uma *motorhome*, explicando-se, reconciliando-se e discutindo velhos filmes de gângster... É como uma mão estendida a Coppola, o misto de *tycoon* e *outsider* da indústria. Juntos, enfrentarão a morte.

Wenders sobreviveu a *Hammett* (ao fim e ao cabo um filme híbrido — provavelmente pior do que seriam o *Hammett* de Wenders e, bem outro, o *Hammett* de Coppola —, que só se ilumina quando sugere que o escritor se vingava da realidade em suas histórias: o "garoto", um capanga que o personagem Sam Spade espanca em *O Falcão Maltês*, é sugerido por uma figura de quem Hammett, na verdade, tinha apanhado...). Mas sua história expatriada, a história da Alemanha derrotada e pilhada em suas raízes e um pouco da própria história do cinema ficam em *O Estado das Coisas*. Numa Europa nostálgica e lenta, que Wenders redescobriu em Portugal; numa Los Angeles dura e inextricável; na trilha maravilhosa de Jürgen Knieper (decalcada de suas próprias harmonias oblíquas de *O Amigo Americano*). E em preto-e-branco: "mais realista que a vida", como diz, a certa altura, o personagem de Sam Fuller. — *Alex Antunes*



Acima, no diário de uma atriz, as palavras do diretor evocam a metalinguagem do filme: "Histórias só existem em histórias...". Ao lado, o cineasta empunha sua câmera como uma arma

Der Stand der Dinge, Alemanha Oc., 1982 ■ DIREÇÃO: Wim Wenders ■ Com Patrick Bauchau, Samuel Fuller, Allen Goorwitz, Paul Getty III, Viva, Alexandra Auder, Camilla Mora, Isabelle Weingarten, Rebecca Pauly, Roger Corman ■ ROTEIRO: Wim Wenders e Robert Kramer ■ FOTOGRAFIA: Henri Alekan, Martin Schäfer e Fred Murphy ■ MÚSICA: Jürgen Knieper ■ MONTAGEM: Barbara von Weitershausen, Peter Przygodda ■ PRODUÇÃO: Chris Sievernich ■ DURAÇÃO: 120 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Globo

PROMOÇÃO POR TEMPO LIMITADO

Super Vídeo Prêmios Abril

SUCESSOS

WALT DISNEY HOME VIDEO

QUERIDA ENCOLHI AS CRIANÇAS

Incríveis efeitos especiais fizeram desta comédia um sucesso no mundo inteiro!

O Homem Pássaro

Suspense e ação que você vai adorar!

Disney's TICO E TECO DEFENSORES DA LEI

Três desenhos animados ultra divertidos e cheios de ação!

FESTA MÁGICA

Um show de desenhos animados irresistíveis!

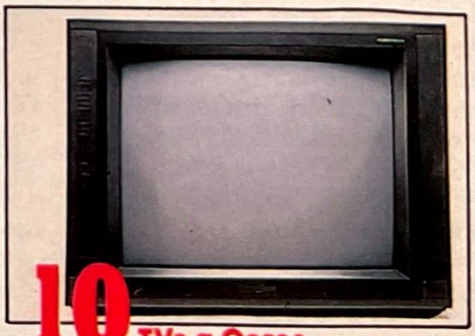
©The Walt Disney Company
© Buena Vista Pictures Distribution, Inc.

Número do Processo: 10168-002451/90

VEJA SÓ QUE

Sorteios dias 21/07 e 18/08

1 Câmera de Vídeo



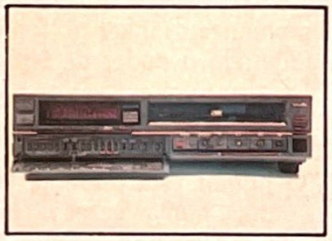
10 TVs a Cores

CHANCE DOBRADA!

Todo cupom concorre a dois sorteios: 21/07 e 18/08

Chegou a hora de você se divertir muito mais com os vídeos Disney e Touchstone. Além de assistir aos melhores filmes, você vai concorrer a valiosíssimos prêmios. É só passar na sua locadora preferida, pegar as fitas que aparecem neste anúncio, responder a duas perguntas simples sobre o que assistiu e pronto. Cada vídeo que você alugar dá direito a um cupom especial, que deve ser preenchido e enviado pelo Correio para a Abril Vídeo. Se a sua resposta certa for sorteada, você vai ganhar um super prêmio muito especial. Seja rápido. Não deixe para amanhã o sucesso que você pode ter hoje!

SUPER PRÊMIOS!



10 Vídeo-Cassetes

50 Fitas da Abril Vídeo

50 Assinaturas da Revista SET

abril vídeo

SP (011) 260-1352

Exitus/SMC

SUCESSOS

TOUCHSTONE HOME VIDEO

Os Três Fugitivos

Uma comédia cheia de carinho, aventura e confusão!

BABY O Mistério da Lenda Perdida

A luta de dois jovens para salvar o único sobrevivente dos brontossauros

TEX Um Retrato da Juventude

Para ele, não bastava apenas a vida. O importante era saber viver

DOIS TIRAS EM PONTO DE BALA

Uma caçada perigosa com muito suspense!

© Touchstone Pictures

Wes Craven apresenta seu mais recente vilão

SHOCKER

com Mitch Pileggi, Peter Berg, Cami Cooper...

Era de se esperar uma resposta do especialista em filmes de terror, Wes Craven, para o bombástico sucesso de sua confiscada criatura — Freddy Krueger. Craven idealizou e dirigiu o primeiro *A Hora do Pesadelo* (*A Nightmare on Elm Street*, 1984) e perdeu o controle sobre os direitos do personagem. A esperta produtora New Line, com cinco episódios lançados, vem obtendo um faturamento bastante polpudo com Freddy Krueger, transformando-o até em grife de butique. Movido por rancor e criatividade, Craven criou um novo modelo de vilão competitivo — Horace Pinker. O personagem surge em *Shocker — 100 000 Volts de Terror*.

Pinker é um careca truculento, ameaçador. Ele parece um *skinhead* nazi-fascista, americano ou europeu, ou um daqueles explosivos torcedores ingleses de futebol. Ele é um técnico de televisão, que conserta (?) grosseiramente os aparelhos, com fartos curtos-circuitos. Além disso, é um psicopata homicida que trucida famílias inteiras. O herói que enfrenta o maníaco é o jovem jogador de futebol americano Jonathan Parker (Peter Berg). Como um sensitivo, ele tem um sonho onde sua madrasta está sendo assassinada por Pinker. Nesse sonho, Jonathan presencia o morticínio a convite do criminoso. O rapaz acorda apavorado e procura seu padrasto, o tenente da polícia Don Parker (Michael Murphy), e lhe relata o estranho sonho. Na verdade é uma premonição, pois a madrasta de Jonathan, e todos na casa, foram realmente assassinados. Baseada nos sonhos do rapaz, a polícia sai no encalço de Pinker. Como vingança, o insano mata a namorada de Jonathan, a bela Alison (Cami Cooper). Em seguida Pinker é preso e vai para a cadeira elétrica.

Columbia Tri-Star

Na cadeira elétrica, Pinker (Pileggi) aguarda o choque que o fortalecerá para o confronto com o herói Jonathan (Berg)

Mas raça ruim não morre, e ele se alimenta da poderosa carga elétrica, transformando-se numa supercriatura — ainda mais apavorante. Nesse instante nasce o vilão imortal de Wes Craven, dotado de poderes elétricos. Seu corpo não mais existe, sua matéria é pura eletricidade. Tal qual em *The Hidden* (curiosamente de Jack Sholder, o diretor de *A Hora do Pesadelo II*), Pinker entra e sai dos corpos das vítimas transformando-as em assassinas circunstanciais. Os possuídos não têm controle sobre suas ações, assim como em *O Médico e o Monstro*, e sempre arrastam uma perna como Jack Nicholson em *O Iluminado*. O restante da trama é um duelo entre Jonathan e Pinker. Aos moldes de *A Hora do Pesadelo*, o confronto entre ambos se prenuncia sempre através dos sonhos. Mas a consumação do embate se dá por meio da televisão, processo muito semelhante ao de *Videodrome* (de David Cronenberg). A televisão é presença constante no festival da violência. Nela se vêem cenas de telejornal: guerras, enfrentamentos de rua, crimes e toda espécie de agressão contemporânea. Pinker e Jonathan adquirem o poder de entrar na TV e aparecem em vários programas enquanto lutam sem cessar. Essa seqüência é a mais divertida. O humor está presente em várias outras, muitas vezes no formato de videoclip e temperado com rock *heavy metal*. O uso (e abuso) de referências — *Morte nos Sonhos*, *Uma Noite Alucinante*, *Poltergeist* e terror da década de 40 — e o tratamento de história em quadrinhos fazem de *Shocker* um legítimo produto pop. Nessa guerra pela audiência, conseguirá o físico e brutal Horace Pinker derrotar o requintado Freddy Krueger? Não percam os próximos episódios.

Walter de Silva

Shocker, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Wes Craven ■ Com Mitch Pileggi, Peter Berg, Michael Murphy, Cami Cooper ■ ROTEIRO: Wes Craven ■ FOTOGRAFIA: Jacques Haitkin ■ MÚSICA: William Goldstein ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Cynthia Kay Charette ■ MONTAGEM: Andy Blumenthal ■ EFEITOS ESPECIAIS: Bob Phillips, Special Effects Services e Larry Fioritto ■ PRODUÇÃO: Marianne Maddalena e Barin Kumar ■ DURAÇÃO: 107 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

ESTAÇÃO DOÇURA

com Marianne Sagebrecht

Percy Adlon, cineasta da nova geração alemã, diretor do delicado *Celeste*, sabe que a paixão nasce sempre daquilo que é inoportuno e inesperado. Ou do próximo que nos parece estranho. Essa concepção está em *Estação Doçura*. Vejamos: a vidinha de uma funcionária de uma funerária (Marianne Sägebrecht) entre metrôs, defuntos, televisão e supermercados é quase um prolongamento da morte que ela manipula todos os dias. Um dia, tem um *click*, com a voz do condutor do metrô que ela pega rotineiramente.

Passa a espioná-lo, procura descobrir seu nome. Perfuma-se e coloca salto alto. Oferece-lhe um doce, compra uma cama de casal e convida-o para jantar em seu apê.

O jovem condutor (casado, que mede seus anos de matrimônio pelo número de prestações de "seus" bens) topa. Afinal, a terna gorducha trata seu docinho como ele nunca foi tratado pela esposa. A trama é banal como a vida. Adlon exacerba os traços nefastos de existências "normais". Balança a câmera oniricamente no vai-e-vem imutável do *subway*. Cerca a solidão de sua protagonista com azuis e rosas luminosos e salientes, numa obra terrível e engraçada.

Antonio Querino Neto

Zuckerbaby, Alemanha Ocidental, 1985 ■ DIREÇÃO: Percy Adlon ■ Com Marianne Sägebrecht, Eisi Gulp, Toni Berger, Manuela Denz, Will Splinder, Hans Stadbauer ■ ROTEIRO: Percy Adlon ■ FOTOGRAFIA: Johanna Heer ■ MÚSICA: Dreieier ■ MONTAGEM: Jean-Claude Piroué ■ PRODUÇÃO: Percy Adlon ■ DURAÇÃO: 86 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora ■ VÍDEO: Globo

Pandora

Marianne envolve Eisi, o condutor de metrô

Columbia Tri-Star

A nobre geração de ladrões: Adam (Broderick), Jessie (Connery) e Vito (Hoffman), roubando por fascínio.

Família que rouba unida permanece unida

NEGÓCIOS DE FAMÍLIA

de Sidney Lumet, com Connery, Hoffman, Broderick...

Se existe um diretor competente para desmontar as engrenagens da lei e do crime nos EUA, ele atende pelo nome de Sidney Lumet. *Limite de Segurança, Rede de Intrigas, O Veredicto, Daniel...* são títulos que nos remetem a diálogos bem montados e seqüências precisas. Nessa tendência, *Negócios de Família* se insere com grande coerência em sua vasta filmografia, fixando um estilo que não raramente injeta pequenas doses de veneno sarcástico em tramas aparentemente anódinas.

O filme é a história de um fascínio pelo crime que atravessa três gerações. "Na América cada geração faz tudo melhor, inclusive o roubo." Essa é uma das tiradas do avô Jessie (Sean Connery), ladrão sexagenário e sem cura que acaba de pagar fiança após ir em cana por agredir um policial. Nada errado. Afinal, segundo sua filosofia, "cadeia firma caráter", declara com seu "sangue ruim", produto da química de escocês com siciliana. O problema agora é o conflito de gerações: o filho, Vito (Dustin Hoffman), que também caiu na vida delituosa (por razões óbvias!), não quer que seu filho, Adam (Matthew Broderick), por sua vez, siga a mesma trilha.

Vito quer o filho dentro da moralidade e da segurança. "Mas desde quando viver é estar seguro?", retruca o avô bandido, que admira a sinceridade dos ciganos que gritam "vivam os ladrões!" O *teenager* (que largou uma promissora carreira) está propenso a cair também na ilegalidade familiar. E avô e neto convencem o pai (que tentou ser honesto) a juntos executarem um milionário e bem arquitetado roubo industrial. Broderick se estabelece aqui como um dos atores mais promissores e versáteis de sua geração. Hoffman está correto, embora pouco desapegado dos tiques *à la Rain Man*. Connery é o verdadeiro carro-chefe do filme, inundando-o com carisma e veracidade. Lumet monta com dramaticidade comedida e humor seco os percalços dessa quadrilha familiar, afundando-se com suas fraquezas diante da inexorabilidade da lei, da ordem, do dinheiro etc. E nos dribla (num filme equilibrado) com falsas reviravoltas que só agravam a sina trágica dos seus anti-heróis.

Antonio Querino Neto

Family Business, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Sidney Lumet ■ Com Sean Connery, Dustin Hoffman, Matthew Broderick, Rosana DeSoto, Janet Carroll, Victoria Jackson ■ ROTEIRO: Vincent Patrick, baseado em seu romance ■ FOTOGRAFIA: Andrzej Bartkowiak ■ MÚSICA: Cy Coleman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Philip Rosenberg ■ MONTAGEM: Andrew Mondshein ■ PRODUÇÃO: Lawrence Gordon ■ DURAÇÃO: 115 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Drama humano e delicado sobre a paternidade

QUASE UMA FAMÍLIA

de Jonathan Kaplan, com Glenn Close, James Woods...

Assim como *Três Solteirões e Um Bebê*, *Ela Vai Ter um Bebê* ou *O Tiro que Não Saiu pela Culatra*, este filme de Jonathan Kaplan (*Projeto Secreto — Macacos*) se insere numa tendência atual do cinema americano de valorização da paternidade. *Quase uma Família* trata da adoção.

Com onze anos de casamento, Linda Spector (Glenn Close) e Michael Spector (James Woods) não conseguem ter filhos. Kaplan não se importa em mostrar qual dos dois é infértil, mas revela que eles não conseguem ser felizes apenas na prosperidade material da bela Seattle, vivendo numa magnífica casa. Sozinhos, não se completam como família. Resolvem então adotar um bebê. Com um anúncio no jornal, procuram uma mãe que esteja prestes a dar à luz. Do Centro-Oeste americano, Lucy (Mary Stuart Masterson) liga para Linda e oferece o filho que está para nascer. A jovem gestante não tem condições financeiras de ficar com a criança — muito menos seu namorado roqueiro, Sam (Kevin Dillon). Linda aceita adotar o bebê e convida Lucy para ficar em sua casa em Seattle até o nascimento do rebento. Boa parte do relato é sobre a convivência pré-parto entre Linda, Lucy e Michael. Os três gozam alguns dias de plena felicidade e expectativa, que nem a súbita chegada do desmiolado Sam consegue interromper. O clímax do filme se dá quando nasce a criança. Nesse momento, tanto Lucy pode querer ficar definitivamente com o bebê como os Spector podem não mais querer adotá-lo.

Quase uma Família é contra o aborto, uma vez que Lucy, sendo muito pobre, poderia ter tirado a criança no início da gestação. O aborto não é um tema polemicamente discutido no Brasil como é nos Estados Unidos. Mas Kaplan trata do assunto com extrema delicadeza. É curioso também notar os excelentes James Woods e Glenn Close, famosos por seus neuróticos personagens, interpretar um casal sereno e harmônico. O argumento poderia ser o de uma refinada telenovela. Há o conflito social, mas há sobretudo o entendimento e a emoção, que não é piegas nem melodramática.

Walter de Silva

Acalentando seu bebê, a jovem Lucy (Mary Stuart Masterson) é uma mãe meiga e insegura

Columbia Tri-Star

Immediate Family, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Jonathan Kaplan ■ Com Glenn Close, James Woods, Mary Stuart Masterson, Kevin Dillon, Linda Darlow, Jane Greer ■ ROTEIRO: Barbara Benedek ■ FOTOGRAFIA: John W. Lindley ■ MÚSICA: Brad Fiedel ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Mark Freeborn ■ MONTAGEM: Jane Kurson ■ PRODUÇÃO: Sarah Pillsbury e Midge Sanford ■ DURAÇÃO: 95 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Carmen (Billie Zöckler), carente de sexo e dinheiro, coage seu rico seqüestrado

F. J. Lucas

DINHEIRO, DINHEIRO, DINHEIRO

de Doris Dörrie

Incensada por alguns críticos como "profunda", a alemã Doris Dorrie *(Centro do Coração, Paradise* e *Homens)* em cada novo filme revela a ausência de saídas de sua obra, perdida em pretensões inócuas de demolir o *status quo* e forçando situações insólitas. *Dinheiro, Dinheiro, Dinheiro* mostra Carmen Muller (Billie Zöckler), dona de casa "normal", proprietária de um marido, dois filhos e muitas dívidas.

Com problemas financeiros, ela simplesmente assalta um banco e rapta seu gerente *(sic)*, um jovem boa-pinta, seu vizinho. Como a necessidade dela não é só econômica, realiza todas as fantasias eróticas com o raptado, banhando-se (literalmente) com os marcos afanados. Paralelamente, seu marido abandonado entende-se com a igualmente abandonada garota do gerente. Uma troca de casais que se arrasta na pose de cinema "careta" querendo parecer "ousado"

Antonio Querino Neto

Geld, Alemanha Ocidental, 1988 ■ DIREÇÃO: Doris Dörrie ■ Com Billie Zöckler, Uwe Ochsenknecht, Sunnyui Melles, August Zirner, Sybille Waury, Fabian Körner ■ ROTEIRO: Doris Dörrie e Michael Juncker ■ FOTOGRAFIA: Helge Weindler ■ MÚSICA: Phillip Johnston ■ MONTAGEM: Raimund Barthelmes e Hana Müllner ■ PRODUÇÃO: Gerd Huber ■ DURAÇÃO: 95 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: F.J. Lucas

UM ROSTO SEM PASSADO

com Mickey Rourke

Alguém imagina o charmoso Mickey Rourke com cara de monstrengo? Walter Hill *(Encruzilhada)* meteu-o na pele de John Sedley, um ladrão incorrigível com o rosto desfigurado de nascença. (Ele é tão horrendo que faz parecer belo o ensebado e desdentado Rourke de *Barfly!*) Pego num roubo pelo tira Drones (Morgan Freeman), fica sob os cuidados do dr. Resher (Forest Whitaker, de *Bird*), que com uma plástica muda sua cara, sua vida e sua identidade, dando-lhe um novo nome e passado.

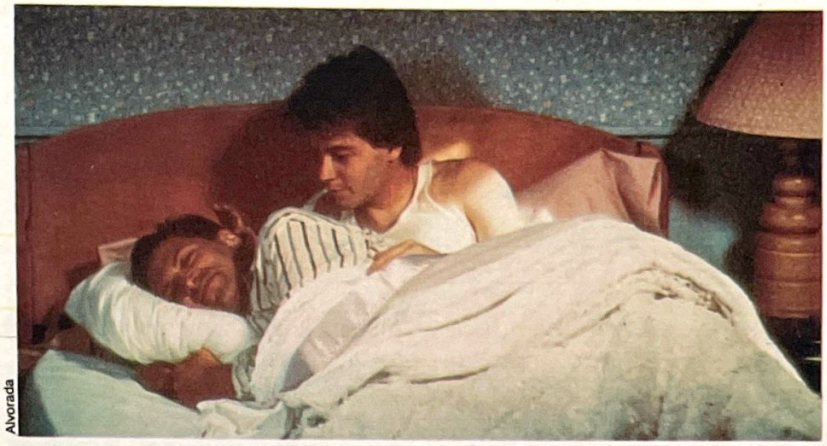
O cético Drones não acredita em sua regeneração. E, com seu novo "visual" (a velha cara do Mickey Rourke "gostosão", de rabinho-de-cavalo), Johnny não faz nada para desmentir o tira. Vai trabalhar num estaleiro, namora uma garota (Elizabeth McGovern), mas só pensa em se vingar dos antigos comparsas traidores. Com ecos de obras estreladas por Joan Crawford *(A Woman's Face)* e Humphrey Bogart *(Dark Passage)*, Hill fez um filme brutal, durão, mas pouco expressivo, apesar do esforço de Rourke em se aprofundar no grotesco papel.

Antonio Querino Neto

Johnny Handsome, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Walter Hill ■ Com Mickey Rourke, Ellen Barkin, Elizabeth McGovern, Morgan Freeman, Forest Whitaker ■ ROTEIRO: Ken Friedman, baseado no livro *The Three Worlds of Johnny Handsome*, de John Godey ■ FOTOGRAFIA: Matthew F. Leonetti ■ MÚSICA: Ry Cooder ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Rudolf ■ MONTAGEM: Freeman Davies, Carmel Davies e Donn Aron ■ PRODUÇÃO: Charles Roven ■ DURAÇÃO: 95 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

Columbia Tri-Star

Sunny (Ellen) não reconhece Sedley (Rourke)



Alvorada

No aconchego do leito, Alan (Broderick) acaricia o amante Arnold (Harvey Fierstein)

Homenagem amarga e doce aos homossexuais

ESSA ESTRANHA ATRAÇÃO

de Paul Bogart, com Matthew Broderick...

"A beleza só dá prazer até o sol nascer" — diz, maquiando-se no camarim em monólogo dirigido ao espectador, o travesti Arnold (Harvey Fierstein), ou melhor, a *sexy* Virginia Hamn, estrela fatal de uma espelunca nova-iorquina que canta ladeada por rapazes viris. Consciente da efemeridade do prazer físico, o desmunhecado Arnold reconhece ao mesmo tempo a sua queda pelos belos rostos e corpos. É 1971 e seguimos o bizarro Arnold, gay altivo que (contra os princípios de uma típica família judia) firmou-se na vida e na noite em saltos de seis polegadas e batom vermelho.

Baseado numa peça em três atos da Broadway (ganhadora do Tony) do próprio Fierstein, o filme dirigido por Paul Bogart *(Class of 44, E o Céu Continua Esperando)* mantém a estrutura de trilogia, numa homenagem amarga e doce às "vítimas da Aids". O desbocado e deslumbrado Arnold cai com prazer na lábia do loiro Ed (Brian Kerwin), um professor que se apresenta esclarecendo: "Sou sagitariano!" (Um atestado de bom desempenho erótico?) Mas Ed não é homo, é bi, e o inevitável acontece: namora uma garota e se casa.

Natal de 1973. Arnold está cantando, e um *pretty boy* (Matthew Broderick) o observa. O travesti reluta, mas de novo se cativa pela carne fresca. "Comigo, eles só querem sexo", declara Alan, o rapazola de 21 anos. "Comigo, só conversa", desabafa Arnold. Nasce um grande amor, que termina tragicamente. Depois, Arnold está vivendo de novo com Ed, e ambos adotam um adolescente *gay* para o definitivo susto da mãe judia (Anne Bancroft, magnífica). Ela esforça-se (sem sucesso) para engolir a "tendência" do filho. Ele aos poucos se torna também uma castradora *jewish mom* de sandálias de coelhinho. Soberbo o momento em que Bancroft, espumando, acusa o filho de blasfêmia por ele ler o *kaddish* (oração fúnebre) no cemitério para um *gay*. Broderick encarna com competência um papel perigoso que certamente decepcionará fanzocas mais afoitas. Bogart acabou fazendo uma convencional *love story* para entendidos, mas que certamente, pela honestidade, tocará um público bem mais amplo.

Antonio Querino Neto

Torch Song Trilogy, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Paul Bogart ■ Com Anne Bancroft, Matthew Broderick, Harvey Fierstein, Brian Kerwin, Karen Young ■ ROTEIRO: Harvey Feirstein, baseado em sua peça ■ FOTOGRAFIA: Mikael Salomon ■ MÚSICA: adaptada e conduzida por Peter Matz ■ MONTAGEM: Nicholas C. Smith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Richard Hoover ■ PRODUÇÃO: Howard Gottfried ■ DURAÇÃO: 119 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada

Duelo viril e depravação policial

JUSTIÇA CEGA

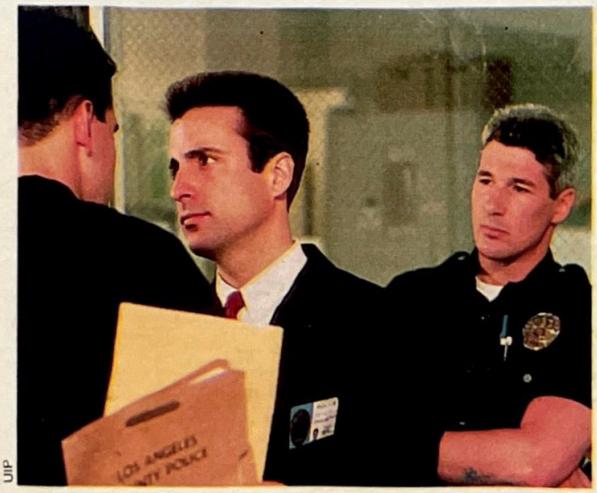
de Mike Figgis, com Richard Gere, Andy Garcia...

O espírito de consciência social do cinema americano parece ter-se voltado para um tema atualíssimo das metrópoles dos EUA — a integridade policial e o limite da sua "imunidade" enquanto guardiã da ordem e do bem-estar. O assunto é tratado com o estilismo *cool* do inglês Mike Figgis (*Dia Fatal*) em *Justiça Cega*, onde Dennis Peck (Richard Gere) é um policial de Los Angeles menos respeitado do que temido por seus colegas, a quem força a participar de crimes a troco de "proteção" na corporação. A história é semelhante à de *Q&A*, de Sidney Lumet, que penetra na rede de corrupção da polícia nova-iorquina (inédito no Brasil, é o mais recente e considerado um dos melhores trabalhos do cineasta). Como o policial falastrão vivido por Nick Nolte na fita de Lumet, Peck se aproveita da posição de tira veterano para ganhar dinheiro com tráfico de drogas e assassinatos. Ambos gostam de esbanjar virilidade: enquanto Nolte é o senhor dos travestis de Manhattan, Gere, casado três vezes (e ainda amante das ex-mulheres) reserva energia para freqüentar a cama das esposas dos companheiros de trabalho. Para investigá-lo, surge o não menos *macho* latino Raymond Avila (Andy Garcia), membro da divisão que cuida dos "casos internos" da polícia.

Enquanto Gere revive um *mix* de dois papéis anteriores, o psicótico de *À Procura de Mr. Goodbar* e o garanhão de *Gigolô Americano*, Garcia, depois de *Os Intocáveis* e *Chuva Negra*, amadurece seu tipo durão hispânico, que explode quando o suspeito insinua estar tendo um caso também com sua mulher, a gazela Nancy Travis (*De Caso Com a Máfia*). A obstinação de Raymond (que trabalha com ajuda de uma policial lésbica, a insípida Laurie Metcalf) revela mais lixo do que ele esperava sobre a plasticidade limpa das cores vivas de Los Angeles. Os passos da investigação são marcados pelo compasso angustiante da trilha sonora de Figgis (que já tocou com Brian Ferry). Ela dá o ritmo das batidas do coração ao duelo de virilidade e justiça em que se metem os protagonistas, e mantém a pulsação sensual de um filme sobre a calhordice da depravação policial com elegância britânica.

Mario Nery

Internal Affairs, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Mike Figgis ■ Com Richard Gere, Andy Garcia, Nancy Travis, Laurie Metcalf, Richard Bradford, William Baldwin ■ ROTEIRO: Henry Bean ■ FOTOGRAFIA: John A. Alonzo ■ MÚSICA: Mike Figgis, Anthony Marinelli, Brian Banks ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Waldemar Kalinowski ■ MONTAGEM: Robert Estrin ■ PRODUÇÃO: Frank Mancuso Jr. ■ DURAÇÃO: 117 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP



UIP

Oldman e Bacon: contentes com o veredito

Raymond (Garcia) investiga os atos de corrupção de Dennis (Gere) sob seu olhar desaprovador

INOCENTE OU CULPADO

com Gary Oldman

Hitchcock e De Palma já inventaram maníacos e assassinos tão ricos em aspectos psicossociológicos quanto a complexa (ou doentia) natureza humana permite. No caso de *Inocente ou Culpado*, o diretor Martin Campbell conta uma história difícil de engolir. Começa com o complexo de culpa do advogado Ben Chase (Oldman) por ter conseguido inocentar seu cliente Martin Thiel (Bacon). Na verdade, ele era culpado. Assassinava as clientes de uma clínica onde a mãe médica, a dra. Thiel (Elizabeth), cometia, legalmente, abortos em garotas solteiras. Ele asfixiava as meninas com fraldas. Não há qualquer suspense na resolução do mistério, uma vez que a trama é esclarecida no meio do filme. Gary Oldman (*Sid e Nancy*) e Kevin Bacon (*Footloose*) — mais o primeiro do que o segundo — têm cancha para enfrentar roteiros mais maduros. Aqui, o bizarro assassino, que deveria ser o mote para um belo clichê policial, chega às margens do ridículo.

Dilson Gomes

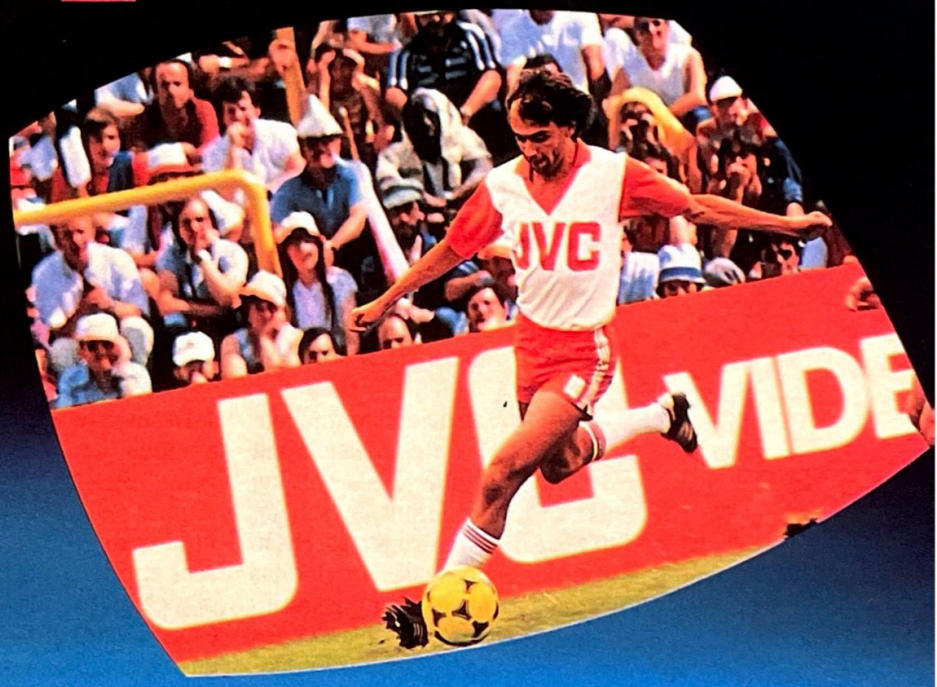
Criminal Law, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Martin Campbell ■ Com Gary Oldman, Kevin Bacon, Karen Young, Joe Don Baker, Tess Harper ■ ROTEIRO: Mark Kasdan ■ FOTOGRAFIA: Philip Meheux ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Curtis Schnell ■ MONTAGEM: Christopher Wimble ■ PRODUÇÃO: Robert Maclean e Hillary Heath ■ DURAÇÃO: 117 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Fox

O 1º TIME DO VÍDEO. COM UM ANO DE GARANTIA.

GARANTIA 1 UM ANO

Uma verdadeira seleção:
HR D 440 M – 4 Cabeças Double Azimuth; NTSC/PAL-M automático; ON SCREEN; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV).
HR D 641 M – Mais compacto. 4 Head Double Azimuth, com exclusivo corte ovalado; NTSC/PAL-M automático; Sistema MENU na tela; Tape Counter em tempo real; Controle Remoto Unificado (Vídeo/TV), com 29 funções; Sintonizador para 181 canais (VHF/UHF).
CÂMERA VÍDEO MOVIE GR-60 U – 1,2 Kg; cabe na palma da mão; CCD de altíssima resolução; obturador de velocidade múltipla e Zoom de velocidade dupla, com posição macro.
Faça sua seleção e escolha. A JVC tem os mais avançados equipamentos, exclusiva Garantia de 1 ano, estoques de peças originais e uma completa rede autorizada, treinada pela própria JVC. Só a JVC mesmo.



À venda na Zona Franca de Manaus.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144

ITALIA'90
O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

TECNOVIDEO é marca registrada da Tecnovideo Engenharia e Projetos Ltda.
JVC é marca registrada da Victor Company of Japan.

Warner

A formosa enfermeira Andy (Kelly Le Brock) tenta conter a fúria quebra-ossos do implacável Mason (Seagal)

Festival de pancadaria de mais um tira vingador

DIFÍCIL DE MATAR

de Bruce Malmuth, com Steven Seagal, Kelly Le Brock...

Quem já assistiu a algum rebento da série *Desejo de Matar* já viu esse filme. Só que, desta vez, no lugar de Charles Bronson está Steven Seagal, um astro em ascensão no ranking dos galãs trogloditas (*Difícil de Matar* rendeu quase cinqüenta milhões de dólares nos EUA). Ex-guarda-costas de políticos, faixa-preta em diversas artes marciais, Seagal, com suas pernas longas e seu jeito molengão, parece algo como Luís Fernando Guimarães, da *TV Pirata*, interpretando um ator de fotonovela italiana.

Como em seu trabalho anterior, *Nico — Acima da Lei* (e em 99% dos policiais americanos), Seagal é aqui um tira que manda o regulamento da corporação às favas e parte para a porrada contra os bandidos que infestam Los Angeles. Seu nome é Mason Storm e sua bronca é muito pessoal: os facínoras, a mando de um político corrupto, mataram sua esposa (Bonnie Burroughs) e mandaram-no todo crivado de balas para o hospital, de onde Storm só sairá depois de passar sete anos em coma, batendo o recorde de Christopher Walken em *A Hora da Zona Morta* (cinco anos).

Desde que ele se recupera, com a ajuda da formosa enfermeira Andy Stewart (Kelly Le Brock, mulher de Seagal na vida real), o filme é um festival de tiros, explosões e, principalmente, ossos quebrados. Essa, aliás, parece ser a especialidade de Seagal/Storm, que se compraz estraçalhando perônios, rádios, cúbitos, falanges e omoplatas. O curioso é que, a certa altura, Storm diz para Andy que foi criado no Oriente e lá ouviu de seu mestre que é melhor curar do que ferir o próximo. Ele não deve ter aprendido direito a lição, pois durante a hora e meia que dura o filme só cura uma pessoa — ele próprio — e mata umas trinta. As crianças — e os estudantes de anatomia — vão adorar.

José Geraldo Couto

Hard to Kill, EUA, 1990 ■ DIREÇÃO: Bruce Malmuth ■ Com Steven Seagal, Kelly Le Brock, Bill Sadler, Frederick Coffin, Bonnie Burroughs ■ ROTEIRO: Steven McKay ■ FOTOGRAFIA: Matthew F. Leonetti ■ MÚSICA: David Michael Frank ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Robb Wilson King ■ MONTAGEM: John F. Link ■ PRODUÇÃO: Gary Adelson, Joel Simon, Bill Todman ■ DURAÇÃO: 105 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner

O paizão Doug (Tony Danza) superprotege a filhona Katie (Ami Dolens) dos paqueras afoitos

Columbia Tri-Star

NÃO MEXA COM A MINHA FILHA

com Tony Danza

A única novidade relevante deste enésimo filme sobre adolescentes é apresentar a história do ponto de vista do pai descasado que não sabe como lidar com sua filha de 15 anos. Ciumento e superprotetor, este pai, Doug Simpson (Tony Danza, ator televisivo americano), entra em pane ao tentar conciliar seu passado de contestador do sistema, seu emprego de programador de rádio e sua situação de guardião natural da garota mais cobiçada do colégio (Ami Dolenz).

O ponto de partida até que é interessante, mas o problema é que o filme não tem ritmo, os atores são anódinos e as piadas quase todas gastas. O personagem mais interessante acaba sendo o do psiquiatra Fishbinder (Wallace Shawn), que escreveu o catatau *Daddy's Daughter* sem nunca ter tido uma filha. Sua picaretagem é comparável à do diretor do filme.

José Geraldo Couto

She's Out Of Control, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Stan Dragoti ■ Com Toni Danza, Catherine Hicks, Wallace Shawn, Dick O'Neill, Ami Dolenz, Laura Mooney ■ ROTEIRO: Seth Winston, Michael J. Nathanson ■ FOTOGRAFIA: Donald Peterman ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ MONTAGEM: Dov Hoenig ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: David L. Snyder ■ PRODUÇÃO: Stephen Deutsch ■ DURAÇÃO: 99 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star

SABE QUAL É A SELEÇÃO CAMPEÃ DE

É A SELEÇÃO TREINADA PELA VIDEO MIX

REPRESENTANTES
Curitiba / PR - (041) 247-3995 - Waldir
Campinas / SP - (0192) 31-0330 - Raul
Belo Horizonte / MG - (031) 222-5837 - Walter
Florianópolis / SC - (0482) 23-6975 - Nilo
Porto Alegre / RS - (0512) 21-0986 - Luis
Londrina / PR - (0432) 24-6116 - Ricardo
Anápolis / GO - (062) 324-0878 - Marcos

TELEMARKETING:
Silvia
Nazira
Eugênio
Silvio
Gerusa
Hélio

FILIAL - NORTE/NORDESTE
Av. Cons. Aguiar, 1175 - conj. 301
Boa Viagem - Recife / PE
Fone (081) 361-4008
Estoque permanente - Pronta entrega

VIDEO MIX DISTRIBUIDORA

PRODUTORAS
• AB • Abril • Alvorada • América • Argovídeo • CIC • Century • Colúmbia • DIF • DIV • Disney • Elite • Everest • F.J. Lucas • Fox Home • Globo • Herbert Richers • Jaguar • Look • Machine Vídeo • MGM • Mundial • Mega • Nacional • National Geographic • Office • Omni • PBV • Poletel • Polevídeo • Reserva Especial • Royalty • Sagres • Taipan • Tec Home • Top Tape • Transvídeo • Universo • Vic • Vídeo Ban • Vídeo Lips • Vídeo Plus • VTI • VMW • Warner • Wera's • Zircon • Univídeo

MATRIZ **VIDEO MIX DISTRIBUIDORA** - Rua Herval, 336 - Belém - São Paulo - SP - CEP 03062
FONES: (011) 93-9100 / 93-2526 / 93-5342 / 948-5939 / 291-5483

DICK TRACY AGORA NINGUÉM ESCAPA

O MARKETING SE REPETE. AO MENOS COM OS HERÓIS QUE SAEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA ENTRAR NO CINEMA. DEPOIS DE BATMAN, É A VEZ DE DICK TRACY VIRAR MANIA. NINGUÉM SE SAFA. NEM BANDIDOS, NEM FÃS, NEM OS INCAUTOS.

Na foto maior, Dick Tracy (Beatty). Acima, a sensual Breathless (Madonna). Abaixo, os vilões Itchy, Flattop, Influence, Big Boy e Numbers

DICK TRACY

Dick Tracy não é apenas um tira. Ele é *o tira:* bonito, viril, objetivo e decente até a medula. O lugar onde vive e atua não é uma cidade qualquer, como Chicago, Nova York, Metrópolis ou Gotham City — é simplesmente *a cidade*. Já os vilões que ele tem de enfrentar, bem, estes representam algo assim como as incontáveis caras do Mal.

Resgatar com fidelidade, numa superprodução cinematográfica deste final de século, a estrutura arquetípica que acompanhou as histórias do herói durante quase sessenta anos (ver box) era o desafio que faltava na fulgurante carreira do ator, diretor e produtor Warren Beatty. Coincidentemente — e como que prenunciando o futuro encontro desses dois ícones modernos —, Beatty nasceu no mesmo ano em que Dick Tracy chegava ao cinema pela primeira vez, 1937. Cinqüenta anos depois, o astro amargava seu primeiro fracasso profissional (*Ishtar*, de Elaine May) e resolvia sair da fossa ao seu modo, correndo riscos infinitamente maiores. Arregaçou as mangas e começou a preparar *Dick Tracy*, o filme, que só agora chega às telas do mundo, acompanhado de uma campanha promocional só comparável à que envolveu o lançamento de *Batman* no ano passado.

As semelhanças entre os dois filmes se resumem a isso e ao fato de ambos se basearem em histórias em quadrinhos mundialmente famosas. Pois se *Batman* era a celebração da ambigüidade, das sombras e nuances dos personagens e ambientes, em *Dick Tracy*, ao contrário, tudo é claro, simples e plano, como se seu realizador, contrariando a vocação naturalista e ilusionista de décadas de cinema, buscasse transpor para a tela a bidimensionalidade das tiras desenhadas. Mas o que parece uma coisa simples — afinal, a tela de cinema também é bidimensional — demandou meses e meses de pesquisa e trabalho de uma equipe excepcional de profissionais, liderada por três campeões de prêmios: o desenhista de produção Richard Sylbert (que ganhou um Oscar por *Quem Tem Medo de Virginia*

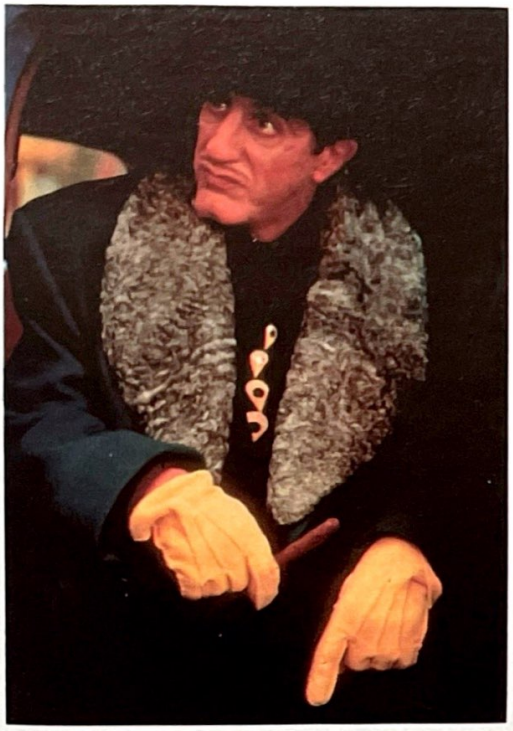
Acima, Tracy em seu carro. À direita, o herói com Breathless. À esquerda, com o amiguinho Kid, que na foto abaixo lê a notícia da prisão de seu ídolo

Fotos Warner

Woolf? e trabalhou em filmes como *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown*, além do inédito *A Fogueira das Vaidades*), o fotógrafo Vittorio Storaro (Oscar por *Reds*, *Apocalypse Now* e *O Último Imperador*) e a figurinista Milena Canonero (Oscar por *Barry Lyndon* e *Carruagens de Fogo*). Primeiro time é pouco para qualificar essa gente.

HERÓI EM APUROS — O enredo de *Dick Tracy* é simples como convém. Em 1938, o rei do crime, Big Boy Caprice — ninguém menos que Al Pacino, quase irreconhecível, sob a pesada maquiagem e o bigode fininho —, quer eliminar seu arquiinimigo Dick Tracy sem se incriminar. Engendra então um plano para fazer com que o detetive se torne suspeito de um assassinato que não cometeu. Enquanto Big Boy põe em marcha seu plano, emerge uma luta pelo poder entre os gângsteres da cidade, com a liderança de Caprice sendo ameaçada por The Blank, uma estranha figura sem rosto. O ponto de encontro dos vilões é a boate Ritz, onde canta a sedutora e perigosa Breathless Mahoney (Madonna), também empenhada em estragar o romance entre Dick e sua fiel Tess Trueheart (Glenne Headly). No time do herói estão o fiel policial Sam Catchem (Seymour Cassel) e o impetuoso Kid (o garoto Charlie Korsmo).

A galeria dos vilões — todos eles interpretados por atores famosos sob verdadeiras máscaras de maquiagem — merece um capítulo à parte. Além de Big Boy e The Blank, vão surgindo na tela os rostos conhecidos de Mumbles (Dustin Hoffman), 88 Keys (Mandy Patinkin), Lips Manlis (Paul Sorvino), Itchy (Ed O'Ross) e Flattop (William Forsythe), entre muitos outros. O único personagem que, paradoxalmente, não se parece com seu modelo dos quadrinhos é o próprio herói, Dick Tracy, interpretado por — alguém ainda não sabe? — Mr. Warren Beatty em pessoa. O ator-cineasta chegou a fazer uns testes de maquiagem, com o nariz retilíneo e o queixo quadrado do detetive, mas desistiu logo da idéia: "Eu ficava parecendo um traficante de armas



Acima, dois vilões da pesada: Big Boy Caprice (Al Pacino) e Flattop (William Forsythe). Abaixo, Dick Tracy no traço de seu criador, Chester Gould

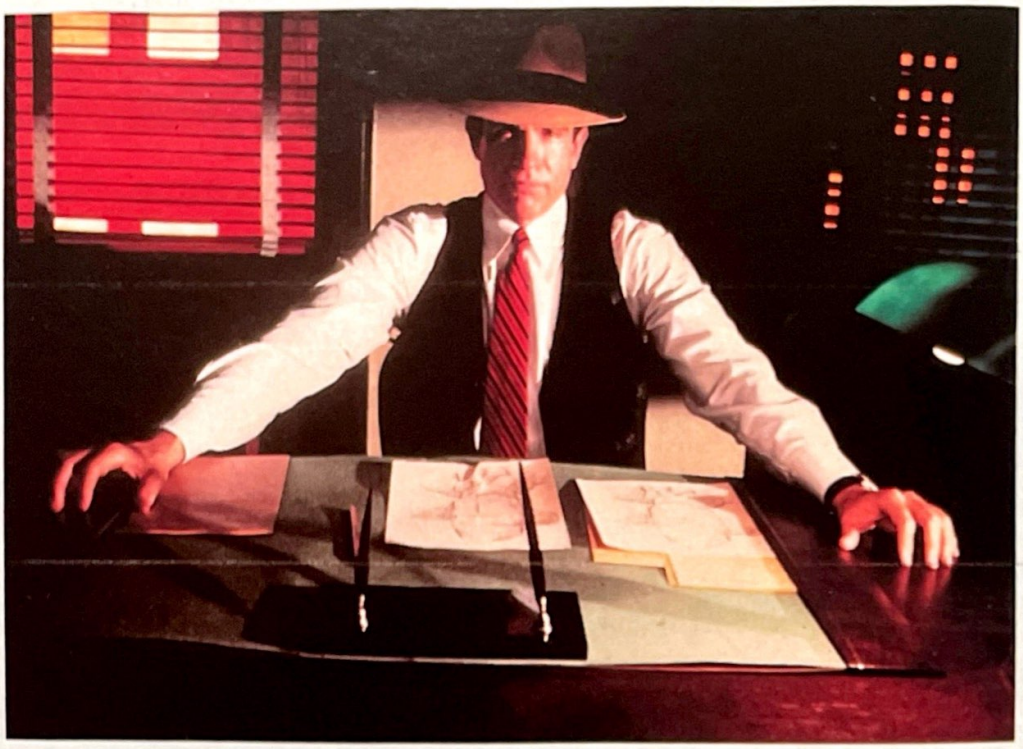
GRATA PERSONA

O detetive Dick Tracy é um fenômeno de mídia há seis décadas. Criado por Chester Gould (1900-1985), ele apareceu em outubro de 1931 em tiras diárias do jornal Chicago Tribune *e dali se espalhou para o mundo. Em 1950 seu rosto anguloso de pedra já aparecia em setecentos jornais, atingindo quinhentos milhões de leitores. No Brasil, Tracy aportou em 1938, nas páginas do legendário gibi carioca* Suplemento Juvenil. *Dick Tracy virou radionovela em 1935 e começou seu namoro com o cinema em 1937, quando a Republic produziu um seriado de quinze episódios com Ralph Byrd no papel do herói. Até 1941, a companhia realizaria mais três seriados, sempre com Ralph Byrd. Entre 1945 e 1947, a RKO produziu quatro longas, dois com Morgan Conway e dois com Byrd. Em 1950 o herói chegou à televisão, numa série da ABC, e em 1961 virou desenho animado, transmitido no* Archie Show *da CBS.*

A importância de Tracy para os quadrinhos e para toda a cultura de massa é inestimável. De acordo com o especialista Álvaro Moya, o personagem foi responsável, ao lado de Tarzan e Buck Rogers, pela era de ouro dos comics. *Contemporâneo dos romances policiais* noir *de Dashiell Hammett e Raymond Chandler, manteve com eles uma rica influência recíproca. A mesma relação de mão dupla ocorreu entre Tracy e os* gangster movies. *Alguns entusiastas chegam a afirmar que o clássico* Scarface *(1932), de Howard Hawks, foi influenciado pelo estilo "duro" e ritmo rápido das tiras de Gould. Indiscutível, de todo modo, é o pioneirismo de Dick Tracy em pelo menos dois aspectos: o realismo das cenas violentas (foi o primeiro quadrinho a mostrar um assassinato a tiros, ainda em 1931) e a galeria de vilões espetaculares, como Flattop, Big Boy Caprice e The Brow (o Testa). O equilíbrio entre humor e violência, realismo e fantasia também jamais seria igualado nos* comics. *Idéias de Gould seriam usadas décadas depois pelo cinema, como o rádio de pulso de Dick Tracy,* gadget *digno de James Bond.*

Cultuado por cineastas como Fellini, Godard, Antonioni e Resnais (que na adolescência filmou um Dick Tracy *em 8 mm), o detetive tornou-se um ícone da arte pop em 1960, ao ser pintado por Andy Warhol. Com a morte de Richard Fletcher (substituto de Gould desde 1977), em 1983, Dick Tracy saiu das tiras para entrar na História. A Disney lança agora uma nova série, mas o herói não é mais o mesmo: tem a cara de Warren Beatty.* J.G.C.

L&PM



Acima, Dick Tracy em seu escritório. Ao lado e abaixo, um mesmo local iluminado de modos diversos de acordo com a ação, pondo em destaque as cores primárias

Fotos Warner

libanês". Depois de muito refletir, Beatty chegou à conclusão de que era impossível para qualquer ator assumir os traços fisionômicos de Dick Tracy. "Ele é apenas um cara bonito, afinal", concluiu. E pode-se discutir qualquer coisa sobre Warren Beatty, menos que ele seja um cara bonito.

MAQUIAGEM PESADA — Os outros atores, menos afortunados, tinham de passar em média quatro horas diárias na maquiagem. "Depois dessa sessão de tortura, eu estava no ponto ideal para interpretar um assassino", brinca o ator William Forsythe (de *Arizona Nunca Mais* e *No Limite da Traição*), que teve de ficar com a cabeça achatada de Flattop (o próprio nome do personagem, como costuma acontecer na tira, descreve suas feições: "topete chato" ou "escovinha"). A maior preocupação dos maquiadores Doug Drexler e John Caglione Jr. (que trabalharam juntos também em *F/X — Assassinato Sem Morte*, *O Ano do Dragão*, *Cotton Club* e *Atração Fatal*, entre outros) era o perigo de deterioração da maquiagem durante o uso, nas filmagens. Se um ator comesse um lanche gorduroso, sua máscara facial podia dissolver-se; se adormecesse, podia amassar. Se a temperatura estivesse muito alta no *set*, a maquiagem simplesmente derretia. O pior é que depois de cada dia de filmagem tudo era jogado fora, e no dia seguinte começava-se da estaca zero.

Mais complexa e trabalhosa ainda foi a construção visual do filme. Para atender ao desejo de Beatty de se manter fiel ao máximo à simplicidade antinaturalista da história em quadrinhos, Storaro, Sylbert e Milena Canonero trabalharam conjuntamente durante meses, numa pesquisa que levou à opção pela utilização exclusiva de seis cores no filme: azul, amarelo, vermelho (cores básicas), laranja, verde e violeta (cores secundárias), além do branco e do preto. Além disso, eles definiram que essas cores seriam imutáveis, ou seja, todos os azuis do filme têm exatamente o mesmo tom, e assim por diante. Cada personagem é identificado

imediatamente pela cor de seu traje, que não muda durante o filme, exceção feita aos vestidos das mulheres.

O desenho dos cenários (por Sylbert) obedeceu ao mesmo princípio. Se existe um letreiro amarelo numa esquina, esse amarelo é exatamente igual ao do sobretudo de Dick Tracy, como se ambos tivessem sido pintados a mão pelo desenhista. Essa eliminação das nuances e das casualidades encontradas nos cenários convencionais (e na vida real) chegou a extremos na confecção dos objetos de cena. Cada pedaço do cenário foi povoado de coisas e acessórios em função da ação e dos personagens que se movimentam nele, de tal maneira que no escritório de Dick Tracy, por exemplo, os objetos foram dispostos e coloridos de modo a combinar (ou chocar-se) com a gravata vermelha ou o capote amarelo do detetive.

Uma dificuldade adicional a esse tipo de trabalho provinha do fato de que 90% das cenas do filme são noturnas, o que levou o experiente Storaro a buscar técnicas de iluminação que colocassem em destaque as cores desejadas. Paralelamente, a figurinista Milena Canonero pesquisou minuciosamente os tecidos que refletissem a luz de maneira adequada às cores das roupas.

Num filme com muitas cenas externas forjadas (rodadas na verdade em estúdio), impôs-se a necessidade de maquetes, e dezenas delas foram feitas. As mais admiráveis são um barco computadorizado, uma locomotiva a vapor e uma ponte. Para criá-las e fazê-las funcionar, Sylbert trabalhou junto com o especialista em efeitos especiais Harrison Ellenshaw, que entre outras coisas foi o responsável pelas maquetes de *Guerra nas Estrelas*. Ao todo, 250 pessoas trabalharam na equipe de produção do filme.

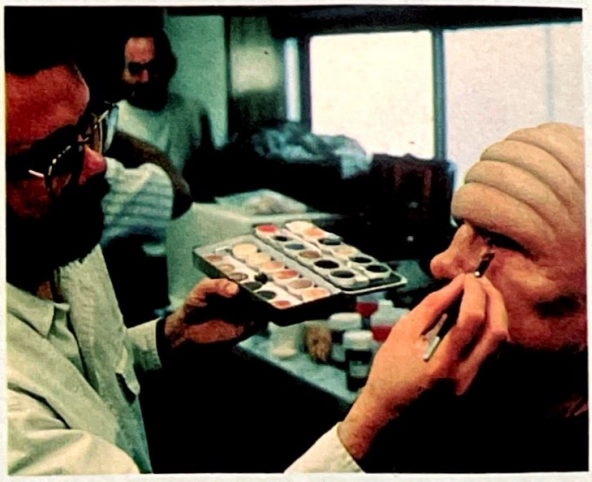
EXPRESSIONISMO — Todas as cenas foram rodadas em estúdio. O exterior do apartamento do detetive foi filmado nos estúdios Burbank, na chamada "seção *Annie*", remanescente dos cenários do filme homônimo dirigido por John Huston em 1982. Nos estúdios de quatro andares da Universal foram reconstituídos o orfanato, a central de polícia, o *night-club* Ritz e o restaurante. Todos eles foram projetados e construídos não com o objetivo de parecerem edifícios reais e sim "ícones, símbolos de edifícios", na definição de Sylbert. Para isso, esses ambientes foram despidos de todo e qualquer detalhe específico, ou seja, de detalhes que não fizessem

BEATTY, ACELERADO

Poucas carreiras cinematográficas foram tão brilhantes e multifacetadas quanto a de Warren Beatty. Ator, diretor e produtor, como seus companheiros de geração Robert Redford e Jack Nicholson, ele alia a aura de galã do primeiro com a independência criativa do segundo. Aos 53 anos de idade e trinta de cinema, ele não é apenas uma mina de ouro: é uma das maravilhas de Hollywood.

Nem poderia ser diferente. Bonito, inteligente e talentoso, Beatty não demorou muito para seguir a carreira da irmã mais velha, Shirley MacLaine. Mas antes de estudar arte dramática com Stella Adler e virar ator de teatro, teve tempo de ser campeão universitário de futebol americano e pianista de boate. Aos 21 anos subiu aos palcos de Nova York sob a direção de Joshua Logan, em A Loss of Roses. *Entrou no cinema pela porta da frente, fazendo um duo inesquecível com Natalie Wood em* Clamor do Sexo *(1961), de Elia Kazan. Começou nessa época sua rumorosa carreira de Don Juan que, pelas décadas afora, associaria seu nome a mulheres como Natalie Wood, Julie Christie, Isabelle Adjani e Madonna. Mostrou a mesma determinação e bom gosto na escolha dos diretores com quem trabalhou: John Frankenheimer (*Anjo Violento, *1961), Robert Rossen (*Lilith, *1964), Arthur Penn (*Mickey One, *1965), Robert Altman (*Quando os Homens São Homens, *1972)...*

Mas o desejo de participar das decisões empurrou-o muito cedo para trás das câmeras. Já em 1967, aos 30 anos, produziu Bonnie and Clyde, *de Arthur Penn, considerado um dos filmes da década, estrelado pelo próprio Beatty e pela bela/fera Faye Dunaway. A chegada à direção, levando em conta esse currículo, até que veio tarde. Foi em 1978, com* O Céu Pode Esperar, *simpática comédia romântica co-dirigida por Buck Henry. Cumprido esse ensaio, Beatty resolveu colocar na mesa todos os trunfos em seu segundo filme,* Reds *(1981), reconstituição épico-lírica da Revolução Russa que lhe valeu o Oscar de melhor direção. Nove anos e muitas conquistas amorosas depois, o eterno garotão volta com força total atrás e na frente das câmeras, carregando a dupla responsabilidade de perpetuar a legenda de Dick Tracy e a sua própria.* J.G.C.



Warren Beatty revê cenas junto a membros da equipe técnica. Na foto do meio, enquadra um take *com o fotógrafo Storaro. Abaixo, a paciente maquiagem do Pruneface*

parte da idéia orfanato, da idéia delegacia, da idéia night-club. Essa proposta de generalização radical comandou toda a produção do filme. Os rótulos das garrafas dizem apenas "cerveja", o cartaz da sorveteria diz apenas "sorvete", e assim por diante. Da mesma maneira, os automóveis são todos iguais. Despidos de ornamentos e marcas distintivas, eles não se parecem com nenhum carro específico, mas com a idéia "carro dos anos 37-38". Enfim, o máximo de simplificação conquistado por meio da mais extrema estilização. O avesso do naturalismo que impera no cinema americano atual.

De acordo com Sylbert, essa opção estética condiz com o estilo e a linguagem do criador de Dick Tracy, Chester Gould. "Ele não era um grande desenhista (no sentido técnico) como Alex Raymond (de *Flash Gordon*) e Hal Foster (de *Príncipe Valente*), mas era um esteta superior a ambos. Seu mundo era o de seres humanos, expressionistas, onde quem era mau *parecia* mau", define Sylbert.

No alto, Dick Tracy saindo da chefatura de polícia. Abaixo, o radiotransmissor do herói em plena ação

CAPRICHO E MILHÕES — Para transpor ao celulóide esse encanto, Warren Beatty e equipe gastaram cinco meses, só nas filmagens (de 1.º de fevereiro a 28 de junho de 1989), e outros tantos na pós-produção (revelação, tratamento fotográfico, montagem, mixagem). O orçamento inicial do filme era de 22 milhões de dólares, mas naturalmente esse número foi ultrapassado, e muito (fala-se até em 45 milhões), o que é compreensível se se levar em conta a envergadura da produção e, sobretudo, o elenco. Além de Beatty, Madonna, Pacino e Hoffman, há ainda aparições de astros do porte de James Caan, Dick Van Dyke, Charles Durning e George C. Scott. Outra estrela do filme, o radiotransmissor de pulso do herói, foi fabricado por um joalheiro de Santa Clarita, na Califórnia, ao custo de seiscentos dólares a unidade (são usados dez ao todo).

Fotos Warner

Amparadas por uma campanha publicitária maciça, a Disney (produtora) e a Warner (distribuidora) esperam não apenas cobrir esses custos como conseguir uma bilheteria igual ou superior à obtida por *Batman* no ano passado (251 milhões de dólares só nos cinemas dos EUA), sem contar os lucros provenientes da venda da marca Dick Tracy para utilização em diversos produtos. No Brasil, por exemplo, a Redibra, concessionária das marcas e produtos Disney, fechou contrato com várias empresas que utilizarão o logotipo do herói ou personagens do filme em camisetas, bonés, meias, cartões e até cuecas. A Editora Abril, que publica os personagens Disney no Brasil, editará os novos quadrinhos de Dick Tracy recém-lançados nos EUA pela própria Disney (os direitos das antigas tiras desenhadas por Chester Gould pertencem à Editora Globo, que talvez aproveite para relançá-las). Acompanhando o filme, estão nas lojas e nas FMs os dois discos da trilha sonora: um com músicas das décadas de 30 e 40 e outro com canções de Stephen Sondheim cantadas por Madonna (o LP chama-se *I'm Breathless*, referência à personagem interpretada por ela no filme, Breathless Mahoney).

Além disso, Mr. Beatty já está contando com os milhões de dólares que *Dick Tracy* deve render em vídeo, proximamente. Foi pensando nisso, aliás, que ele rejeitou a idéia inicial de filmar em Panavision: "Eu não queria que metade do filme ficasse fora da tela de TV". Confiante no sucesso, a produtora não esconde que já pensa numa continuação. Um nome já está garantido no elenco, além do chefão Warren Beatty: sua endiabrada namorada, Madonna.

José Emilio Rondeau e
José Geraldo Couto

Dick Tracy, EUA, 1990 ■ Direção: Warren Beatty ■ Com Warren Beatty, Madonna, Al Pacino, Dustin Hoffman, Charles Durning, Mandy Patinkin, Glenne Headly, Dick Van Dyke ■ Roteiro: Bo Goldman, Jim Cash e Jack Epps Jr., com base nos personagens criados por Chester Gould ■ Fotografia: Vittorio Storaro ■ Música: Stephen Sondheim ■ Desenho de produção: Richard Sylbert ■ Efeitos especiais: Harrison Ellenshaw ■ Montagem: Richard Marks ■ Coreografia: Jeffrey Hornaday ■ Figurinos: Milena Canonero ■ Maquiagem: John Caglione Jr. e Doug Drexler ■ Produção: Warren Beatty para a Disney Productions ■ Duração: 107 min. ■ Distribuição: Warner.

Você vai ganhar os tubos com o tv gigante da TVM.

Ninguém resiste ao fantástico visual do televisor de 1 ou 3 tubos da TVM.

Escolha um modelo de 50 a 200 polegadas, e prepare-se para deixar a melhor imagem de sua empresa nos congressos, treinamentos e auditórios.

Para o lazer nos hotéis, videobares ou em casa, o TVM é também uma excelente atração. Tem tela plana ou parabólica, imagem perfeita, som stereo, controle remoto, separação de áudio e entrada para dois videocassetes, para discolaser, tv a cabo, caixas acústicas e microcomputador. TVM de 50 a 200 polegadas.

Escolha o seu e ganhe vantagens tão grandes quanto este televisor.

TVM

O maior televisor do país.

Av. Babita Camargos, 1330 - Tel: (031) 331-1455 - Telex. 392696 - CEP 32200 - Contagem - MG
Show Room - São Paulo - SP - Av. Bandeirantes, 5201 - Tel: (011) 275-3103
Show Room - Belo Horizonte - Av. Bias Fontes, 541-A - Tel: (031) 335-1465

TOM HANKS

***Aos 34 anos de idade e nove de profissão, ele é um dos grandes nomes de Hollywood. Aqui, ele comenta seu novo filme,* Joe Versus the Volcano**

Quando Tom Hanks era garoto, crescendo nos subúrbios de São Francisco no meio de uma família confusa — "Meus pais se divorciaram e se reconciliaram tantas vezes que perdi a conta" —, amigos e vizinhos tinham um veredito a seu respeito: "Tom é barulhento, mas não é engraçado. Larry (o irmão mais velho de Tom) é que é engraçado".

Por conta, talvez, dessa crítica precoce, Tom resolveu ser um ator sério: estudou arte dramática — "Ibsen, Pirandello, Tchecov, esse pessoal" — e entrou para uma companhia shakespeareana em Nova York. Mas, como após meses de capa, espada e uma única fala nada parecia acontecer, ele decidiu tentar o cinema. Seu primeiro filme foi um *thriller* sub-B chamado *He Knows You're Alone*. O segundo chama-se *Splash — Uma Sereia em Minha Vida*, e nunca mais Tom Hanks foi o mesmo.

Hoje, 12 filmes depois, ele não tem mais dúvidas de que é engraçado. Muitos dos seus trabalhos não foram exatamente sucessos de crítica, e alguns apenas amornaram as bilheterias, mas, no saldo final, Hanks está definitivamente entre os nomes *top* de Hollywood, hoje. Por suas contas, seu escritório (nos estúdios Disney, esquina da avenida Mickey e rua Dunga) recebe 20 *scripts* por mês. E os poderosos da indústria "rolam no chão para me agradar, mas eu saio pela porta dos fundos e nem vejo".

Hanks está nas telas, neste primeiro semestre, como o angustiado Joe Banks, protagonista do filme de estréia do roteirista John Patrick Shanley *(Feitiço da Lua)* na direção: *Joe Versus the Volcano*. Convencido de que tem apenas seis meses de vida, Joe/Tom decide abandonar o emprego miserável que tem (arquivista de uma firma de suprimentos médicos) e rumar ao desconhecido — ou melhor, rumar a uma distante ilha do Pacífico e, lá, atirar-se na goela de um vulcão. Meg Ryan, em três diferentes papéis, é uma espécie de anjo da guarda dessa estranha odisséia. Depois de *Volcano*, Hanks tem à sua espera a *Fogueira das Vaidades*, de Tom Wolfe, adaptada para o cinema por Brian De Palma. E o que aconteceu com Larry, o irmão que era engraçado? "Ele estuda insetos numa universidade em Baltimore", Tom diz. "E, de fato, é muito mais engraçado que eu."

SET — *Dizem que você queria tanto estar em* Joe Versus the Volcano *que telefonou para John Patrick Shanley pedindo o papel de Joe Banks. É verdade?*

TOM HANKS (rindo) — É, é, é verdade. Quem contou isso? John? Ah, faz sentido...

SET — *Por que você queria tanto esse papel?*

HANKS — Eu me identifiquei muito com o dilema filosófico do personagem. É claro que não chego nem perto dele em termos de sofrimento, de penúria emocional e material, mas eu entendo o sentimento que ele tem — que perdeu sua essência, sua alma, sua humanidade. Ele não tem amigos. E, no início do filme, quando ele diz a Dede (Meg Ryan) que "está perdendo a sola (sole)", ele está se referindo ao sapato, é claro, mas pensando em outra coisa, em "soul" (alma).

SET — *Como um personagem com uma vida tão infeliz pode ter algo em comum com um ator tão bem-sucedido?*

HANKS — É verdade, eu tenho um emprego melhor, mais bacana. Mas estou sempre me perguntando se sou o melhor profissional, o melhor amigo, o melhor pai, filho, marido que posso ser. Existe sempre essa crise de confiança. Acho que todos nós temos aquela semana em que acordamos sempre na mesma hora, três da madrugada, nos perguntando: "O que é que está errado?"

SET — *Você tem seu vulcão pessoal? Algo misterioso no qual você tem de se decidir se vai se atirar ou não?*

HANKS — Humm... não... Nunca tive problemas para tomar as decisões necessárias na minha vida. Nunca penso muito antes de tomar decisões. E isso provavelmente contribui para o fato de eu ter essas crises de confiança e me perguntar: "Será que fiz certo? Será que perdi minha alma fazendo isso?"

SET — *Sua carreira está, em geral, associada a papéis leves, comédias.*

Existe um Tom Hanks dramático que o público ainda não conhece?

HANKS — Ah, sim, claro. O primeiro filme que fiz foi um sucesso tão grande que acho que saí pegando carona nele por uns outros quatro, cinco filmes, até achar um que realmente exigisse algo mais de mim. E esse projeto foi *Nada em Comum*. Muitas vezes você acaba fazendo um filme porque ninguém mais quer fazê-lo. Isso já me aconteceu várias vezes. E em geral eu aproveito essas ocasiões para, de certa forma, me pôr à prova.

SET — *Quando isso aconteceu?*

HANKS — No meu primeiro filme. Em *Splash* — ninguém queria fazer esse filme, acabou comigo. *Nada em Comum* também, de certa forma — esse filme chegou até mim por caminhos tortuosos... Por outro lado, eu tive que lutar por certos papéis. Eu tive que lutar por *Palco das Ilusões*, por exemplo.

SET — *Como é que você acaba envolvido em projetos fracos, como* Meus Vizinhos São um Terror, *por exemplo?*

HANKS — Ron Howard me mostrou a história de *Meus Vizinhos São um Terror* e eu vi potencial ali. Sou fascinado por esse tipo de personagem que um dia chega em casa e descobre que odeia tudo em sua vida. Mas o filme teve vários problemas, inclusive o fato de ter sido feito durante a greve dos escritores (que durou quase todo o ano de 1988 — N.R.) e não pôde ser reescrito como deveria. Ficamos todos nós — e havia muita gente talentosa envolvida nesse filme — algemados a um projeto sem poder desenvolver todo o seu potencial. Bem, *c'est la vie*.

SET — *Como você lida com o fracasso?*

HANKS — Do mesmo modo como lido com crítica. Não se pode ler uma crítica dizendo que você é o maior e levar a sério.

Liaison Gamma Sigla

Não se pode ler uma crítica dizendo que você não vale nada e levar a sério. Você tem que deixar essas coisas se diluírem. Você tem de sair de casa de manhã e voltar à noite sendo a mesma pessoa. Mas acho que o fracasso ensina mais. Você aprende mais sabendo o que não pode fazer do que sabendo o que pode fazer.

SET — *Quando você descobriu que era engraçado, que fazia as pessoas rirem?*

HANKS — Quando eu era muito garoto. Eu era moleque e imitava meu irmão na escola, e todo mundo ria. Sou um sujeito engraçado. Admito. Não posso evitar. Sempre fui assim. Acho que tenho sorte por ser assim. Na verdade, meus irmãos são muito engraçados. Minha irmã também. Reuniões de família, lá em casa, são impagáveis, um querendo aprontar mais que o outro. Mas só eu sou um profissional disso, de fazer rir.

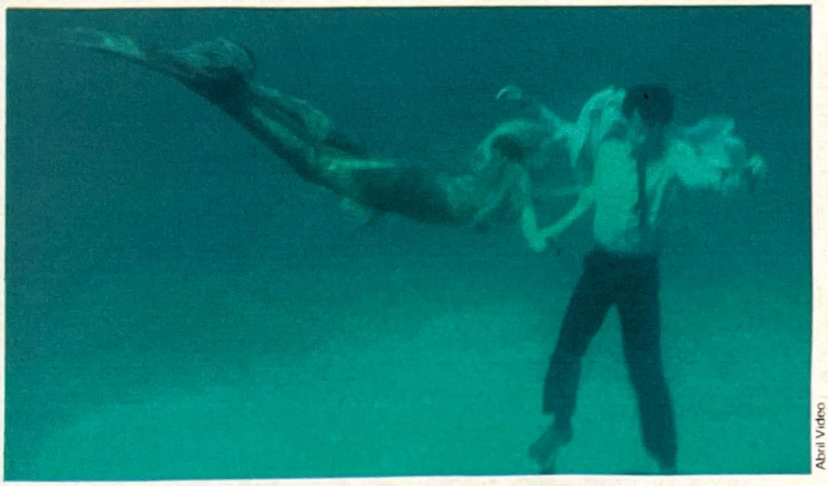
SET — *Você vai começar, agora, a filmar* Fogueira das Vaidades, *com Brian De Palma, num papel que não é necessariamente engraçado, muito pelo contrário — o do protagonista, Sherman McCoy. Como você está se preparando para este papel?*

HANKS — Do mesmo modo como para qualquer outro papel. Brian é quem vai definir o perfil final do personagem. O meu ponto de vista é de que não posso tratar o papel nem mais nem menos seriamente que qualquer outro que já fiz.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Joe Banks (Tom Hanks) e seu anjo da guarda (Meg Ryan) em cena de Joe Versus the Volcano

Warner



Abril Video

Fox

Columbia

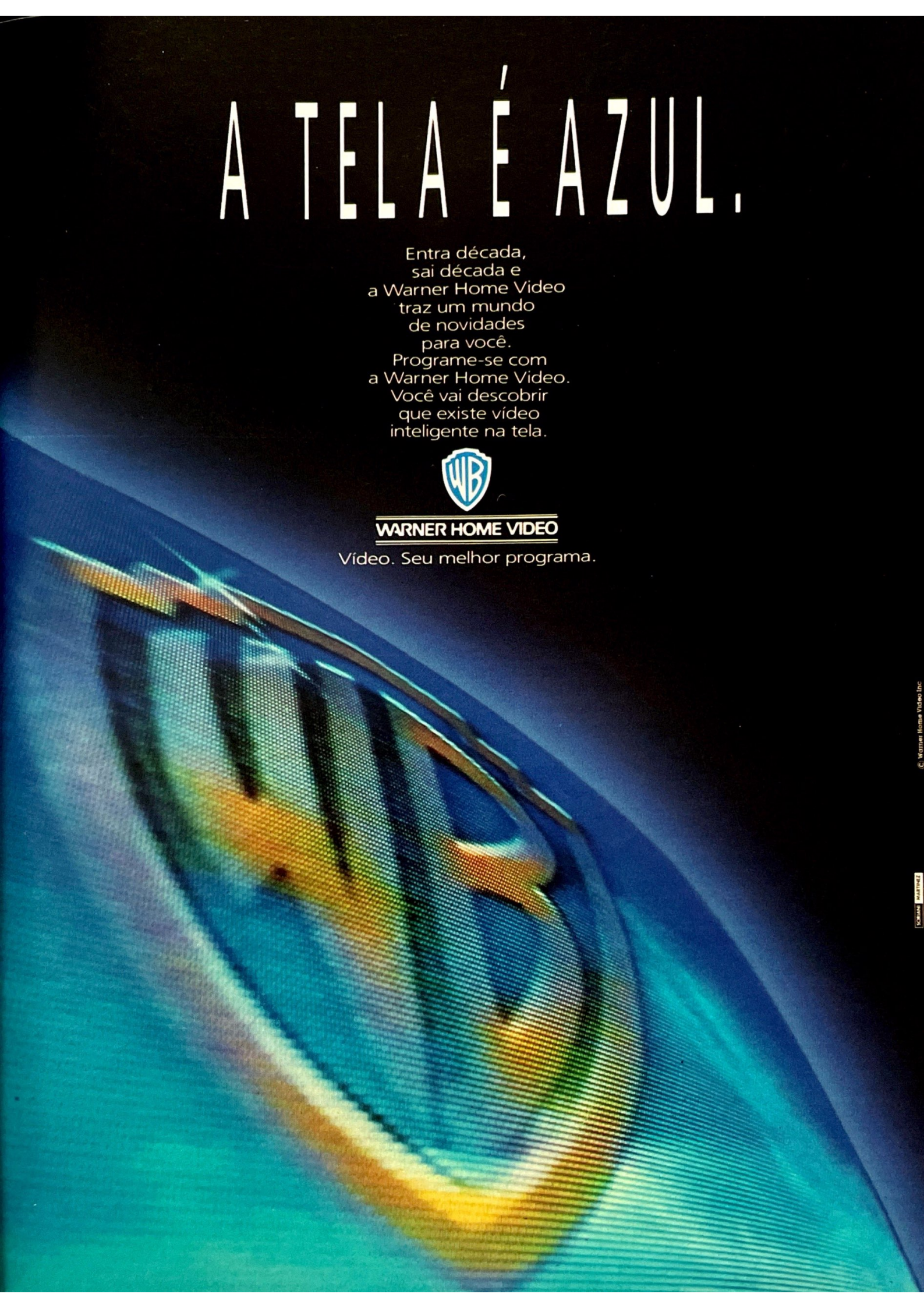
Acima, Hanks com a sereia Daryl Hannah em Splash. *À esquerda, com Jared Rushton em* Big. *À direita, o astro em* Palco das Ilusões

A TELA É AZUL.

Entra década,
sai década e
a Warner Home Video
traz um mundo
de novidades
para você.
Programe-se com
a Warner Home Video.
Você vai descobrir
que existe vídeo
inteligente na tela.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo. Seu melhor programa.



© Warner Home Video Inc

GRETA GARBO

Um caso de amor com a câmera, que escolheu a solidão e o exílio voluntário, na vida e na arte

Sofar-Film-Production

Garbo num de seus primeiros filmes, **Rua das Lágrimas,** *produção alemã de 1925, dirigida por G.W. Pabst. À direita, Garbo dança no seu último filme,* **Duas Vezes Meu,** *dirigido em 1941 por George Cukor*

Fotos MGM

"Imagem, vida última dos seres."
Carlos Drummond de Andrade

O estranho carisma e o abandono precoce das telas transformaram-na no maior mito do cinema. Só um mito pode morrer duas vezes: primeiro, ela saiu do cinema para entrar na vida particular; depois, morreu em vida para viver só na história do cinema.

A musa absoluta de Hollywood nos anos 20 e 30, de beleza clássica nos limites da perfeição, origem da famosa expressão "caso de amor com a câmera", estendeu seu primado para a eternidade. Chamada de Esfinge do Norte, apoderou-se do segredo da divindade e devorou os mortais que não souberam compreender seu enigma. Ninguém jamais solucionou o mistério Greta Garbo, mas todos foram por ele seduzidos.

O mito ancestral da esfinge serve à atriz em dois sentidos proféticos. A expressão egípcia que originou a palavra esfinge é traduzida por "imagem viva", e a descrição grega a apresenta como uma figura metade leão e metade mulher. Greta Garbo é essencialmente essa imagem viva, real e palpável somente no escuro das salas de cinema, metamorfoseada em heroínas densas e patéticas, metade mulher, metade construída nos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, cujo símbolo era um leão. Para entrar no imaginário dos espectadores e realizar-se mito, a estrela era sempre precedida pelo rugido do leão.

Greta Louisa Gustafsson nasceu em Estocolmo, Suécia, em 18 de setembro de 1905. Caçula de três irmãos, com uma infância pobre e difícil, só se destacou na escola

Sipa-Press

Ao lado, Garbo ri. Com Mata Hari *(1932), acima, um décor luxuoso e boatos posteriores de "dedurismo"*

por sua timidez e retraimento. Com a morte do pai, aos 14 anos, começou a trabalhar numa barbearia, onde trocava toalhas, afiava navalhas e ensaboava o rosto dos fregueses. Até essa fase de sua vida, nada indicava o brilho de seu futuro.

Mas, quando foi trabalhar como vendedora nas lojas do Magazine Berstron, sua estrela começou a reluzir. O chefe notou sua beleza incomum, convidou-a para trabalhar como modelo fotográfico e posar para o catálogo de lançamento da coleção de chapéus para a primavera. A incrível fotogenia da garota de 15 anos impressionou o diretor de filmes publicitários Lasse Ring, e Greta fez dois curtas-metragens.

NOVA YORK — Estimulada pelos elogios, apresentou-se voluntariamente ao diretor de cinema Eric A. Petchler, que a conhecera num desfile de modas da loja. Do encontro resultou a estréia no cinema, aos 17 anos, com o filme *Luffar-Petter* (1922), e sua inscrição na Academia Real de Arte Dramática.

No ano seguinte, o diretor finlandês, já consagrado no cinema sueco, Mautritz Stiller visitou a Academia à procura de uma jovem atriz para fazer a Condessa Elizabeth no filme *A Saga de Gösta Berling* (1924). Com a promessa de emagrecer dez quilos e afinar as sobrancelhas, Greta ganhou o papel e seu primeiro contrato profissional.

Por essa época, o chefão da MGM, Louis B. Mayer, estava em Roma e resolveu dar uma esticada para procurar novos talentos. Assistiu *A Saga...* e contratou Stiller por três anos, com sua atriz predileta a tiracolo, exigência do diretor. Em 1925, o casal atracou em Nova York.

A paciência para superar o isolamento das primeiras semanas valeu a pena. Enquanto Stiller tinha problemas com o direcionismo dos produtores americanos, Greta estrelou o filme *Os Proscritos* (1926), no papel de uma espanhola que perde seu amor de infância para recuperá-lo na maturidade. Foi um sucesso, anunciando um futuro lucrativo para a MGM.

Terra de Todos (1926) começou dirigido por Stiller, mas o rompimento do contrato o fez ser substituído por Fred Niblo, e o isolamento de Garbo, sem seu único amigo na América, começou a delinear sua personalidade reservada e arredia, que iria ajudar a construir o mito. No ano seguinte, no filme *A Carne e o*

MGM

A Esfinge do Norte, de beleza clássica nos limites da perfeição: mistério na sensualidade e na melancolia

MGM

Diabo (1927), o encontro com seu *partner* John Gilbert, depois amante, deu o impulso decisivo para a já estrela começar a preferir a solidão. A imprensa comentou, insinuou, inventou fatos sobre o tórrido romance dos ídolos do público, e Garbo ficou descontente, sentindo-se invadida na sua privacidade nórdica.

O namoro não deu em nada, como os outros casos noticiados, ou com o maestro Leopold Stokowski ou com o nutricionista Gayelord Hauser. A sua inaptidão com os homens lhe valeu a fama de homossexual, em função também de sua voz grave e do número de seus sapatos: Greta calçava 43, segundo a escritora e amiga Anita Loos.

CIDADÃ ARISCA — O sucesso estrondoso de seus filmes permitiu-lhe exigências contratuais antes inconcebíveis para uma atriz: desobrigação de fazer publicidade dos filmes, primazia na escolha de roteiros, diretores, atores e fotógrafos, *set* de filmagens esvaziado para suas cenas e salários miliardários.

O cinema falado aumentou ainda mais sua popularidade, e sua voz de contralto, áspera, rouca e profunda, depois de esperada por 36 minutos de projeção de *Anna Christie* (1928), encantou ainda mais seus fãs. De filme em filme Greta ia se transformando em deusa das telas e cidadã fugidia do mundo. Sua última entrevista oficial foi em 1928, e tudo o que se fala de sua vida após essa data são apenas conjecturas, versões.

Em 1932, a estrela publicou um artigo de sua autoria na revista americana *Liberty*, em que escrevia sobre o casamento e confessava a impossibilidade de — na condição de atriz, com uma imagem pública tão forte — unir-se de forma duradoura a alguém. De fato, nunca se casou. Nesse mesmo ano, seu papel de espiã em *Mata Hari*, numa produção luxuosíssima, com figurinos belíssimos, desenhados por seu modista exclusivo, Gilbert Adrian, além de aumentar sua sensualidade e sucesso, alimentou mais boatos. Comentou-se, durante a Segunda Guerra Mundial, que a atriz havia "dedurado" amigos suecos de esquerda.

A Academia de Hollywood nunca a premiou, apesar de suas quatro indicações para melhor atriz em *Anna Christie*, *Romance*, *A Dama das Camélias* e *Ninotchka*. Em 1935 e 1937 recebeu da Associação dos Críticos de Nova Iorque o prêmio que a Academia lhe negara. Esta, para se redimir, deu-lhe um Oscar Especial em 1954. Greta mandou uma amiga receber.

Aos 36 anos, assustada com a fraca repercussão de *Duas Vezes Meu* (1941), a Esfinge do Norte retirou-se das telas para um descanso do qual nunca mais voltou.

Desde então, escondida sob chapéus imensos, atrás de óculos escuros, com poucos amigos, quase nada soube-se dela. A entrada para sua vida pessoal esteve sempre muito bem vigiada. Boatos de vários romances, casos a três, amizades femininas muito especiais lhe foram atribuídos. No dia 15 de abril passado, aos 84 anos, Greta Garbo morreu pela segunda vez. Também definitiva. O mistério de sua vida estendeu-se para sua morte. Soube-se apenas que suas cinzas iriam ser jogadas no Pacífico, na Suécia ou na Riviera Francesa, onde costumava nadar.

E o enigma Greta Garbo continua. Se foi boa atriz não importa, sua vida foi o cinema. E, para não envelhecer frente às câmeras, morreu para seu público no frescor de sua maturidade. Se em *Grande Hotel* (1932) pronunciou a profética frase de sua vida "I want to be alone", foi em *A Dama das Camélias* que sua imagem antecipou o futuro. Na cena em que, irresistivelmente bela, vestida de branco, rejeita o amor de sua vida e caminha para o castelo do amante odiado, sob as estrelas da meia-noite, por uma trilha cravada no imenso gramado verde, até se perder atrás das árvores, em direção ao nada, Greta fez o mesmo percurso que iria repetir em 1941, pela mesma razão: por amor de seu público, para permanecer viva somente na memória, desapareceu, magnífica. Misteriosa. Solitária. Vida e arte reproduzindo os mesmos momentos. A Esfinge do Norte continua "imagem viva", como desejou há cinqüenta anos. Sem que ninguém desvende seu enigma.

Fátima Gigliotti

VEM AÍ A VIDEO MARKET 90

A Video Market 90 vai ser o maior encontro nacional do mercado de video. Durante 4 dias se reunirão nesse evento os setores mais representativos do mercado,no melhor 5 estrelas da serra Gaúcha,com toda a infra-estrutura para a realização de um grande evento.

- A II Feira Nacional de Equipamentos, Acessórios e Serviços colocará à sua disposição o que há de mais moderno no setor.
- O I Salão Nacional de Video,* terá 44 escritórios para comercialização de home video e toda a estrutura para atender as video locadoras e lojistas.
- O I Festival Sul-americano de Video Produção,premiará nas categorias amador e profissional as melhores produções independentes de VT, num evento paralelo ao Festival de Cinema de Gramado.
- O I Fórum Nacional do Video Doméstico discutirá a realidade do mercado. Ao final do evento será produzido um documento em Video a ser entregue ao Congresso e à Presidência da República,com as principais reivindicações do setor.

* Aberto exclusivamente a profissionais da área.

Video Market 90. Você não pode ficar fora do maior evento de Video que o país já viu.
De 02 a 05 de agosto no Hotel Laje de Pedra em Canela - RS.

Realização:

Feninvest

LEÃO VIDEO PROMOÇÕES

Informações fones: (0512) 43 6067/21 5064-POA-RS

Video market 90

Patrocínio:

CHOCOLATE CACAU CEARÁ DA PEAWER

A delícia que derrete na boca.

O CARO SAI BARATO

Em meio a pacotes, impostos e sustos na economia, ótimas edições importadas custam uma pechincha

Para o leitor cinéfilo, as notícias são boas. Se o mercado de livros nacionais, contaminado pela febre de remarcações anterior ao plano, e viciada por uma política editorial subdesenvolvida, transformou o livro em objeto de luxo, inacessível aos mortais, a liberação do câmbio veio trazer novidades instigantes no comércio de livros importados.

Alguns dos melhores livros do mundo — grandes álbuns com fotos deslumbrantes ou excelentes ensaios teóricos — estão comparativamente bem mais baratos que os nacionais. Para o leitor que consegue enfrentar um texto original em francês, inglês ou espanhol, as ofertas nunca foram tão tentadoras.

INGLESES — A Freebook, distribuidora de livros importados, deu a partida na caçada ao leitor.
Abriu suas portas para venda direta ao consumidor final, com uma inovação no sistema de preços que pode influenciar positivamente o mercado: os livros americanos são vendidos pelo dólar oficial, em sua cotação diária, os ingleses com a libra até três vezes mais barata que nas livrarias, o mesmo acontecendo para os livros franceses, em franco.

Com essa iniciativa brilhante, cai por terra o reinado do "dólar-livro" e todas as variações da moeda-livro, que as livrarias inventaram por inúmeras razões, como a inclusão no preço do livro do imposto de importação. O "dólar-livro" chegava a ser mais de duas vezes maior que o dólar oficial.

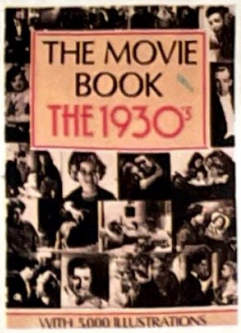
Manoel Dias Ferreira Neto, diretor da Freebook, afirma que sua política de preços "não se trata de promoção".

E que ganhem os leitores, desta vez. O fã de filmes de animação, o cultor do terror, quem quer conhecer melhor a história dos estúdios e do cinema ou o cinema francês, tudo o que se passa nas telas pelos quatro cantos do planeta, têm aqui algumas opções em conta.

The History of Animation — Enchanted Drawnings, editado pela Alfred A. Knopf, NY, 300 págs., mostra a evolução da animação até a década de 80, com mais de 400 ilustrações, capa dura, pelo preço de 10 entradas de cinema. Já *The Art of Special Effects*, Amphoto, NY, 144 págs., é um guia completo sobre como usar os equipamentos e o material gráfico e criar você mesmo efeitos especiais, por US$ 22,50. É só multiplicar pelo câmbio oficial.

O mesmo acontece com *The Story of Hollywood*, da NAL, NY, 336 págs. e mais 225 fotos, por US$ 9,95, equivalente ao preço de três refeições no MacDonald's. *The Columbia Story*, Pyramid Books, Honk Kong, 400 págs., conta a história completa do estúdio e de todos seus filmes até 1988. De capa dura, com mais de 1 400 fotografias de seus astros e estrelas, US$ 19,95, custa menos que nove entradas de cinema. Se você quer mais, tem: *The Universal Story*, Crown Publishers, NY, 400 págs., 1 200 ilustrações, US$ 16. Já *The Best of MGM*, Bison Group, Londres, 192 págs., com mais de 240 ilustrações, capa dura, US$ 8, equivale à bagatela de cinco diárias de uma fita de vídeo. Tem ainda *United Artists Story* e outros para todos os gostos, histórias de astros das telas, diretores, cinema francês, alemão, nessa mesma faixa de preços. Bom para o seu bolso.

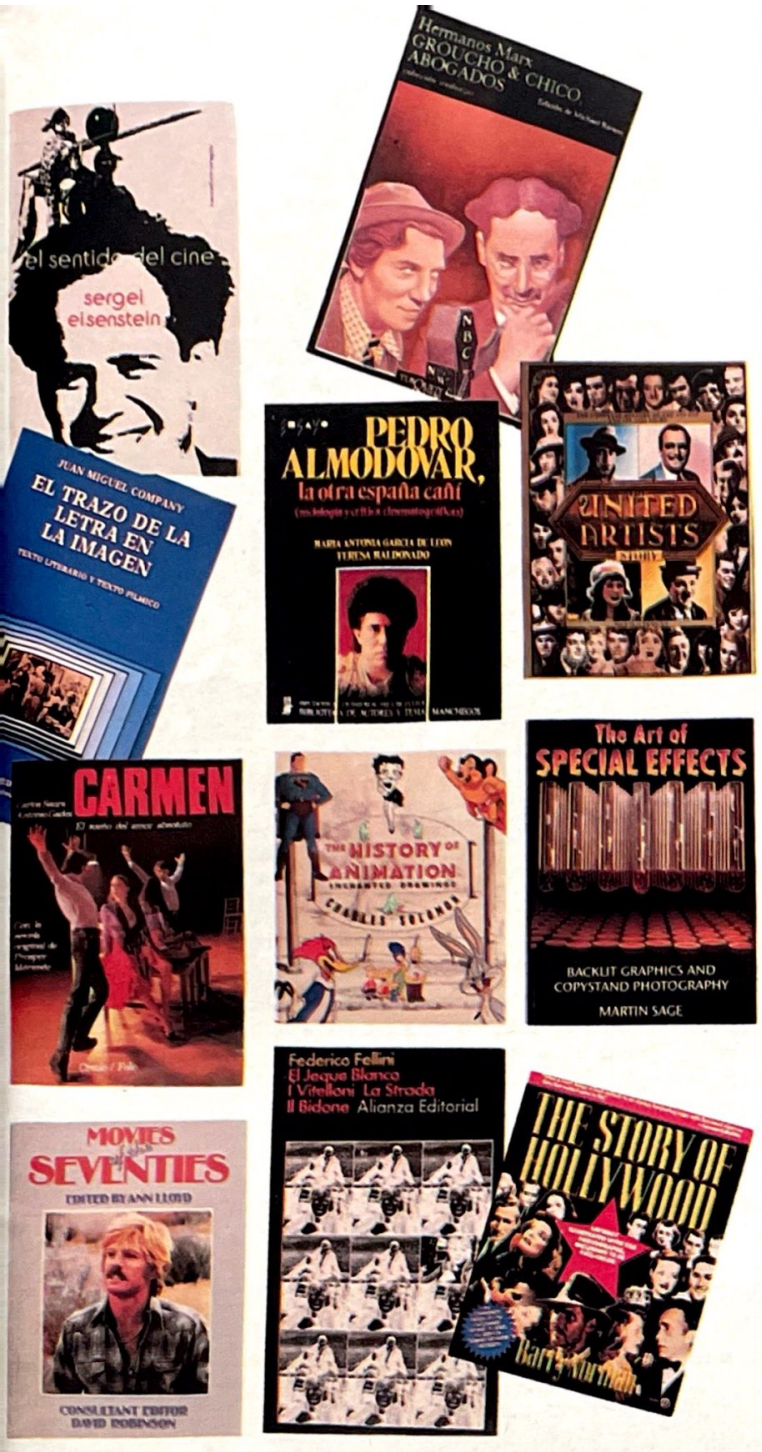
Uma coleção certamente conhecida pelo leitor cinéfilo, publicada pela Orbis londrina, "Movies of the...", também pode voar para sua estante pessoal. *Movies of the Seventies*, 224 págs., com 650 ilustrações, US$ 7, está mais barato que um disco. *The Movie Book of the 1930's*, da Crescent Books, NY, 512 págs., em que há mais de 5 000 fotos, conta a passagem do cinema mudo para o falado e sua definitiva imposição como indústria cultural, por US$ 18, que não pagam nem cinco entradas de cinema. Bom demais, mas é verdade.



OS ESPANHÓIS — A Letraviva, há 13 anos distribuidora de livros de língua espanhola, em agosto do ano passado abriu sua própria livraria, com uma bem-vinda inovação: junto ao comércio de livros, há também uma sala de exposições e outra destinada a eventos culturais, como exibição de vídeos, por exemplo.

Com um acervo variado de livros, a Letraviva vai dar 30% de desconto nessa primeira quinzena de junho, em todos os seus títulos de cinema. Pode-se escolher entre livros de teoria, clássicos ou recentes, roteiros de cineastas consagrados, ensaios sobre diretores, atores e filmes, e o que mais se imaginar.

Assim, o clássico e indispensável *El Sentido del Cine*, de S. Eisenstein, ou o novíssimo *El Trazo de la Letra en la Imagem*, da coleção "Signo e



Imagem", com o preço em pesetas, vão custar, de novo, o preço de um disco. Os roteiros de Fellini ou Antonioni, bem como ensaios sobre Stanley Kubrick, da coleção Directores del Cine, Pedro Almodóvar ou os Irmãos Marx, são somente um pequeno exemplo do que há disponível. Um trabalho detalhadíssimo sobre *Carmen*, de Merimée a Carlos Saura, com o texto original, depoimentos do diretor e dos atores e belas fotos do filme, também vai estar à espera, ao lado de biografias de atores como Bogart e Mastroianni ou diretores como Godard e Pasolini.

Aqui está apenas uma amostra do que se pode adquirir nas livrarias. Para quem mora em outras cidades ou estados, basta pedir pelo reembolso postal para a livraria Letraviva e por Sedex para a Freebook (ver endereços abaixo).

Os espanhóis chegam em 90 dias, os de língua inglesa e francesa em 45 dias.

Fátima Gigliotti

Freebook — Rua da Consolação, 1924 — 01302 — São Paulo, SP, tel. (011) 256-0577. Telex: (05511) 38220 LFBL. Fax (5511) 259-1120.
Letraviva — Avenida Rebouças, 2080 — 01325 — São Paulo, SP, tel. (011) 883-3279 e 285-0874.

BRILHAM AS ESTRELAS

Quatro vozes de grandes figuras do cinema comparecem em vinil em importantes gravações

♦ Apesar de não se tratar especificamente de trilhas sonoras, a coleção *Stars of Hollywood*, editada pela MCA/WEA, traz bons motivos para fazer a delícia dos cinéfilos. São quatro álbuns focalizando alguns dos momentos mais importantes em termos de números musicais a cargo de vozes que marcaram época na história do cinema sonoro. Para começar, há o LP duplo dedicado a *Judy Garland*, que cobre o período áureo da carreira da estrela juvenil (com gravações entre 1937 e 1945) em 24 faixas, incluindo sua interpretação para "Over the Rainbow" — de *O Mágico de Oz* (1939) —, ganhadora do Oscar de melhor canção. Uma sucessão de emocionantes registros que pode ser comparada à de outro álbum duplo da coleção: o que retrata *Al Jolson*. Este apresenta desde o pioneirismo da canção "Toot, Toot, Tootsie (Goo'Bye)" — cantada por ele em *O Cantor de Jazz* (1927), primeiro filme sonoro da história do cinema — até as gravações que fez para duas produções baseadas em sua carreira (*The Jolson Story*, de 1946, e *Jolson Sings Again*, de 1949), além das mais representativas canções de seus filmes e peças teatrais. O timbre vocal extremamente pessoal de *Marlene Dietrich* também se faz presente no volume da coleção dedicado a ela, com registros importantes como o de "Lili Marlene" e "Falling in Love Again" (do filme *O Anjo Azul*, de 1930). Por fim, o LP que traz as interpretações mais marcantes de *Bing Crosby*, com destaque para duas canções de Irving Berlin — "Blue Skies" e a indefectível vencedora do Oscar, "White Christmas" (do filme *Holiday Inn*, de 1942) —, além de Cole Porter ("Don't Fence Me in") e a participação de Woody Herman & His Woodchoppers (em "Deep in the Heart of Texas").

♦ A trilha sonora de *Mack the Knife* (CBS), baseado na *Ópera dos Três Vinténs*, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, não chega a ser uma total decepção em virtude da qualidade musical do material no qual o filme se baseou. Mas em alguns pontos é irritante a desigualdade do trabalho dos vários arranjadores que trabalharam sobre os temas, sem contar as versões para o inglês um tanto duvidosas de várias canções (muitas das quais feitas pelo próprio produtor/diretor Menahem Golan). Como ressalva, a boa interpretação de Macheath por Raul Julia, bem melhor do que Roger Daltrey no papel do "cantor de rua".

Celso Pucci

por Rubens Machado Jr.

TERRA EM TRANSE

(1967)

Resolvemos sobre a grandeza de um filme pelo modo como ele se ajeita na nossa memória. Das confusas sensações posteriores à sessão até a formulação de pensamentos e indagações, o filme vai adquirindo para nós a consistência que o torna inesquecível. *Terra em Transe* é para mim dos filmes que mais bem exemplificam essa decantação de imagens, depois de baixada a poeira de sua tumultuosa dança imagética. Há algo de profundamente confortante em saber que por trás de uma tal aparência de confusão se estruturam arquiteturas tão cristalinas, raciocínios tão agudos e expressões tão verdadeiras dos problemas que vivemos. Num país como o nosso é raro e é ótimo ver um turbilhão caótico apresentar possibilidades de compreensão, uma balbúrdia com rigorosa lógica interna, na melhor tradição da arte barroca — estilo pelo qual Glauber Rocha mostrava entusiasmo.

O filme, organizado em linhas gerais no velho esquema do grande *flash-back*, apresenta o poeta Paulo Martins (Jardel Filho) recordando os passos que o levaram da poesia à política, numa cronologia de paixões que o transporta entre duas antagônicas esferas de poder, em um imaginário Eldorado, país do Terceiro Mundo e latino-americano. A circunstância ideológica e existencialmente convulsiva em que Paulo se enreda vai configurar uma alegoria do subdesenvolvimento brasileiro em sua controversa inteligibilidade dos anos 60.

Mesmo rejeitado por uma boa parte do público e da crítica quando de seu lançamento, *Terra em Transe* marcou época. Reconhecido hoje por muitos como a obra-prima de Glauber, e talvez o filme brasileiro de maior repercussão no exterior, onde é referência constante de toda uma geração de cineastas, *Terra em Transe* é também um marco no nosso panorama cultural, sendo lembrado no meio artístico e intelectual como uma espécie de espoleta detonadora do movimento tropicalista.

Parece ter sido no seu tempo um filme-limite sobre a situação-limite experimentada por quem participou ativamente da vida do país. Tanto no quadro do cinema nacional como do internacional fica hoje uma impressão retrospectiva de ter Glauber nesse filme levado às últimas conseqüências o caminho percorrido pelo Cinema Novo em sua proposta de uma *estética da fome*. Fazendo render de uma forma ricamente expressiva uma certa pobreza de recursos materiais, o filme é de extrema felicidade na direção de atores, achados cênicos e manipulação da linguagem da câmera. Os dilemas políticos e existenciais vividos pelos personagens teriam grande atualidade num Brasil que se redemocratiza nos anos 80, ganhando, no distanciamento de duas décadas, um olhar de maior objetividade dramática em face da conjuntura.

Mas, relativamente à sua importância, *Terra em Transe* tem sido um filme pouco visto nos últimos anos. E as suas cópias mais acessíveis têm sido veiculadas com uma arrasadora alteração na seqüência dos rolos, que destrói o encadeamento cronológico da ação. A origem do erro é um acidente técnico que permutou os rolos 7 e 9 dos 12 integrantes da versão original em 35 mm. O erro se perpetuou na redução da cópia para uma versão em 16 mm, que, por sua vez, serviu de matriz para a versão industrializada em alta tiragem de cassetes pela Globo Vídeo. Pela lei, a empresa teria de recolher o produto adulterado e repô-lo devidamente corrigido. Mas quem toma as providências cabíveis?

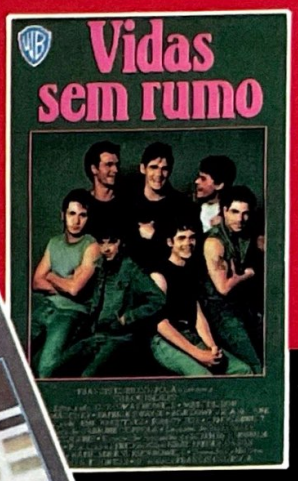
Fiz uma denúncia disso a um repórter da *Folha de S. Paulo*, que publicou matéria com destaque, há mais de três anos. Nada aconteceu de prático, pois a fita continua sendo vendida, alugada e assistida desde que foi lançada, há mais de cinco anos. Com isso, toda uma nova geração de espectadores terá conhecido um *Terra em Transe* com encadeamento esdrúxulo da ação. Trata-se já de um novo fato cultural, e é o caso de nos perguntarmos como está sendo compreendido o filme. Imagino que nem o mais equivocado adepto da descontinuidade narrativa saberia justificar a nova fruição da fita. Não há estética barroca que resista a tal violência. No caso, estamos devolvidos ao caos.

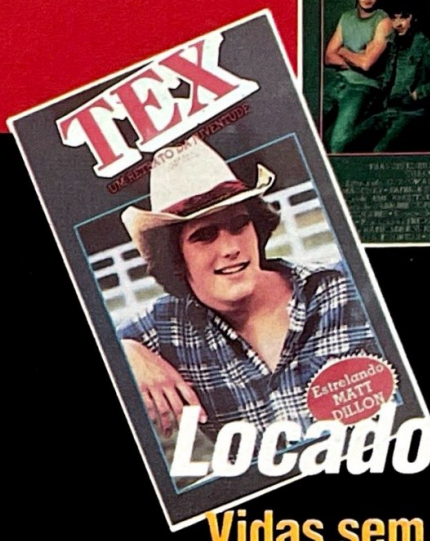
Rubens Machado Jr. faz doutorado na ECA/USP sobre o filme em questão e é co-autor de *História do Cinema Brasileiro* e de *Terra em Transe, Os Herdeiros: Espaços e Poderes*.

Cinemateca Brasileira

Uma arma inofensiva na mão e a política populista na cabeça do poeta Paulo Martins (Jardel Filho)

vídeo& EQUIPAMENTOS





Realidade Virtual

Nas Locadoras:

Vidas sem Rumo, Tex *e mais* 46 Lançamentos

Pág. 58

VPL Research

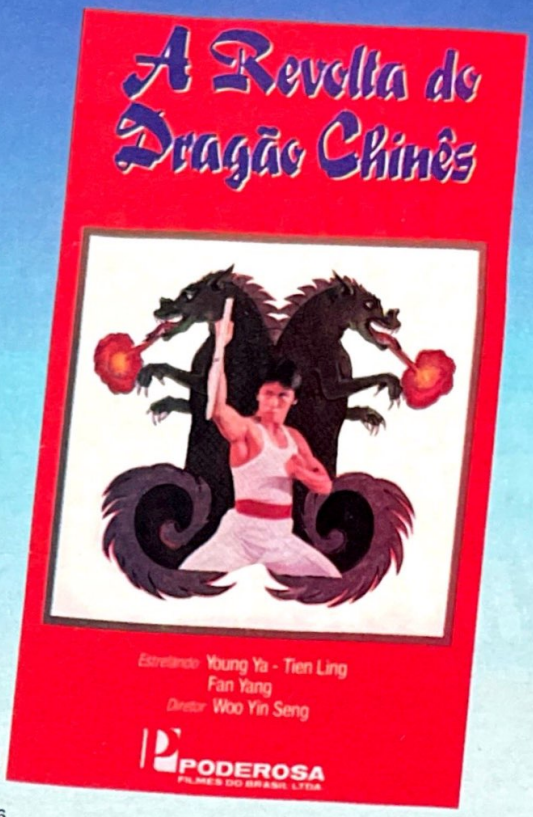
O Universo Artificial que Vai Revolucionar a Indústria do Entretenimento

Pág. 54

À esquerda, a imagem da realidade virtual experimentada pelo cientista com a utilização do conjunto tridimensional DataGlove *e* EyePhone

NASA

PODEROSA É MAIS AÇÃO EM SEU VÍDEO



PODEROSA
FILMES DO BRASIL LTDA.

Rua Bento Sabino dos Reis, 26
V. Prudente (03277) - S. Paulo - SP
Telefone (011) 910-9099/911-1207

TOME UMA ATITUDE SAUDÁVEL.

Através de uma equipe de especialistas, a revista Saúde orienta você a conhecer melhor seu organismo, conservar o corpo e manter-se sempre saudável, vivendo com muito mais disposição e vitalidade. Fique por dentro de temas como alimentação, exercícios, atualidades médicas, alopatia e homeopatia.

L E I A

REVISTA **Saúde!**

E V I T A L

TODOS OS MESES NAS BANCAS

EDITORA AZUL

A Perestroika do VCR

Os moradores de Iaroslavl, uma cidade industrial a 200 km de Moscou, entraram em êxtase quando descobriram que estavam vendendo VCRs na cidade. Ao serem informados de que apenas trabalhadores cujos salários eram recebidos em moeda estrangeira poderiam adquiri-los, os iaroslavilianos saíram às ruas em passeatas de protesto — outros mais radicais até fizeram greve de fome. Resultado: o poder cedeu, e um comprador felizardo, ao chegar em casa, chamou a estação de TV local para declarar: "Vitória! O Panasonic está em minhas mãos".

Vinte Anos de Atraso

A disputa pela liderança do mercado das televisões de alta definição nos Estados Unidos ficou acirrada depois que a Philips, holandesa, e a Thomson, francesa, se uniram à rede de TV NBC e formaram o Advanced TV Research Consortiun (que significa um filão de 40% do mercado), deixando a joint-venture Sony/NTK (a líder até então) para trás. Enquanto isso ocorre no hemisfério norte, a própria Sony, japonesa, trouxe somente em abril para o Brasil o seu modelo KV-2940, de tecnologia Trinitron, existente há vinte anos. O televisor de 29 polegadas tem a imagem mais brilhante, não reflete a luz ambiente e nem distorce a imagem (como nas telas convencionais), graças ao tubo cilíndrico (tela plana), que substitui o obsoleto tubo esférico (tela curva). Outras qualidades do televisor são o sistema Dual e som estéreo de alta-fidelidade com efeitos *surround*, *space sound* e *loudness*.

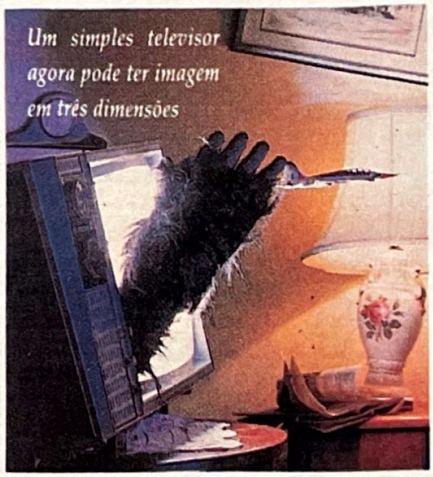
Sony

Cinema para Surdos

O Centro Auditivo Siemens desenvolveu um sistema que permite que pessoas com problemas auditivos recebam com nitidez nos aparelhos de surdez a banda sonora de um filme, sem interferências acústicas e ambientais, muito comuns nas salas de cinema. O processo parte de um aparelho amplificador (criado pelo técnico elétrico-acústico José Orlandi) instalado sob as cadeiras, o qual passa o campo indutivo (ondas magnéticas) para o aparelho auditivo (retroauricular ou de concha). O sistema está sendo utilizado desde março no cine Iguatemi, em São Paulo. Para informações, escreva para Caixa Postal 18868, São Paulo, CEP 04699.

As deficiências auditivas são superadas pelo novo sistema amplificador

Siemens/Indicio Teixeira


Um simples televisor agora pode ter imagem em três dimensões

Monitor para Camcorders

A Citizen, um dos maiores fabricantes de relógios digitais japoneses, entrou no setor de vídeo com o M 329 — um monitor com tela em cores de três polegadas que se adapta a qualquer camcorder. Suas principais funções são controlar a imagem à distância, corrigir as cores de uma gravação ou simplesmente rever uma filmagem numa tela maior que o visor da câmera.

TV em Terceira Dimensão

A empresa americana 3-D TV Corp. inventou o 2001 Home 3-D Theatre, um aparelho que gera a imagem das televisões em terceira dimensão. O modelo consiste de um par de óculos e de um *stereo driver* e funciona em qualquer TV e VCR — basta ligar o estéreo no VCR e usar os óculos. Mas são necessários cassetes especiais e no mercado americano existem, por enquanto, apenas dezessete filmes — nos gêneros ficção científica e aventura.

Mensagens Subliminares

As mensagens subliminares há anos são utilizadas por governos para "educar" seus cidadãos. A Gateways Research Institute, da Califórnia, descobriu usos mais nobres para elas: por meio do aparelho Mindvision, que é ligado à TV ou ao VCR, as mensagens são transmitidas para que o usuário pare de fumar ou emagreça — tudo isso sem interferir na programação.

Realidade Virtual

Eye Phones, DataSuits, DataGloves — **estes são os equipamentos usados para criar universos artificiais alteráveis, que podem revolucionar a indústria do entretenimento**

NASA

VPL Research

O Virtual Interactive Environment Workstation (VIEW, acima) oferece visão de três dimensões e 360 graus. Ao lado, a realidade virtual tal qual é vista pelo usuário

VPL Research

Com o DataSuit, *da VPL Research, o corpo todo interfere na realidade virtual*

Dois arquitetos estão em desacordo quanto à posição da escadaria que planejaram juntos para a entrada de um edifício. Um deles acha que a escada atrapalha as manobras dos carros que saem da garagem adjacente. O outro, não.

Para tirar a dúvida, cada um veste seu *EyePhone* — uma espécie de óculos vedados, pesando cerca de dois quilos, com uma tela de vídeo de alta definição em seu interior — e seu *DataSuit*, um macacão recheado de circuitos e cabos de fibra ótica, ligados a quatro diferentes computadores.

Por meio dos *EyePhones*, os arquitetos vêem a planta da escadaria reproduzida em detalhadíssimos *computer graphics*. Por causa do *DataSuit*, eles são capazes de entrar na planta, movimentando-se naquele cenário de alta definição com liberdade total e com um raio de ação de 360 graus.

Eles sobem e descem a escada, caminham até a garagem, atravessam a rua para obter uma visão melhor, e concluem, enfim, que os cálculos arquitetônicos estavam corretos. Podem começar a construir, sem risco algum de erro.

Do outro lado da cidade, uma empresária recebe a proposta por escrito de uma firma especializada na instalação de equipamentos usados em creches — de sanitários anatômicos até bebedouros na altura exata para crianças — e um disquete, que ela insere em seu PC pouco antes de vestir o *EyePhone*. Com a informação levada do disquete para os óculos, a empresária assume as dimensões de uma criança numa estrutura arquitetonicamente idêntica às instalações de sua creche. Dessa forma, ela testa o bebedouro para ver se está na altura ideal, avalia se os interruptores de luz estão fora do alcance das crianças menores, calcula se as tomadas estão devidamente seguras. Quinze minutos depois de ter vestido o *EyePhone*, a empresária poderá aprovar o projeto das instalações.

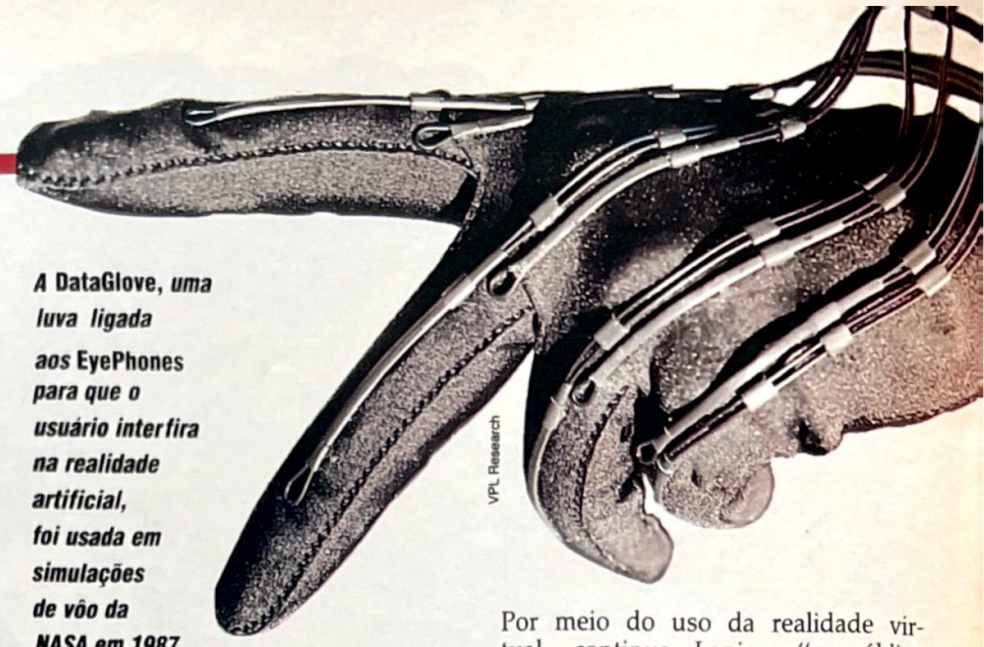
Hoje ninguém seria capaz de abrir a lista telefônica e escolher o melhor revendedor de *EyePhones* ou *DataSuits*, porque eles não estão à venda em lugar algum. Mas já existem, são operantes e fazem parte de um recente lote de inovações tecnológicas que promete revolucionar a informática e o modo como o ser humano se informa e se diverte.

Esse tipo de equipamento compõe o *hardware* usado para criar o que se chama de "realidade virtual": a confecção de universos artificiais, existentes apenas nas entranhas de um computador e na tela de um monitor de vídeo, mas que podem ser "visitados" e "alterados" livremente por qualquer um. São realidades que existem única e exclusivamente enquanto representações eletrônicas, sem existência concreta.

Pessoas da indústria de entretenimento vêem a chegada da realidade virtual com literais bons olhos. A nova concepção cria a interação entre o produto — uma fita de vídeo, um filme, um show — e o consumidor, a ponto de a platéia, talvez pela primeira vez, ter a possibilidade de interferir na ação de uma história para criar uma resolução personalizada.

Quem for, por exemplo, assistir às continuações das aventuras de *Batman* poderá determinar o destino que terão mocinho e bandido, mudando o final de acordo com o humor do dia: "Hoje o Coringa morre caindo do helicóptero"; "hoje Batman segura o vilão na última hora e o coloca detrás das grades"; "hoje Vicki Vale abandona Bruce Wayne"; e daí por diante.

ALUCINAÇÕES — E não é só isso. Pode-se também enxergar a realidade virtual sob um ponto de vista alucinógeno, um barato não-induzido por drogas que abre portas para "viagens" digitais divertidíssimas; pode-se tomar qualquer forma na realidade virtual — um bicho, um objeto, uma nuvem — e pode-se interagir com o que se quiser e como se quiser, entrar na textura de um desenho geométrico, voar por um céu estrelado, cavalgar animais alados. E com o desenvolvimento da



A DataGlove, uma luva ligada aos EyePhones para que o usuário interfira na realidade artificial, foi usada em simulações de vôo da NASA em 1987

técnica, já é possível que duas pessoas passeiem ou interfiram juntas nesse mesmo universo artificial.

Embora seja prevista uma aplicação maciça das técnicas de criação de realidades virtuais na área de entretenimento, elas foram desenvolvidas por instituições governamentais dos Estados Unidos, entre elas a National Aeronautics & Space Administration (NASA), a partir dos simuladores de vôo. Depois deles vieram equipamentos mais sofisticados e realistas, utilizados na preparação para vôos e missões espaciais sem que fosse preciso sair do chão.

Um desses aparelhos é o Virtual Interactive Environment Workstation (VIEW), que oferece visão estereoscópica de três dimensões e 360 graus, que pode ser controlada com movimentos de cabeça. Atualmente, existem vinte empresas pesquisando as técnicas de realidade virtual, espalhadas pela mundo inteiro.

A VPL Research, Inc. — sediada no Vale do Silício, na Califórnia — e o Massachussets Institute of Technology (MIT), em Boston, são os dois principais centros de pesquisas na área de realidade virtual dentro do setor privado norte-americano. Cada uma vem estabelecendo novas possibilidades para o rápido uso comercial de seus aparelhos criadores de universos artificiais.

Das duas, a VPL se concentra nos mais acessíveis *EyePhones* e *DataGlove* — uma luva ligada aos óculos especiais para que o usuário interfira nos acontecimentos mostrados no monitor de vídeo, usada inicialmente nas simulações de vôo da NASA —, ambos lançados em 1987. O estágio de acessibilidade pública da tecnologia da VPL é tanto que qualquer criança já pode usá-la, por meio da *Power Glove*, fabricada para uso junto com os videogames da Nintendo em substituição aos prosaicos *joysticks*. Entre os próximos lançamentos da VPL estão o macacão completo *DataSuit* (para que o corpo todo interfira na realidade artificial dos monitores) e o *DataVest*, um colete.

BRINQUEDO CARO — Mas pela estimativa do fundador da VPL, o jovem Jaron Lanier — um gênio da computação de apenas 29 anos —, o melhor está perto de chegar às mãos do público. Em julho de 1989 a VPL exibiu pela primeira vez — na Texpo 89, uma feira de eletrônica, em São Francisco, Califórnia — o seu sistema *Reality Built for Two*. Com ele, duas pessoas podem visitar juntas uma mesma realidade artificial. Não é, porém, um mero brinquedinho genial que se acha em toda esquina: alimentado por quatro computadores simultaneamente, cada sistema custa mais de 400 mil dólares.

O MIT de Boston já chegou a utilizar seu *fullbody optical tracking suit* — uma ampliação do mesmo princípio da *DataGlove*, só que aplicada aos movimentos do corpo inteiro — num comercial de TV exibido no Japão. Espera-se que ele venha a ser empregado não apenas na realização de efeitos especiais para filmes ou VT, mas também no auxílio de tarefas difíceis: com um aparelho destes, um bombeiro poderia planejar o combate a um incêndio "entrando" na estrutura do prédio ameaçado via realidade virtual. Um cirurgião pode realizar operações até agora impossíveis, por causa do grau de inacessibilidade de determinadas áreas do corpo humano.

Lanier, no entanto, antevê a absorção quase absoluta desse tipo de tecnologia principalmente na área de entretenimento, conforme explicou numa longa entrevista ao jornal americano *Variety*. "Daqui a alguns anos", disse Lanier, "toda a indústria de entretenimento será construída em torno de uma tecnologia interativa de comunicações em substituição à tecnologia de simples reprodução que existe nos cinemas, na TV, nos VCR, nos toca-discos". Por meio do uso da realidade virtual, continua Lanier, "o público passa a ter liberdade absoluta num mundo que ele estará criando a todo momento".

O que a indústria de entretenimento estaria oferecendo atualmente seria diversão com princípio, meio e fim. Lanier prevê o momento em que a diversão terá, sim, um princípio. O fim será determinado por cada pessoa, individualmente. Ele dá como exemplo uma cena de um filme de Indiana Jones em que o herói pode ter o auxílio do espectador a qualquer momento. A pessoa pode ficar sentada apenas assistindo. Mas, se quiser, pode sair distribuindo sopapos nos bandidos, moldando o *script* a seu bel-prazer.

O único senão do estágio atual de desenvolvimento da tecnologia da realidade virtual é a qualidade do *design* visual de cada universo artificial. Enquanto se caminha a passos largos em direção à popularização da TV de alta definição, a realidade virtual apresenta-se com desenhos tão rudimentares que, se comparados à HDTV, parecem pré-históricos. O problema se agrava porque as imagens mostradas por um equipamento de realidade virtual estão sendo criadas instantaneamente e modificadas a toda hora: seria o mesmo que o Hans Donner, em vez de gastar meses construindo uma abertura de animação em computador, fizesse uma abertura diferente, ao vivo, todos os dias. A qualidade que se tem para a construção de cada quadro de vídeo ainda é muitíssimo superior à de uma série de quadros criados e alterados em frações de segundos. A tendência, porém, é de que essa defasagem seja corrigida em dez anos.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Se você tem um vídeo, você precisa de 1000 vídeos.

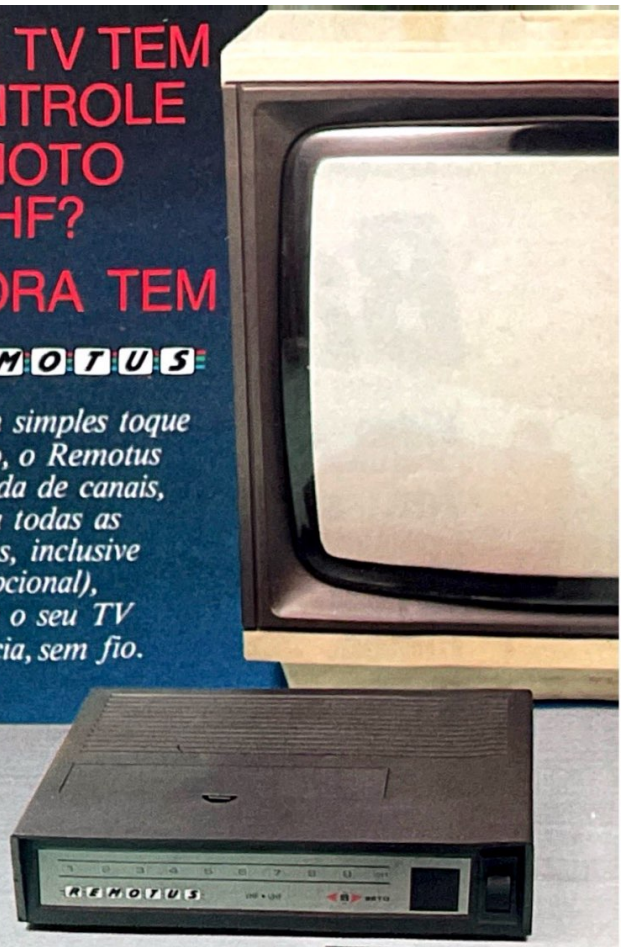
A Editora Azul orgulhosamente apresenta Set Especial 1000 vídeos, uma superprodução que vai fazer o maior sucesso em sua telinha. Agora você está com tudo. Os filmes vêm divididos por gêneros, com títulos em português, títulos originais, atores, diretores e sinopse. E tem mais: endereços das principais distribuidoras a rede de assistência técnica para seu equipamento. Garanta seu exemplar o quanto antes. As edições anteriores esgotaram nas bancas

N A S B A N C A S

EDITORA AZUL

SEU TV TEM CONTROLE REMOTO E UHF? AGORA TEM REMOTUS

Com um simples toque de botão, o Remotus liga, muda de canais, sintoniza todas as emissoras, inclusive UHF (opcional), e desliga o seu TV à distância, sem fio.



O remotus memoriza até nove canais inclusive UHF. Você mesmo instala em qualquer marca ou modelo de TV. 110/220 V.

NÃO SE DEIXE ENGANAR

O Video Link é o único transmissor de vídeo com a qualidade e garantia "SETO".
O Video Link transmite a imagem do seu videocassete, câmera, microcomputador, vídeo game etc... para todos os televisores que estiverem num raio de até 50 m.

À venda nos grandes magazines, lojas especializadas e distribuidores.

Produzido e garantido por:

SETO

SETO - Ind e Com. de Produtos Eletrônicos Ltda.

Central de atendimento: Tels (011) 277-2000

Bando de Fedelhos

Vidas sem Rumo e _Tex_, adaptações de obras de Susan Eloise Hinton, mostram o início de carreira do _brat pack_, os jovens astros mais requisitados da última década

Há mais de trinta anos o cinema tem registrado, em suas variadas nuances, a rebeldia, a paixão, a audácia e os infortúnios da juventude. Filmes como *O Selvagem* (*The Wild One*, de 1953), *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*, de 1955) e *Amor, Sublime Amor* (*West Side Story*, de 1961) abordaram com extrema exatidão os sentimentos mais puros dos jovens na conflituosa passagem para a fase adulta. Outros foram criticados por se atrever a falar de temas-tabu, como *Clamor do Sexo* (*Splendor in the Grass*, de 1961), em que o estreante Warren Beatty e Nathalie Wood personificaram jovens vitimados pela repressão sexual da hipócrita e dissimulada família americana da época. Tornaram-se clássicos por ter captado o ardor da juventude e, principalmente, o conflito entre as diferentes classes sociais.

Na década do *yuppie* e da geração neoconservadora iniciada no governo Reagan, Coppola retoma a chama esquecida e faz, em 1983, *Vidas sem Rumo (The Outsiders)*, baseado na obra homônima da escritora Susan Eloise Hinton, depois de receber um abaixo-assinado de um grupo de adolescentes que queriam ver no cinema o seu livro predileto. Antes dele, porém, Tim Hunter fez seu *début* na direção com *Tex* (1982), a primeira adaptação de uma obra de Hinton para o cinema, trazendo no elenco Matt

Columbia Tri-Star

Em* O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas, *de Joel Schumacher, o bando de fedelhos se encontra nas mesas do bar St'. Elmos. Da esquerda para a direita, Ally Sheedy, Judd Nelson, Emilio Estevez, Demi Moore, Rob Lowe, Mare Winningham e Andrew McCarthy

Warner

Os greasers de Vidas sem Rumo, posicionados para uma luta, são liderados por Patrick Swayze, que tem à sua esquerda C. Thomas Howell e Emilio Estevez, e à direita Rob Lowe e Tom Cruise. Na foto abaixo, a romancista Susan E. Hinton

Dillon e revelando o talento de Emilio Estevez (ambos trabalham em *Vidas...*) e de Meg Tilly.

MINGAU E VODKA — O grande mérito de Coppola, contudo, não é a realização nem o resultado do filme — este, pelo contrário, foi até acusado de ter transformado a obra de Hinton num "portentoso mingau" — mas a reunião no mesmo elenco da mais nova safra de jovens atores, o *brat pack* (o bando dos fedelhos) composto por Matt Dillon (a imagem do rebelde sem causa), Ralph Macchio (o eterno karatê kid de 28 anos), Emilio Estevez, Rob Lowe, Tom Cruise e C. Thomas Howell. Nesta lista poderiam ser incluídos os nomes de Sean Penn, Kevin Bacon, Judd Nelson, Matthew Broderick (o protótipo do rapaz indisciplinado), Anthony Michael Hall, Andrew McCarthy e Patrick Swayze (embora este já tenha alcançado a casa dos 36 anos e continue insistindo na carreira de ator/cantor/dançarino).

O termo *brat pack* começou a ser utilizado pela imprensa americana numa referência ao antigo *rat pack* (bando de marmanjos), liderados por Frank Sinatra e Dean Martin, e para mostrar a imaturidade e o padrão de comportamento desses atores fora das telas. A imprensa foi um pouco mais longe em sua definição dos *packers* e generalizou o estilo:

Escritora de Personagens

A escritora americana Susan Eloise Hinton (nascida em Tulsa, em 1948) é conhecida pela temática adolescente de seus romances. Seguindo essa linha, Hinton publicou quatro histórias que foram adaptadas para o cinema. O primeiro, The Outsiders *(1967), tornou-se um best-seller do gênero e, apesar de nenhum crítico literário respeitável tê-lo elogiado, recebeu o título de "Livro de Honra" no Children's Spring Book Festival.*

That Was Then, This Is Now *(1971) foi igualmente bem recebido pelo público e, desta vez, pela crítica. Foi filmado por Christopher Cain em 1985, com roteiro de Emilio Estevez (lançado recentemente em vídeo pela Look com o título* A Força da Inocência*). Já casada com David Inhofe, um doutor em estatística, e morando na Califórnia, escreveu em 1975,* Rumble Fish*, a partir de uma foto de um motoqueiro que "parecia habitado por um belo fantasma". Coppola o transformou em obra-prima cinematográfica em 1983, ajudado pelo bom roteiro, feito a quatro mãos com a própria Hinton.*

Seu último livro, Tex *(1979), foi o primeiro a chegar às telas, em 1982, e nele Hinton aparece durante alguns segundos. É uma professora de datilografia (Mrs. Barnes) que se descabela quando espoletas estouram em todas as máquinas de sua sala. Tomou gosto pela coisa e, à moda de Hitchcock, é vista como uma enfermeira em* Vidas Sem Rumo *e como prostituta em* Rumble Fish *(ambos publicados no Brasil pela Editora Brasiliense). Admiradora de Hemingway, Susan se diz escritora de personagens que nascem de pessoas que conheceu. "Eu sempre conheço meus personagens, suas aparências e seus endereços", afirma, e se sente mais à vontade escrevendo do ponto de vista masculino. Confessa, ainda, que Ponyboy, de* Vidas..., *é seu alter ego.* D.P.

David Inhofe

uso obrigatório de óculos escuros, *t-shirt*, jeans e jaqueta esporte. Geralmente são arruaceiros, freqüentam os hotéis e restaurantes mais elegantes de Los Angeles, sempre exibindo as mais belas atrizes da moda, e suas bebidas preferidas são a Corona Beer, do México, e a vodka Stolichnaya, da Rússia.

DRAMAS JUVENIS — Sem dúvida, uma maneira muito simples de definilos. O que os une, na verdade, é a precocidade cinematográfica (Matt Dillon, por exemplo, fez seu primeiro longa aos 14 anos, no violento *Over the Edge* de Jonathan Kaplan), aproveitada numa série de filmes para menores de 25 anos (produzidos depois que uma estatística mostrou que 75% do público de cinema tinha entre 14 e 25 anos), e, principalmente, o tipo de representação (a maioria não estudou em cursos de arte dramática) e a devoção obsessiva aos personagens. Inexplicavelmente, Sean Penn se autodenominou o líder do *brat pack*, mesmo não contracenando com os demais e tendo feito bons filmes com atores consagrados.

Todos atualmente já não são tão *brat* e beiram os 28 anos, mas em apenas uma década e com alguns filmes alcançaram a fama e conseguem bilheterias milionárias, especialmente Tom Cruise, que estrelou roteiros escritos para promover sua imagem de galã (*Cocktail*, de 1988, é o melhor exemplo).

O diretor John Hughes foi o primeiro a explorar a onda dos dramas juvenis e fez de uma só leva *Gatinhas e Gatões (Sixteen Candles)*, *A Garota de Rosa Shoking (Pretty in Pink)* e *O Clube dos Cinco (The Breakfast Club)* — respectivamente em 1984, 1985 e 1986 —, que, além dos representantes do bando, trazem o charme da ruiva Molly Ringwald, que desencadeou, nos Estados Unidos, a febre das ruivas "hennadas", as *ringlets*.

UIP

Clube dos Cinco: *Anthony Michael Hall, à frente, e ao fundo Nelson, Molly, Ally e Estevez. Abaixo, Swayze em* Ritmo Quente, *com Jennifer Grey e Cynthia Rhodes*

Alvorada

Em *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas* (*St. Elmo's Fire*, de 1985) Joel Schumacher presenteou os garotões com as *brat* atrizes Demi Moore (dona de uma voz sensual, e que se tornou a senhora Estevez durante as filmagens), Ally Sheedy (irreconhecível em *Clube dos Cinco*) e a menos bonita, porém não menos charmosa, Mare Winningham. Rob Lowe e Demi Moore formaram ainda o belo par de *Sobre Ontem À Noite* (*About Last Night*, de 1986).

Além dos trabalhos comuns, grande parte dos atores descende de gente famosa ou com dotes artísticos. Alex Raymond, o criador dos personagens de histórias em quadrinho *Flash Gordon* e

Paris

Sean Penn, 30 anos. Conhecido por seu temperamento agressivo. Costumava bater na ex-mulher, a Madonna. Fez bons filmes, como* Caminhos Violentos, *de James Foley, e* Colors, *de Dennis Hopper

Fox

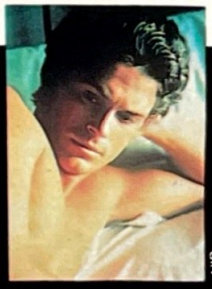
Molly Ringwald, 22 anos. Conheceu o estrelato depois de tingir os cabelos de vermelho, como Rita Hayworth. Vale vê-la morena em* PK & Companhia, *de Lou Lombardo, já disponível em vídeo

UIP

Emilio Estevez, 27 anos. Bom ator, que se sobressaiu aos outros* packers *pela escolha correta dos scripts e pela investida como roteirista. Estreou na direção com* Wisdom, *em 1986, com Demi Moore no elenco

Abril Vídeo

Matt Dillon, 26 anos. Comparado a James Dean e Marlon Brando, gosta de ler Albert Camus e ouvir Mozart. Está péssimo no ainda pior* Quando o Amor É Mais Forte, *de Michael Jenkis



UIP

Rob Lowe, 26 anos. Ator mediano, que se complicou com um vídeo doméstico em que transa com duas mulheres, uma delas menor de idade. A* Farsa, *de Bob Swain, é terrível

Fox

Judd Nelson, 31 anos. Apesar do tipo facial que mais lembra um senador americano, Nelson fez papéis de* enfant terrible, *como em* Clube dos Cinco, *de John Hughes

Coração Selvagem

Na cidade de Tulsa nos anos 60 os garotos de Vidas Sem Rumo *se dividem em duas gangues: os* greasers, *pobretões que trabalham em subempregos, e os* socs, *os ricos com seus carros envenenados. Eles se odeiam e ferem-se mutuamente sem saber por que, vivem num mundo regido por suas próprias leis, onde não há a autoridade dos adultos.*

O enredo gira em torno de Ponyboy (Howell) e Johnny Cade (Macchio), dois duros diferentes dos outros. São gentis e educados mas se metem numa briga com os socs *e matam um garoto. Foragidos, refugiam-se num esconderijo descolado por Dallas (Dillon, indicado para o papel pela própria Susan Hinton). Sozinhos e desprotegidos, descobrem um outro mundo lendo* ...E o Vento Levou *e admirando as cores da alvorada e do pôr-do-sol. Coppola aproveita os momentos líricos e joga com tons amarelos e vermelhos, numa explícita referência ao clássico de Fleming.*

Com o mesmo tipo de argumento, Tex — um Retrato da Juventude *mostra um lado mais atual desses delinqüentes juvenis. Só que dessa vez não há gangues. Os conflitos são gerados pela negligência ou pelo excesso de zelo dos pais, que levam os filhos a se envolver com drogas, álcool e ser sexualmente ignorantes.*

A trama funciona. Até mesmo a venenosa crítica americana, Pauline Kael, permitiu-se elogiar. E disse na New Yorker *que a mais importante contribuição do diretor Tim Hunter nessa adaptação de Hinton é que ele "permite que brilhe o misterioso charme de Dillon, o qual tem a dádiva de expressar as mudanças confusas e submersas do sentimento".*

De fato, o diretor captou bem o interesse da escritora por esses garotos, mas, inexperiente, fez um filme que serve mais como amostra de jovens talentos Vidas Sem Rumo *e* Tex *mostram seres humanos perdidos, confusos e desalentados. Ponyboy é o mais tocante de todos, porque, como na frase de James Joyce, "ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do coração selvagem".* D.P.

Jim das Selvas, é tio-bisavô de Matt Dillon; Emílio Estevez é filho do ator Martin Sheen; o pai de Molly é músico, e Ally Sheedy é filho de um agente literário. Rob Lowe e C. Thomas Howell começaram com pequenos trabalhos em seriados de TV — Lowe em *A New Kind of Family* (de 1979) e Howell em *Little People* (de 1972) aos seis anos de idade.

Embora toda a trupe de imberbes astros afirme que o *brat pack* não passou de uma invenção da imprensa, todos foram beneficiados pela onda e sem ela talvez a fama e o dinheiro não fossem os mesmos. Amadurecidos e preocupados em dar um basta ao estigma de eternos adolescentes, voltaram-se para argumentos mais densos e personagens mais velhos.

Alguns tiveram mais sorte que outros e continuam requisitados para encarnar grandes personagens e garantir o sucesso dos filmes e diretores. Mais do que apenas uma moda ou invenção, esses jovens e talentosos atores vieram em resposta ao abuso dos efeitos especiais e sobreviveram bravamente. Talvez por representarem o fio de continuidade da rebeldia quente dos garotos de Hollywood, uma linha que parecia desfeita ao sabor do conformismo.

Deborah Peleias

The Outsiders, EUA, 1983 ■ DIREÇÃO: Francis Ford Coppola ■ Com Matt Dillon, Ralph Macchio, C. Thomas Howell, Patrick Swayze, Rob Lowe, Emilio Estevez, Tom Cruise ■ ROTEIRO: Kathleen Knutsen Rowell, baseado no romance de Susan E. Hinton ■ FOTOGRAFIA: Stephen H. Burum ■ MÚSICA: Carmine Coppola ■ PRODUÇÃO: Fred Roos e Gray Frederickson ■ DURAÇÃO: 94 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Warner.

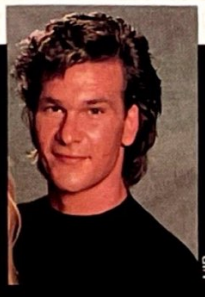
Tex, EUA, 1982 ■ DIREÇÃO: Tim Hunter ■ Com Matt Dillon, Jim Metzler, Meg Tilly, Bill McKinney, Frances Lee McCain, Emilio Estevez, Ben Johnson, Phil Brock, Jack Thibeau, Zeljko Ivanek, Tom Virtue, Pamela Ludwig ■ ROTEIRO: Charlie Haas e Tim Hunter, baseado no romance de Susan E. Hinton ■ FOTOGRAFIA: Ric Waite ■ MÚSICA: Pino Donaggio ■ PRODUÇÃO: Tim Zinnemann ■ DURAÇÃO: 103 minutos ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Abril Vídeo.

UIP

Meg Tilly, 30 anos. A voz adocicada da freirinha de Agnes de Deus, *de Norman Jewison, deitou-se com Rob Lowe em* A Farsa *e mostrou a outra face de garota frágil e tolinha*

Alvorada

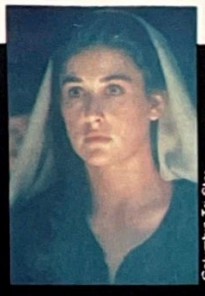
C. Thomas Howell, 26 anos. Antes de estrear em E.T., *de Spielberg, Howell (o terno Ponyboy) foi campeão júnior de rodeios. Ele é o objeto de desejo em* Admiradora Secreta, *de David Greenwalt*


UIP

Patrick Swayze, 36 anos. Típico galã, explorou toda a sua sensualidade nos rebolados de Ritmo Quente. *Meio vovô dos* packers, *metido a líder. O diretor John Millius o aproveitou no nacionalista* Amanhecer Violento

UIP

Anthony Michael Hall, 22 anos. John Hughes percebeu sua cara e jeito de nerd americano *e fez com ele* Clube dos Cinco *e* Weird Science. *Hall bancou o sexy em* Johnny Bom de Transa, *de Bud Smith*


Columbia Tri-Star

Demi Moore, 28 anos. Depois de atuar nos dramas juvenis, parece que a atriz se perdeu entre gêneros, que variavam entre comédias bobas e suspense sobrenatural, como A Sétima Profecia, *de Carl Schultz*

UIP

Ralph Macchio, 28 anos. O "Karatê Kid" se recusa a envelhecer e sempre é requisitado para representar meninos, como em Torturado pelo Passado, *de Rick Rosenthal*

VÍDEO LANÇAMENTOS

ANIMAÇÃO

INSPETOR CLOUSEAU "NAPOLEÃO BOMBA APARTE" ●●●
(Inspector Clouseau "Napoleon Blown-Apart", EUA, 1966)
Direção dos episódios: 1.º ao 4.º e 6.º, Gerry Chiniquy; 5.º, Robert McKimson; 7.º ao 9.º, George Singer. Criação: Mirisch e Godffley. Vídeo Arte.
Baseado no personagem do filme *A Pantera Cor-de-Rosa*, Mirisch-Godffley criaram esses oito episódios, datados de 1966, tendo como personagem central o Inspetor Clouseau. Combatendo terríveis (e engraçados) inimigos, quase sempre caricaturais, o herói dos desenhos repete o mesmo sucesso do seu inspirador do cinema ao manter o jeito desastrado e azarado de investigação. *M.C.*

NACIONAL

VIDA DE ARTISTA ●
(Brasil, 1972)
Direção: Haroldo Marinho Barbosa. Com Pedro Bira, Tetê Medina, Márcia Rodrigues. Warner.

Um afetadíssimo registro da ausência de novos caminhos e da confusão mental pós-68, assim como da repressão do início dos anos 70, o filme é composto por tiques e "metáforas políticas" (como "medo vago na boca do estômago"), que envelheceram muito e perderam seu significado. Com personagens irreais, na cola de Godard e outros cineastas europeus, tenta mexer em assuntos do tipo movimento hippie, luta armada e drogas. Mas o resultado é insuportavelmente ingênuo, vazio e inexpressivo. Essa "obra surpreendente e arrojada até para os moldes do Cinema Novo" (*sic*, segundo o texto da capa) torna-se ainda mais frágil no vídeo, com seu existencialismo barato e experimentalismo forçado. *A.Q.N.*

A CARROCINHA ●●●
(Brasil, 1955)
Direção: Agostinho Martins Pereira. Com Mazzaropi, Dóris Monteiro, Modesto de Souza, Adoniran Barbosa. Reserva Especial.
Jacinto (Mazzaropi) é vítima de uma arapuca armada pelo prefeito da cidadezinha de Sapiranga. Ele é obrigado a prender cães vadios numa carrocinha. O objetivo do prefeito é mesquinho: ele quer se desfazer da cadelinha inoportuna de sua esposa. E lá vai o desengonçado Jacinto espalhar terror pelas ruas e criar inimizade com muitos. Ao perceber o intento maldoso do prefeitinho, ele une o útil ao agradável: dá os cães que pega de presente para a garota com quem ele quer se casar. O pai da rapariga, o então jovem Adoniran Barbosa, não gosta nada da idéia e vai investigar os presentes. A coisa se complica. A trama chega a ser mais divertida do que o próprio Mazzaropi. O seu tipo caipirão ainda não estava burilado. Ele ainda não era um jeca cabal. Mas ajuda, e muito, na graça dessa crônica. *W.S.*

TABU ●●●
(Brasil, 1982)
Direção: Júlio Bressane. Com Colé, Caetano Veloso, José Lewgoy. Warner.

O próprio *enfant terrible* Júlio Bressane faz as aparições iniciais (ao som da claquete) para celebrar esse insólito, fragmentado e vertiginoso encontro (além das décadas) entre Oswald de Andrade (Colé) e Lamartine Babo (Caetano). Uma câmera tonta passeia arbitrariamente nos meandros do cinema lúdico do diretor de *Matou a Família e Foi ao Cinema*. O engraçado é que Caetano Veloso não representa. Continua a ser "Caetano". Oswald-Colé circula com suas pérolas ("a maior virtude nacional é a preguiça") sob marchinhas lamartinianas ("Se Você Fosse Sincera", "Quem Inventou o Brasil...") nos delírios intersemióticos de um dos mais transgressivos cineastas brasileiros.
Essas "babo... seiras" às vezes beiram o maneirismo vazio, mas, como viagem louca pela cultura, repleta de trocadilhos, sensualidade louca e ângulos absurdos, é sempre desconcertante. Um filme sob o signo da música que se transmuta em imagem. Bressane brinca de cinema com prazer e peraltice, dançando pela "fonética/estética" sob a aura do Carnaval e de Murnau (diretor do primeiro e clássico *Tabu*), no país onde James Joyce é "James Joça" e os "chato boys" continuam com seu cinema "sério". *A.Q.N.*

O CINEMA FALADO ●●●
(Brasil, 1986)
Direção: Caetano Veloso. Com Hamilton Vaz Pereira, Regina Casé, Dedé Veloso. Warner.
Em um erro de avaliação e atitude, Artur Omar, diretor de *Tristes Trópicos*, tumultuou a primeira seção pública de *O Cinema Falado* (*hors-concours* do III FestRio). Alegando ser um plágio daquilo que ele e outros realizadores do cinema underground fizeram há dez ou quinze anos, Omar forneceu o arsenal para que os interessados abrissem fogo. Na direção errada.
Suzana Amaral (*A Hora da Estrela*) não viu e detestou. Foi estúpida e inconseqüente em sua argumentação. Acusou-o de "vanguarda retrógrada" e seu autor de "urubu das vanguardas que fica copiando cadáveres". Terrível engano.
Ainda que "fragmentário, sem história e sem enredo" (palavras de Caetano), não pode ser criticado *apenas* por isso. Ou por referir-se ao cinema que Godard e Bressane fizeram (cada um a seu modo) nos anos sessenta. Sua estética não é ultrapassada. Ele é racional demais. Não é caótico, como os que o inspiraram. Também não é polêmico. Caetano é. Na pré-estréia em São Paulo, Haroldo de Campos aplaudiu de pé. Na *Folha de S. Paulo* Caio Túlio Costa condenou: "É ruim mesmo".
Como o julgamento dos que o assistiram, *O Cinema Falado* opera por oposições: o rural e o urbano, o erudito e o popular, uma panorâmica da favela da Rocinha ao som de Billie Holiday. Dividido em quatro blocos (literatura, música, cinema e pintura), é um manifesto de seu autor sobre as artes, a cultura, o ser humano. É sua assinatura. Traz opiniões sempre radicais. Contou com bons técnicos, mas raros bons atores. Tornou-se alvo fácil de críticas burras. Gerou tanta polêmica não pelo que é, mas por ser de Caetano. Como disse Cacaso, "é preciso olhá-lo não como torcida pró ou torcida contra" *Celso Masson*

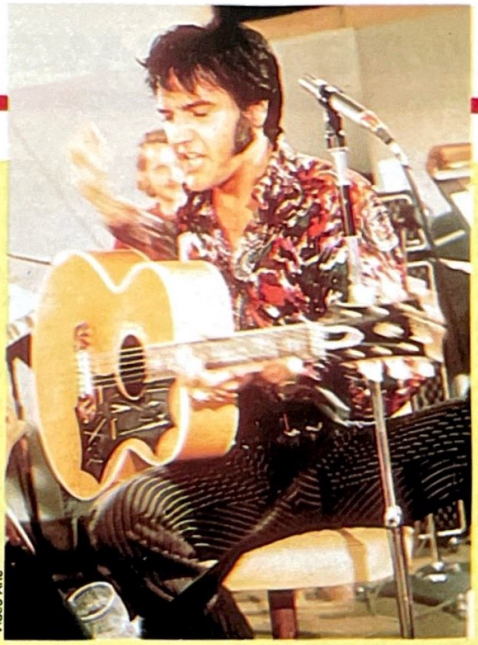
Warner

Regina Casé imita Fidel Castro na obra de Caetano

ROMANCE

EMMA — SEDUÇÃO E PODER ●
(Emma - Queen of the South Seas, 1988, Austrália)
Direção: John Banas. Com Barbara Carrera, Steve Bisley, Thaao Penghlis, Hal Holbrook. Vic Vídeo.
Emma (Barbara Carrera), filha de um diplomata americano e de uma princesa de Samoa, empreende uma luta inglória contra a dominação colonial da ilha, na segunda metade do século 19. Baseado no romance histórico de Geoffrey Dutton, esse telefilme (200 minutos de duração) acompanha a vida de Emma desde a adolescência até a morte, retratando-a como uma mulher de muitos amantes, idealista, sequiosa de poder e extremamente ambiciosa. Carrera não está à altura do personagem e a debilidade de sua interpretação acaba contagiando o restante do elenco *P.C.*

ELVIS É ASSIM ●●●●
(Elvis: That's the Way It Is, EUA, 1970)
Direção: Denis Sanders. Vídeo Arte.
OK, não é o Elvis que o mundo conheceu em 1954 — a gênese do rock'n'roll —, mas aplicar o adjetivo "decadente" à potência de voz e carisma que este vídeo exibe seria um sacrilégio. O documentário mostra, etapa por etapa, a montagem do show que Elvis passou a apresentar, em temporadas anuais de um mês, no International Hotel de Las Vegas. Está certo, é a arena privilegiada de Sinatra e Dean Martin, e uma parte do repertório busca encaixar Presley nesse picadeiro para bilionários, mas... Pensa que não sobrevive uma chama gestada pela faísca *rockabilly*? Mais que isso: uma fogueira à caça do cetro e da coroa que — desde a convocação de Elvis para o Exército, no final dos 50 — vinham pipocando em mãos e cabeças inglesas. Pelo menos neste show ele recupera fácil, fácil o trono dos usurpadores (o recente show de Paul McCartney no Rio não atingiu nem as temperaturas mais baixas desta noitada em Las Vegas).
Os ensaios — primeiro só com a banda, depois com o coral e, numa terceira instância, com metais e cordas — desfilam em *flashes* impagáveis. São entremeados com depoimentos de fãs, do *staff* do hotel e, quando chega o show, o espectador já está seduzido. Todos os ensaios não evitam uma série de problemas em cena, que o Rei tira de letra. A hipnose é reforçada pelas tomadas da platéia, recheada de olhares profundos de mulheres à beira de um orgasmo múltiplo. Com sua hiper-extra-*kitsch* fantasia de *space cowboy*, ele rebola, treme, rege toda a banda e canta como nunca, principalmente na fronteira entre o barítono e o tenor. Do *country* explícito de "Can't Help Believin' " ou da jocosa-libidinosa "Polk Salad Annie" a clássicos *rockers*, como "That's Alright Mama" e "Mystery Train", uma fita fundamental tanto para fanáticos como curiosos. *José Augusto Lemos*


Vídeo Arte
Elvis Presley energizado pelo embalo do rock'n'roll

DOCUMENTÁRIO

C. R. VASCO DA GAMA — CAMPEÃO BRASILEIRO DE 89 ●●
(Brasil, 1990)
Projeto: Heleno de Oliveira. Texto: Edyl do Vale Jr. Pesquisa: José Luís e Helder. Globo Vídeo.
Documentário sobre a campanha vitoriosa do Vasco da Gama no campeonato nacional de 1989. Mostra um Vasco invencível, até porque tem em seu "escrete" cinco jogadores convocados para a Seleção Brasileira de 1990. Controlando a CBF (órgão que dirige o futebol no Brasil) por meio de membros de sua diretoria, que ocupam altos cargos na confederação, o Vasco conseguiu montar um supertime, com contratos lícitos ou não — o que, obviamente, não é mostrado nesta fita-exaltação. O documentário foge um pouco do proposto, e mostra o Vasco campeão carioca nas décadas de 70 e 80. *M.C.*

RAONI ●●●
(Brasil, 1976)
Direção: Jean-Pierre Dutilleux e Luiz Carlos Saldanha. Narração: Marlon Brando. Alvorada.
Um curta-metragem, documentando a chegada a Washington dos índios que caminharam ao longo de cinco meses por todo o território norte-americano, foi acrescentado a *Raoni* em 1978. Funciona como prefácio desta história narrada por Brando, que tem o mesmo pano de fundo: a luta das nações indígenas para preservar o palmo que restou de seus gigantescos territórios. Após uma descrição geográfica (do Xingu) e antropológica (de algumas de suas tribos) por meio de uma fotografia caprichada e de um texto bastante didático, Raoni, chefe dos Mekronoti, é mostrado como um líder realmente político, com um apurado senso de marketing e logística. Ao contrário de outros caciques do Xingu, ele percebe a importância da realização do documentário como arma para a luta pela demarcação das reservas que, até 1976, ainda não estavam regulamentadas. Foram registrados, ainda, o encontro de caciques com o presidente da Funai e a primeira visita de Raoni a São Paulo. *Raoni* foi indicado para o Oscar (1977) e recebeu quatro prêmios em Gramado, incluindo o de melhor filme e fotografia. *C.M.*

POLICIAL

ENCRENCA NA RUA 42 ●
(Riot on 42nd St, EUA, 1987)
Direção: Tim Kincaid. Com John Patrick Hayden, Kate Collins, Jeff Fahey. Look.

Um ex-presidiário retorna para a violência da rua 42, em Nova York, onde prostitutas agridem tiras, marginais se atracam no meio do trânsito e gangues disputam seu território a ferro e fogo. Para tornar as coisas ainda piores, o chefão do local é um traficante de drogas que não admite concorrência. O que o filme tenta dizer é que mesmo no inferno há bons e maus. Pena que de maneira precária — do roteiro à direção, passando pelo elenco, nada funciona aqui. *P.C.*

RITUAIS ASSASSINOS ●●
(Sleep Well, Professor Oliver, EUA, 1989)
Direção: John Patterson. Com Louis Gosset Jr., Michael Rookes, Anthony LaPaglia. CIC.
Nivelados pelo gosto médio do público e avessos a todo e qualquer tipo de exagero, os filmes realizados para a TV raramente ultrapassam os limites da mediocridade. Esse telefilme, embora não seja dos piores, não é exceção. O premiado Louis Gosset Jr. (Oscar por *A Força do Destino*) é um professor de antropologia combatendo aqui um grupo de adoradores do demônio. A trama é bem armada e consegue sustentar o suspense até o final. No entanto, um pouco mais de ousadia no tratamento do tema não faria mal ao filme. *P.C.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

COLUMBO VAI PARA A GUILHOTINA ●●
(Columbo Goes to the Guilhotine, EUA, 1989)
Direção: Leo Penn. Com Peter Falk, Anthony Andrews, Anthony Zerbe, Karin Austin. CIC.

O governo americano mantém um instituto que pesquisa e treina agentes secretos paranormais. Um dos candidatos à vaga é Blake (Andrews), um ex-mágico que sonha com as regalias oferecidas (imunidade, dinheiro...). Max (Zerbe), um renomado ilusionista, é o idealizador do teste a que Blake, seu ex-aluno, se submeterá. Blake não via Max desde a fuga de uma prisão africana, quando o "amigo" o traiu. Max, logo após o teste, aparece morto, vítima de uma guilhotina que usava nos seus shows. Para investigar o crime, entra em cena o tenente Columbo (Falk). Teimoso e inteligente, Columbo leva Blake ao extremo confronto psicoindutor para acusá-lo do assassinato. O seriado Columbo, criado por volta de 1967 e apresentado até 1977, tem sido várias vezes reprisado na TV. Esse filme, filmado em 1989, talvez marque o retorno da série. *M.C.*

ROTA SUICIDA ●●
(The Gauntlet, EUA, 1977)
Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Sondra Locke, Pat Hingle, William Prince. Warner.
Clint é o policial Ben Shockley. Apesar de alcoólatra assumido, e não muito brilhante em seu ofício, ele é um sujeito honesto e de princípios. Shockley estranha que seu chefe, o comissário Blakelock (Prince), mande-o extraditar um prisioneiro de Las Vegas para testemunhar em um julgamento em Phoenix. A atraente Mally (Sondra Locke) é o prisioneiro. Ela sabe que seu testemunho incriminará figurões da polícia num escândalo sexual. Mally sabe também que ela e Shockley podem morrer no trajeto, vítimas da própria polícia. Atônito, Shockley descobre que é tido como descartável, boi-de-piranha de um jogo sujo. Durante o percurso, ele e Mally sofrem ataques absurdamente violentos. Mas Shockley vai à forra ao mesmo tempo em que se apaixona por Mally. O argumento é fraco e abusivamente irreal, mas Clint e Sondra compensam, dando tudo o que podem em seus papéis. *W.S.*

NA DANÇA DO ASSASSINO ●●
(The Dancer's Touch, EUA, 1989)
Direção: William Fraker. Com Burt Reynolds, Ossie Davis, Helen Shaver, Rita Moreno. CIC.
Piloto de uma série realizada para a TV americana, o filme marca o recente retorno de Reynolds à televisão. Ele é B. L. Stryker, um ex-policial aposentado às voltas com um estuprador que está atacando as mulheres ricas de Palm Beach, na Flórida. O criminoso veste-se de negro e executa uma estranha dança antes de atacar suas vítimas. Como tantos outros telefilmes, esse também não consegue sair do convencional. Reynolds até que se esforça e faz o que pode, mas é impotente para insuflar vida num filme concebido para obedecer aos padrões da pasteurização televisiva. *P.C.*

TERROR

A HORA DO PESADELO 5 ●●●
(A Nightmare on Elm Street 5: The Dream Child, EUA, 1989)
Direção: Stephen Hopkins. Com Robert Englund, Lisa Wilcox, Danny Hassel, Beatrice Boepple. Alvorada.
A heroína Alice (Lisa Wilcox), de *A Hora do Pesadelo 4*, reaparece grávida nesta edição. Há algo inédito: as vítimas de Freddy Krueger não precisam mais do sono para cair nos terríveis pesadelos — mesmo acordadas elas passam para a dimensão do fantástico. É assim que Alice descobre o velho asilo onde a mãe de Krueger, Amanda (Beatrice), foi violentada por um grupo de internos, dando origem ao Freddinho. Através dessa visão, Amanda pede ajuda à garota, que descobre que Krueger tem medo da mãe. Alice e o embrião passam a sofrer os ataques do maníaco. O namorado (pai da criança) e os amigos de Alice tentam ajudá-la, mas todos se dão mal. Tudo acontece com muita agilidade visual: a rápida edição de imagens combina com a fotografia, que sugere histórias em quadrinhos de horror. Não por acaso, o diretor Stephen Hopkins é egresso da escola de videoclipes. *W.S.*

DRAMA

O CAMPEÃO ●●
(The Champ, EUA, 1979)
Direção: Franco Zeffirelli. Com Jon Voight, Ricky Schroder, Faye Dunaway. Vídeo Arte.
Remake de uma obra de King Vidor de 1931, é um dos mais líricos e lacrimogênicos trabalhos do di-

O ABOMINÁVEL DR. PHIBES ●●●
(The Abominable Dr. Phibes, Inglaterra, 1971)
Direção: Robert Fuest. Com Vincent Price, Joseph Cotten, Terry-Thomas, Virginia North. Globo Vídeo.
Como todo gênio enlouquecido, o diabólico doutor Phibes (Vincent Price) relaciona-se de uma forma muito especial com a realidade. Para ele, nada pode ser simples ou banal. Nem mesmo o ato de matar.
Decidido a vingar-se da equipe médica que considera responsável pela morte de sua esposa, o doutor Phibes evoca o Velho Testamento e vai buscar nas dez pragas do faraó a inspiração de que tanto necessita para eliminar os veneráveis médicos. Lançando mão de morcegos, ratos, abelhas — uma das vítimas tem o rosto inteiramente devorado por um bando de gafanhotos —, Phibes, com o inestimável auxílio de sua assistente, Vulnávia (Virginia North), segue à risca as maldições bíblicas e está sempre um passo à frente dos desastrados inspetores Trout (Peter Jeffrey) e Crow (Derek Godfrey), que invariavelmente chegam ao local dos crimes minutos depois de acontecidos.
Na verdade, o filme não seria o mesmo sem a presença do rei do *camp*, Vincent Price. Canastrão como sempre, Price desfila em trajes extravagantes por um suntuoso salão decorado no estilo *art déco* — magnificência *kitsch* que não exclui sequer uma orquestra de bonecos mecânicos e um órgão para o bom doutor cultivar suas aptidões musicais —, embora faça pouco uso aqui de uma de suas marcas registradas: a voz sepulcral. É que, desfigurado num grave acidente automobilístico, Phibes perdeu a voz e só consegue falar e comer por meio de um buraco aberto no pescoço.
Horror e comédia misturados com a mesma precisão com que as engenhocas mortais criadas pelo perverso Phibes eliminam pessoas, o filme é pleno de humor negro. No final, blasfêmia suprema, Phibes descansa ao lado de sua amada ao som da clássica canção "Somewhere Over the Rainbow"
Paulo Capuzzo

Globo Vídeo
O bizarro Dr. Phibes e seus músicos mecânicos

retor de *Romeu e Julieta* e *Irmão Sol, Irmã Lua*. Billy Flynn (Jon Voight), lutador de boxe, disputa a custódia do filho (Ricky Schroder) com a ex-esposa, Annie (Faye Dunaway), que quer recuperá-lo. Provando que se dá melhor na grandiloqüência das óperas e obras shakespeareanas, Zeffirelli revela-se tão canhestro nesse drama quanto no igualmente choroso *Amor Sem Fim* (1981), que faria a seguir. Um verdadeiro "vale de lágrimas" sobre lares despedaçados, indicado apenas para os sentimentalistas incorrigíveis. *A.Q.N.*

FAÇA A COISA CERTA ●●●
(Do the Right Thing, EUA, 1989)
Direção: Spike Lee. Com Spike Lee, Danny Aiello, Richard Edson, John Turturro, Ruby Dee, Ossie Davis. CIC.

No coração de uma rua do Brooklyn, habitada exclusivamente por negros, encontra-se a pizzaria de Sal (Danny Aiello). Imigrante italiano, ele e seus dois filhos, Vito (Richard Edson) e Pino (John Turturro), disfarçam (mal) um certo racismo, para manter os lucros do negócio. Mookie (Spike Lee) é o entregador de pizzas do estabelecimento. É certo que ele não é bem tratado por Pino, mas é certo também que ele é folgado e provocador. Ele é o catalisador do conflito entre os negros da rua e os brancos da pizzaria. A ação se passa num único dia. O dia mais quente do ano. Tudo começa com uma discussão sobre as fotos de brancos na parede da pizzaria. A polêmica toma as ruas. Os jovens andam em grupos pelas adjacências causando tumulto e violência, mas também uma certa alegria. Vida e violência estão no ar como uma forte carga elétrica. O filme é um barril de pólvora cuja explosão se dá na pizzaria. Não é apenas uma abordagem sobre racismo. É também a visão interior, colorida e dinâmica de um dia muito quente na vida dos negros em uma rua do Brooklyn. *W.S.*

O TIGRE ●●
(Tiger Warsaw, EUA, 1987)
Direção: Amin Q. Chaudhri. Com Patrick Swayze. Barbara Williams, Lee Richardson, Piper Laurie e Mary McDonnell. Transvídeo.
O cantor e dançarino Patrick Swayze (que enlouqueceu platéias com seu rebolado em *Ritmo Quente*, também de 1987) é Chuck "Tiger" Warsaw, um ex-viciado que remói a culpa de ter atirado no pai na adolescência. Após retornar à cidade natal, quinze anos depois, percebe que as feridas deixadas pelo acidente ainda não cicatrizaram. É repelido pela irmã (McDonnell), pelo pai (Richardson) — cuja seqüela da tragédia o deixou mentalmente incapaz — e pelos amigos, mas, com o apoio da mãe (Laurie) e da amiga Karen (Williams), instala-se na cidade decidido a conseguir a reconciliação familiar. Um dramalhão comum e com final esperado, que serve para mostrar que Swayze ainda não provou ser um bom ator. *D.P.*

JUSTIÇA PARA TODOS ●●●
(And Justice for All, EUA, 1979)
Direção: Norman Jewison. Com Al Pacino, Jack Warden, John Forsythe, Jeffrey Tambor, Christine Lahti. LK-TEL/Columbia.
Arthur Kirkland (Al Pacino) é um advogado idealista, baixinho e enfezado. Ele não está muito satisfeito com os procedimentos da lei. E com razão. Um cliente seu, seguramente inocente, foi confundido com um homicida e condenado a cinco anos de prisão. O juiz responsável pelo erro judicial é o empedernido Fleming (John Forsythe). Kirkland não pode reabrir o caso porque Fleming simplesmente não quer. Abre-se um conflito indisfarçável entre os dois. O duelo se dá pelos corredores do tribunal, castelo no qual Fleming reina absoluto. Por meio de uma decupagem ágil, o filme mostra instantes reveladores dos bastidores da lei, abrangendo vários casos. O conchavo e a burocracia são a base judicial. O ponto alto é quando o próprio Fleming é acusado de estuprar uma jovem. Com toda cara-de-pau, ele requisita Kirkland para defendê-lo, reconhecendo assim, implicitamente, o valor do advogado. Ameaçado, Kirkland tem duas opções: defender Fleming e garantir sua carreira, ou recusar a defesa e resguardar sua integridade ética. O diretor Norman Jewison (*Feitiço da Lua*) mostra com competência e empolgação que não há justiça para todos, mas pesos diferentes para medidas iguais.

LK-Tel/Columbia
Al Pacino enfrenta uma justiça parcial

Jewison deixa claro que a classe social, em muitos casos, determina o veredito dos julgados. Quixotescamente, Kirkland luta na solidão por uma justiça imparcial. O resultado é um ensaio filosófico prático sobre a limitada capacidade do julgamento humano e suas conveniências. O diretor não é duro ou carrancudo. O filme até adquire tons de tragicomédia. E o herói, Al Pacino, é um pequeno tanque de guerra de interpretação. *Walter de Silva*

NICK E GINO ●●
(Nick and Gino/Dominick and Eugene, EUA, 1988)
Direção: Robert M. Young. Com Tom Hulce, Ray Liotta, Jamie Lee Curtis. Globo Vídeo.

Nick é Tom Hulce (de *Amadeus*), preso à infância por um retardo mental, fã apaixonado do Hulk e lixeiro por ocupação. Gino (Ray Liotta, o jogador-fantasma de *O Campo dos Sonhos*) é o irmão de Nick, que começa sua carreira de médico e tem uma pós-graduação esperando-o em Stanford. Os dois são órfãos e vivem em Pittsburgh. Nick é um poço de simpatia e ingenuidade e depende de Gino para se livrar da hostilidade do mundo. Essa hostilidade se manifesta principalmente através de pessoas que se aproveitam da disponibilidade do garoto grande. Daí vem o dilema de Gino: Nick ou Stanford? Cenário montado para uma interpretação de Hulce bem ao gosto dos "filmes sensíveis" que tanto agradam Hollywood. Por mais que o diretor tenha "enxugado" o filme para dinamizar o roteiro, permanece programado um mar de lágrimas que se transforma em um vagalhão perto do final, sob a epígrafe "desgraça pouca é bobagem". Robert M. Young mostra competência em algumas seqüências, mas não se esforça muito em conter o dramalhão. Jamie Lee Curtis, o outro trunfo do elenco do filme, tangencia a história como a namorada que ameaça roubar Gino de Nick. *M.S.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

SEXO, MENTIRAS E VIDEOTAPE ●●●●
(sex, lies and videotape, EUA, 1989)
Direção: Steven Soderbergh. Com James Spader, Andie MacDowell, Peter Gallagher, Laura San Giacomo. Look.

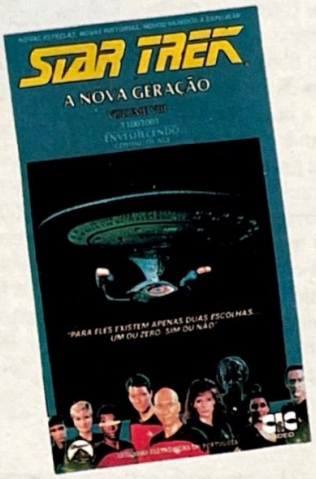
Vencedor da Palma de Ouro em Cannes, o filme foi escrito, dirigido e montado pelo garoto-prodígio Steven Soderbergh, 26 anos, um *videomaker* que descobriu a vocação para o cinema ao assistir *Tubarão*, de Spielberg. Soderbergh trata o sexo com o objetivo de revelar as mentiras mais íntimas de seus personagens, como alguém que despe serenamente manequins. Ann (MacDowell), casada com o *yuppie* John (Gallagher) é o exemplo da esposa dedicada, enquanto o marido a trai com a cunhada libidinosa (San Giacomo). A história se desenvolve a partir da chegada de Graham (Spader), amigo de John, que só consegue encontrar satisfação sexual assistindo a entrevistas que grava em vídeo com mulheres relatando suas experiências íntimas. Com um enredo simples e inteligente e um estilo limpo e eficaz, o filme remete, formalmente, às peças teatrais bem construídas, e, do ponto de vista temático, aos desnudamentos psicológicos de Tennessee Williams. *M.N.*

CASTELOS DE GELO ●●●
(Ice Castles, EUA, 1979)
Direção: Donald Wrye. Com Lynn-Holly Johnson, Robby Benson, Colleen Dewhurst, Tom Skerritt. LK-Tel/Columbia.

Alexis Winston (Lynn-Holly Johnson, numa boa composição) — filha de um fazendeiro de Iowa —, depois de assombrar a todos com sua habilidade como patinadora no gelo, decide levar a carreira a sério, disputando torneios e preparando-se para a Olimpíada. Tudo vai bem até o dia em que após uma crise emocional, ela sofre uma queda e perde a visão. A partir daí, começa o seu calvário, mas com uma pequena ajuda do namorado, do pai e da ex-treinadora, Alexis consegue retornar à pista de patinação. A mensagem de que a força de vontade e uma disciplina férrea podem transpor até mesmo a barreira da deficiência física é a mesma de tantas fitinhas edificantes da *Sessão da Tarde*. A diferença aqui é que a direção é hábil o suficiente para evitar cair no melodrama e, além disso, o bom desempenho do elenco garante autenticidade à trama. *P.C.*

FICÇÃO

STAR TREK - A NOVA GERAÇÃO VOL. III ●●
(Star Trek - The Next Generation Vol. III, EUA, 1987)
Direção: Paul Lynch e Michael Vejar. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes. CIC.



O oitavo volume da série produzida para a TV americana reúne dois episódios. No primeiro, "1 1001001", a Enterprise é seqüestrada por seres cibernéticos que deveriam ajustar o complexo sistema de computador da nave. No segundo episódio, "Chegando à Idade" (*Coming of Age*), o comandante da Enterprise é objeto de uma misteriosa investigação movida por seus superiores, ao mesmo tempo que um dos membros da tripulação tenta ingressar na Academia da Frota Estelar. Os filmes da série parecem ter chegado a um ponto próximo da saturação, e já não possuem o mesmo vigor do início. *P.C.*

SUSPENSE

SEGREDO EM FAMÍLIA ●●
(Sister, Sister, 1988)
Direção: Bill Condon. Com Eric Stoltz, Jennifer Jason Leigh, Judith Ivey, Dennis Lipscomb, Anne Pitoniak. Transvídeo.

Duas irmãs, Charlotte (Judith) e Lucy (Jennifer), vivem numa mansão às margens de um pântano na Louisiana e recebem hóspedes em temporadas. Lucy, a irmã mais nova, frágil e com problemas psíquicos, é superprotegida por Charlotte, que dela cuida desde a morte dos pais. Esse cuidado extremo, na verdade, busca encobrir um crime do passado. Matt Rutledge (Stoltz), jovem assessor de um congressista, hospeda-se na mansão em férias e envolve-se afetivamente com Lucy, contrariando Charlotte, que começa a perder o controle sobre a irmã. Uma série de acontecimentos se sucede, num clima de suspense e sensualidade, enfatizado por (nada mais oportuno) luzes de velas, trovões e tempestades. Mesmo inesperado, o fim chega a ser absurdo. *M.A.A.*

TRILHA DE CORPOS ●
(He Knows You're Alone, EUA, 1980)
Direção: Armand Mastroianni. Com Don Scardino, Caitlin O'Heaney, Elizabeth Kemp, Tom Rolfing, Tom Hanks. Vídeo Arte.

Jovem psicopata tem como hobby preferido assassinar belas mocinhas que estão perto do casamento. Três amigas — uma delas de casamento marcado, mas assediada por um rival do seu noivo — despedem-se de seus namorados que viajarão para comemorar a despedida de solteiro. Sozinhas, mas procurando também se "divertir", elas estarão à mercê do assassino, que não mede esforços para chegar a sua vítima principal. No rastro do maníaco está um investigador policial que teve sua noiva morta por um ex-pretendente. Se há algum interesse nesse suspense, fica por conta da aparição de Tom Hanks, ainda no início de sua carreira. *M.A.A.*

O ENIGMA DE ANDRÔMEDA ●●●●
(The Andromeda Strain, EUA, 1971)
Direção: Robert Wise. Com Arthur Hill, David Wayne, James Olson, Kate Reid, Paula Kelly. CIC.

Certos filmes tornam-se inesquecíveis pela atualidade de seu tema. *O Enigma de Andrômeda* é um caso típico. Realizado com maestria por Robert Wise (*O Dia em Que a Terra Parou, Amor, Sublime Amor*) nos anos 70, tem agora um impacto ainda maior. Cidade de Piedmond, Novo México: a queda de um satélite espacial provoca a morte de seus habitantes, com exceção de um velho e uma criança. Quatro cientistas são convocados pelo sistema de segurança nacional, para que, em um laboratório subterrâneo em Nevada, investiguem o objeto. Está dada a largada para Wise conduzir, com rigor documental, a trajetória dos quatro pesquisadores no processo de descoberta e luta contra um poderoso microorganismo extraterreno denominado Andrômeda, causador da catástrofe. O extremo cuidado com cada detalhe dessa produção leva o espectador a conhecer o "admirável mundo novo" da ciência, que ao mesmo tempo em que constrói o futuro do homem leva-o também a procurar sua autodestruição, ao descobrir novas e poderosas armas de extermínio, como a guerra biológica. Ficção inspirada em fato real ocorrido na mesma cidade anos antes e baseada na novela do também diretor J. Michael Crichton (*Coma, O Primeiro Assalto de Trem*), é uma obra singular na carreira desse septuagenário cineasta, que já abraçou diversos gêneros em sua extensa filmografia, e que aqui deixa seu alerta para os dias de hoje. *Wagner Almeida Silva*

CIC

Sobreviventes e cientistas da visionária catástrofe

ção relâmpago de Tom Hanks, seu filme de estréia. *W.A.S.*

NOITE DE AGONIA ●●
(Curfew, EUA, 1989)
Direção: Gary Winivck. Com Kyle Richards, Wendell Wellman, John Putch. Look.

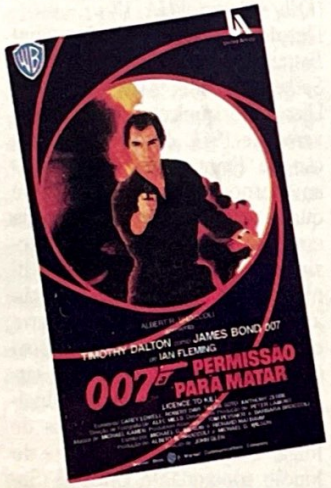
Conseguindo fugir da prisão, dois irmãos decidem dar cabo dos homens que os condenaram. Depois de assassinarem friamente o juiz e a esposa dele, invadem a casa do promotor, ameaçando sua mulher e filha e promovendo uma noite de horror. Nada além, portanto, da velha fórmula do psicopata à solta. O filme é uma cópia fiel de tantos outros subprodutos do gênero, mas, ainda assim, funciona bem em vídeo, o que talvez explique a insistência com que produtores e diretores recorrem ao tema. Afinal, por que desperdiçar talento e imaginação quando sempre se pode repetir, até a exaustão, desgastadas fórmulas? *P.C.*

AVENTURA

QUERIDA, ENCOLHI AS CRIANÇAS ●●●
(Honey, I Shrunk the Kids, EUA, 1989).
Direção: Joe Johnston. Com Rick Moranis, Matt Frewer, Marcia Strassman, Kristine Sutherland. Abril Vídeo.

Afogar-se em uma tigela de leite com sucrilhos ou viajar a bordo de uma mosca são coisas impossíveis de acontecer? Não, pelo menos em *Querida, Encolhi as Crianças*, a grande microaventura dos Estúdios Disney protagonizada por Rick Moranis (de *A Pequena Loja dos Horrores*), um cientista meio louco que tenta inventar um raio redutor de moléculas sem muito sucesso. Um acidente miniaturiza seus filhos e os do vizinho chato, que, literalmente varridos, se perdem numa imensa floresta — o gramado mal aparado da sua casa. Baseada na história de Stuart Gordon (diretor de *Re-animator*), o estreante na direção Joe Johnston (que trabalhou na Industrial Light & Magic de George Lucas) cria com perfeição os cenários e efeitos especiais. Fez grande sucesso no verão americano de 1989, angariando a quarta maior bilheteria. *M.C.*

007 PERMISSÃO PARA MATAR ●●●
(Licence to Kill, Inglaterra, 1989)
Direção: John Glen. Com Timothy Dalton, Carey Lowell, Robert Davi, Talita Soto, David Hedson. Warner.

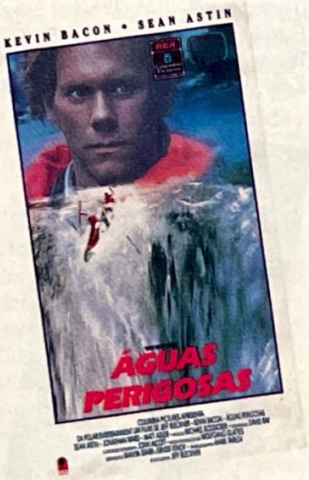


Esta 17.ª aventura de 007, e segunda de Dalton no papel do protagonista, tem mais reflexo na realidade do que as aventuras anteriores. Sanchez (Robert), chefão do tráfico de drogas na América Latina, mutila o agente da CIA Felix Leiter (David) usando um tubarão. Bond, amigo de Felix, quer vingar a desgraça do companheiro. Sabendo disso, o Serviço Secreto inglês caça a licença de Bond para matar em missões oficiais. Vendetas não são permitidas. Com ou sem licença, Bond vai atrás de Sanchez. Duas beldades ajudam o afortunado agente secreto: a própria namorada de Sanchez, Lupe (Talita), e a piloto Pam Bouvier (Carey). Depois de roubar milhões de dólares do vilão, James parte para um paiseco na América do Sul, onde Sanchez reina como um general Noriega. Todos os lances típicos de ação de 007 se sucedem com mais violência do que nos episódios passados. Bond está mais humano, chega até a sangrar. *W.S.*

O IMPORTANTE É VENCER ●●
(The Hard Ride, EUA, 1971)
Direção: Burt Topper. Com Robert Fuller, Sherry Bain, Tony Russel. LK-Tel/Columbia.

Disposto a respeitar a última vontade do amigo, morto em combate no Vietnã, um ex-sargento parte de moto pelo interior dos Estados Unidos. Durante a viagem, envolve-se com uma jovem, enfrenta gangues de motoqueiros, e mete-se nas enrascadas comuns a um ciclo de filmes bastante populares nos anos 60. São produções que procuravam traduzir o descontentamento da juventude norte-americana com a Guerra do Vietnã e a falência das instituições. É inegável, porém, que esse tipo de filme — com seus anti-heróis que fumam *marijuana*, cavalgam motos e cultuam a anarquia como forma de vida — envelheceu muito e hoje só tem valor para os adeptos do *trash*. *P.C.*

ÁGUAS PERIGOSAS ●●
(White Water Summer, EUA, 1987)
Direção: Jeff Bleckner. Com Kevin Bacon, Sean Astin, Jonathan Ward, Matt Adler. LK-Tel/Columbia.



As forças mais perigosas da natureza estão personificadas em Vic (Bacon), um austero guia de excursão para adolescentes empenhado em fazer dos bandeirantes-mirins homens autênticos. Alan (Astin) não pensa assim. Inteligente na escola, só quer distância da traiçoeira mata virgem. Tem maior afinidade com computadores do que com as forças naturais. Militar e irredutível, o chefe Vic — num papel estranho ao perfil de bom moço de Kevin Bacon — faz os rapazes passarem por poucas e boas. Mas comete abusos. Deixa o introspectivo Alan — que efetivamente não tem talento para alpinista — pendurado numa ribanceira. Daria um bom filme de aventura, mas há no roteiro aquela vontade juvenil de dar uma lição final. Aliás, a moral da história não se define muito bem. Ineficaz como filme de ação, serve mais propriamente como álbum de fotografias ou como tema de redação escolar do tipo "Minhas Férias". *D.G.*

LOUCA PERSEGUIÇÃO ●●
(Return to Macon County, EUA, 1975)
Direção: Richard Compton. Com Nick Nolte, Don Johnson, Robin Mattson. Globo Vídeo.

Filme de estréia do grandalhão Nolte (de *Um Vagabundo na Alta Roda* e *Contos de Nova York*), contracenando com o futuro astro (e sr. Melanie Griffith) Don Johnson (de *Miami Vice*). A dupla mora num daqueles lugarejos no interior dos EUA, no final dos anos 50. Nolte pretende ser piloto de competições na Califórnia, e Johnson é seu mecânico. O problema é que eles não têm dinheiro. Aí aparece uma garota para quebrar esse galho. Robin Mattson é Junnel, a louquinha que é fascinada por usar uma arma. Bastam algumas confusões e malentendidos para os três estarem na estrada perseguidos como fora-da-lei. A sinopse é o bastante para se saber que se trata de um cruzamento de *Fuga Alucinada (Sugarland Express*, de Spielberg) — com o qual tenta se confundir no título em português — com *Loucuras de Verão* (*American Grafitti*, de George Lucas), semelhança acentuada pela ambientação e trilha de clássicos do rock. Mas personagens e interpretações são pouco envolventes, a história é fraca, as cenas de perseguição não estão entre as melhores já feitas. Os astros mesmo são os carros — um Bel Air 57, um Ford 50 e um Oldsmobile 54 —, prato cheio para fãs. *M.S.*

CONSPIRAÇÃO TEKNIK ●
(Deadlock, EUA, 1989)
Direção: James Dodson. Com Steffen Gregory Foster, Jeremy Slate, James Hong, Maureen McVerry. Vic.
O líder de um grupo de seqüestradores (Steffen G. Foster) captura um cientista (Karl-Heinz Tauber) que desenvolve um novo tipo de míssil portátil para uma grande empresa de armamentos. Isolados numa sala-forte da companhia, eles são cercados apenas pela segurança da fábrica. O "muito-rico-e-poderoso" dono da empresa (Jeremy Slate) se recusa a chamar as "autoridades competentes" para resolver o caso, preferindo recorrer a negociadores profissionais. O primeiro a mostrar resultados é uma garota (Maureen McVerry). Por conseqüência, ela também começa a descobrir o porquê de sua convocação. Mas não salva o filme: é muito chato, desconjuntado, com jeito de piloto de minissérie. As surpresas do roteiro não passam de diluições de *n* filmes do gênero, enquanto a ação esperada é fraca e desinteressante. Há uma participação, ao estilo Charlie Chan, de James Hong (de *O Rapto do Menino Dourado* e *Aventureiros do Bairro Proibido*), que ajuda a tornar a história mais improvável. *M.S.*

GUERRA

COMANDO 10 DE NAVARONE ●●
(Force Ten from Navarone, Inglaterra, 1978)
Direção: Guy Hamilton. Com Robert Shaw, Edward Fox, Harrison Ford, Franco Nero. LK-Tel/Columbia.
Comandados pelo tenente-coronel Barnsby (Harrison Ford antes de Indiana Jones), as forças aliadas na 2.ª Guerra Mundial têm uma importante missão na Iugoslávia: destruir uma ponte vital aos interesses dos alemães e, de quebra, eliminar um espião infiltrado entre os membros da Resistência. Seqüência do semiclássico *Os Canhões de Navarone* (de J. Lee Thompson, de 1961), o filme não resiste a uma comparação com o original, graças, principalmente, ao roteiro cheio de furos, escrito a quatro mãos por Carl Foreman e Robin Chapman a partir de uma novela de Alistair McLean. *P.C.*

PELOTÃO DE HERÓIS ●●
(Last Platoon, EUA/Itália, 1988)
Direção: Paul D. Robinson. Com Donald Pleasence, Richard Hatch, Vassili Karis. Look.

Um sargento deve destruir uma ponte em território vietnamita. Para tanto, contará com a ajuda de um grupo de guerrilheiros e de um pelotão formado por recrutas e ex-presidiários, que podem colocar a missão em risco. Mais um exemplar da recente safra de filmes sobre a guerra do Vietnã que não traz nada de novo, limitando-se a reproduzir situações de tantos outros do gênero. Não falta aqui nem mesmo a heroína, que morre nos braços do amado quase no final. Apesar disso, há ação suficiente para grudar o espectador diante da tela. *P.C.*

A ESQUADRILHA MORTAL ●●
(Flying Tigers, EUA, 1942)
Direção: David Miller. Com John Wayne, John Carrol, Anna Lee, Paul Kelly, Mae Clarke. Herbert Richers.

Flying Tigers são pilotos amestrados para matar e destruir a frota inimiga. Em *A Esquadrilha Mortal* eles são americanos a serviço dos chineses, aniquilando japoneses. Os mercenários ganham 500 dólares por cada *jap* derrubado. A patota de "ases do espaço" é comandada por Jim (Wayne), encarregado, entre outras coisas, de esfriar os conflitos do grupo, amansar os indomáveis e ajudar os fracotes. A Segunda Guerra esquenta quando, após o ataque a Pearl Harbor, os americanos passam a enfrentar os japoneses de verdade. Cenas aéreas bem-feitas (do tipo *Top Gun*) interrompidas pelo melodrama de guerra, tudo (mal) colorizado artificialmente, feito dropes de hortelã. *D.G.*

COMÉDIA

OS GUERREIROS PILANTRAS ●●●
(Kelly's Heroes, EUA, 1970)
Direção: Brian G. Hutton. Com Clint Eastwood, Telly Savalas, Donald Sutherland. Vídeo Arte.
Um conto irônico de guerra. No verão de 1944, durante a libertação da França, um cabo norte-americano (Eastwood) descobre que os alemães têm uma fortuna em ouro guardada numa cidadezinha francesa atrás de suas linhas. Kelly, o cabo, começa então a montar uma operação de guerra clandestina para encher os bolsos. Convence a tropa do durão sargento Big Joe (Savalas), que finalmente havia obtido três dias de folga, e um apoio de tanques do loucão comandante Oddball (Sutherland). E, enquanto o resto do Exército dos EUA vacila em sua tomada de Nancy, o grupinho investe contra os alemães para roubar um banco. Os tiros são muito certeiros nesse filme — os heróis amorais não decepcionam quando alcançam o objetivo. A produção garante cenas de batalha convincentes (caso raro no cinema: os tanques alemães são alemães mesmo) e o roteiro garante seqüências hilariantes, como a convocação do pelotão de engenharia para construir uma ponte e a descoberta por parte do alto comando do "heroísmo" de uma tropa desconhecida. Sutherland rouba a cena com um personagem muito engraçado. Ele devia estar inspirado, pois fez o ótimo *Mash* no mesmo ano. *M.S.*

ESTA É MINHA CHANCE ●●●
(It's My Turn, EUA, 1980)
Direção: Claudia Weill. Com Jill Clayburgh, Michael Douglas, Charles Grodin, Beverly Garland. LK-Tel/Columbia.

Jill Clayburgh *(Uma Mulher Descasada)* vive aqui o papel de uma professora de matemática às voltas com alguns problemas típicos de toda mulher moderna independente. Ao chegar em Nova York, levando na bagagem uma proposta de emprego e o convite para assistir ao segundo casamento de seu pai, ela se envolve emocionalmente com um ex-jogador de bêisebol (Michael Douglas). Tudo seria perfeito se a protagonista não tivesse deixado para trás uma relação um tanto instável com um arquiteto (Charles Grodin). Essa comédia romântica vê o relacionamento homem/mulher sob a ótica feminista, mas consegue fugir do estereótipo ao construir personagens sólidos, cuja dimensão humana não oculta, porém, uma visível preocupação com a elaboração de um discurso "moderno", que, uma década depois, pode soar anacrônico. *P.C.*

BANDEIRA ZERO ●●●
(Bum Rap, EUA, 1989)
Direção: Daniel Irom. Com Craig Wasson, Blanche Baker. Transvídeo.
Motorista de táxi, Paul Colson (Wasson, de *Dublê de Corpo*) sonha um dia se tornar um grande ator. Em contrapartida, é atormentado por ecos do passado, que sugerem problemas existenciais. Ao completar 30 anos, Paul descobre que sofre de uma rara doença ainda sem cura e tem apenas três dias de vida. Mete as caras e, junto com a prostituta Lisa (Blanche Baker, de *Gatinhas e Ga-*

tões), decide enfrentar a realidade. O filme trata a vida e a morte como pequenos pêndulos equilibrados pelos sonhos de Colson. Os primeiros minutos são em preto-e-branco, ganhando cor com a passagem do personagem da monotonia do dia-a-dia para a "alegria" de viver seus últimos dias de vida. *M.C.*

MONTY PYTHON E O CÁLICE SAGRADO ●●●

(Monty Python and The Holy Grail, Inglaterra, 1974)
Direção: Terry Gilliam e Terry Jones. Com Terry Gilliam, Terry Jones, Graham Chapman. VTI.

Célebre pelo humor escrachado, anárquico e corrosivo, que não respeita nada, a trupe dos Python aqui bagunça com as lendas medievais britânicas, não deixando pedra sobre pedra na Távola Redonda do rei Artur (Graham Chapman). Ao irem para Camelot, os cavaleiros Lancelot (John Cleese), Galahad (Michael Palin), Robin (Eric Idle), Belvedere (Terry Jones) e Patsy (Terry Gilliam) são conclamados pelo próprio Deus para procurarem o Santo Graal.

Na busca, os atrapalhados cavaleiros passam por diversas aventuras bizarras, até encontrarem o tal Cálice Sagrado no castelo de "Aaargh". Realizado com baixíssimo *budget*, tem a forma descuidada, porém eficiente, dos primeiros filmes do grupo. Uma abordagem insana da Idade Média, um humor que não raro descamba para o sadismo e a grossura, e que (por isso) não agrada a todos. Algumas piadas são contra-indicadas para desconhecedores das lendas arturianas, e certos jogos lingüísticos são pouco atraentes para desconhecedores do inglês. *A.Q.N.*

BILL & TED, UMA AVENTURA FANTÁSTICA ●●

(Bill & Ted's Excellent Adventure, EUA, 1987)
Direção: Stephen Herek. Com Keanu Reeves, Alex Winter, George Carlin. Tec Home.

O Bill e o Ted do título (Reeves e Winter) são uma dupla musical medíocre na guitarra e nota zero em História Geral. Um emissário do futuro oferece aos dois uma cabine telefônica preparada para viajar no tempo e no espaço. Sócrates, Gengis Khan, Napoleão, Joana D'Arc, Freud e Lincoln são trazidos ao exame final para livrá-los da repetência. E a humanidade do século 21 descobre numa canção da dupla o remédio para todos os seus males. Stephen Herek, diretor de *Critters*, se esforça por capturar a velha fantasia infanto-juvenil de "aprender-brincando". A produção é amadora, mas divertida. Os efeitos especiais, em *computer graphics*, não chegam a comprometer. *D.G.*

BIG BAD MAMA II ●●●

(Big Bad Mama II, EUA, 1987)
Direção: Jim Wynorsky. Com Angie Dickinson, Danielle Brisebois, Julie McCullogh, Robert Culp, Bruce Glover. Vídeo Arte.

Na época da Depressão americana, Mama (Angie) perde a casa e o marido, morto pelo governo corrupto. Em troca, adquire valentia, metralhadoras e barras de dinamite. Com suas duas filhas, resolve assaltar bancos, enquanto o resto da população passa fome e reclama por empregos. A bandida justiceira torna-se conhecida em todo o país graças ao trabalho de seu mais fiel perseguidor, o jornalista Daryl Person (Culp). Mais uma comédia de gângsteres do que um filme de "ação" (como a distribuidora anuncia), *Big Bad Mama* já foi filmado em 1974 com a mesma Angie Dickinson e tem diálogos venenosos que parecem escritos pela insolente Mae West. O "excesso" das falas só é igualado pelo exagero de tiros de metralhadora. O resultado é uma deliciosa marmelada. *D.G.*

OS TRÊS FUGITIVOS ●●

(Three Fugitives, EUA, 1989)
Direção: Francis Veber. Com Nick Nolte, Martin Short, Sarah Rowland Doroff, James Earl Jones. Abril Vídeo.

Inversão cômica da fórmula de "duplas policiais" para "duplas de bandidos". Lucas (Nolte), ex-assaltante, vai da prisão direto para o banco. Bem-intencionado, quer abrir uma conta corrente e guardar os parcos dólares conseguidos em cinco anos de trabalho na penitenciária. Na hora do depósito, torna-se refém de Perry (Short), um assaltante novato e desajeitado, sem grana para pagar a escola da filhinha, Meg (Sarah), muda e órfã de mãe. O policial Dugan (Jones) duvida que o ex-presidiário seja somente refém e passa a perseguir os dois. Com a carente Meg, eles formam os três fugitivos. Ela se encanta com a figura grandona de Lucas e desperta nele o sentimento paterno. Por força das circunstâncias, o franzino pai, Perry, acaba fazendo o papel de mãe. O resultado é corriqueiro. O diretor francês Veber, também autor do roteiro, já havia filmado a mesma história na sua terra natal *(Les Fugitives)* com Gerard Depardieu e Pierre Richard. *D.G.*

CRIMES DO CORAÇÃO ●●●

(Crimes of the Heart, EUA, 1986)
Direção: Bruce Beresford. Com Diane Keaton, Jessica Lange, Sissy Spacek, Sam Shepard e Tess Harper. VTI.

A partir do texto de Beth Hanley (que também roteirizou o filme), Beresford (de *Conduzindo Miss Daisy*) juntou três grandes estrelas num casarão no Mississippi, como as irmãs Magrath — Lenny (Keaton), a mais velha, Meg (Lange) e a caçula Babe (Spacek). Todas passam, talvez, pelos piores momentos de suas vidas e se reencontram para dividir as mágoas e agruras. Lenny está completando trinta anos, acaba de romper o noivado porque acha que nenhum homem gostaria de se casar com uma mulher estéril (o seu caso), e cuida do avô internado. Meg retorna de Los Angeles após falhar em todas as tentativas de se tornar uma cantora, e ao encontrar seu antigo namorado (Sam Shepard) descobre que ele não a quer de volta. E a pobre Babe está prestes a ir para a cadeia, depois de atirar em seu marido. Esses fatos são interligados pela memória da mãe que se enforcou, levando consigo o gato da família. Não há dúvidas de que só o riso pode espantar o fantasma maldito de um destino como esse. *D.P.*

UM LOBO NA FAMÍLIA ●●

(Walk Like a Man, EUA, 1987)
Direção: Melvin Frank. Com Howie Mandel, Christopher Lloyd, Cloris Leachman, Colleen Camp, Amy Steel. Vídeo Arte.

Abandonado numa floresta em plena tempestade de neve, um garoto é encontrado 28 anos depois por uma ecologista. O jovem comporta-se como um animal, e logo ela descobre a razão: durante todos esses anos ele foi criado por uma família de lobos. A cientista decide então levar o rapaz à civilização e procurar seus familiares. O caso do homem-lobo ganha repercussão, e seus tresloucados parentes logo o reconhecem como o longamente procurado Bobo (Mandel). Bobo agora tem uma família: mãe, um irmão avarento (Christopher Lloyd, de *De Volta para o Futuro*) e uma cunhada beberrona. Interessado na parte da fortuna do pai falecido destinada a Bobo, seu irmão contrata os serviços da ecologista, que tratará de "civilizá-lo". O tema "mundo animal *versus* civilização" poderia render uma ótima história e proporcionar diversão, mas o excesso de palhaçada gratuita compromete essa comédia, que pouco se importa com a inteligência do espectador. *W.A.S.*

Os Mais Alugados

1 **Máquina Mortífera II** (Warner)
2 **Corra que a Polícia vem aí** (CIC)
3 **Indiana Jones e a Última Cruzada** (CIC)
4 **Batman** (Warner)
5 **Bagdá Café** (Paris)
6 **Cyborg — O Dragão do Futuro** (América)
7 **Irmãos Gêmeos** (CIC)
8 **De Caso com a Máfia** (Globo Vídeo)
9 **Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos** (Globo Vídeo)
10 **Em Busca do Vale Encantado** (CIC)

Fontes: OMNI, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Thimi Vídeo, 2001, Hobby Vídeo (SP); Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ), Vídeo Service (DF), Scorpios Vídeo, Sygma Vídeo, Star Vídeo (GO), Vídeo Mania (PR), Companhia do Vídeo (MG).

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

CP TV
ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

CARTAS

Sobre SET

Quero chamar a atenção para o "Programa" de SET n.º 3, ano 4. A pessoa que o escreveu ou não soube se expressar claramente ou sofre de um enorme preconceito contra homossexuais, autistas e veteranos paraplégicos do Vietnã. De acordo com o texto, eles são "o barro que envergonha a humanidade", além, é claro, de serem algo "feio". Em nenhum momento foi levada em conta a atuação desses atores, que, a meu ver, foi muito boa. Afirmou-se simplesmente que eles fizeram tais papéis única e exclusivamente para "abocanhar" um Oscar. Usaram de uma tática, e fim. Aliás, com um deles essa tática infalível falhou...

Como leitora de SET, gostaria de pedir que antes da publicação de qualquer texto houvesse sempre escolha e revisão rigorosas quanto a sua qualidade, a fim de que não se repitam "escorregões" desse tipo, que comprometem o todo de SET. Mais qualidade e clareza e menos ironias subentendidas não vão fazer mal a ninguém. Acho que SET evoluiu muito e só tende a melhorar.

Cibele Calliari
(Porto Alegre — RS)

SET anda bastante oportunista e até meio chata de se ler. Nota-se a falta de critério e honestidade na escolha das capas. Aliás, pessoalmente continuo desconfiado da superpromoção regularmente feita pela revista a certos filmes de "apelo popular". Nove páginas para *Nascido em 4 de Julho*, fora as do Tom Cruise, é dosagem mortal para a respeitabilidade de qualquer publicação.

Flávio André Melo
(Brasília — DF)

Ultimamente SET tem sido mais empolgante que uma caixinha de surpresas. A crítica sobre *Pecados de Guerra* (n.º 3, ano 4), de Antonio Querino Neto, é uma prova de que o público brasileiro ainda pode ser bem servido de informação cinematográfica. A vasculhada na carreira e na vida pessoal de Tom Cruise, na mesma edição, também está boa. Quero agradecer ainda a David Ratcov pelos esclarecimentos oportunos sobre tevês UHF.

Charles Pierre Siqueira
(Belo Horizonte — MG)

Vídeo Lançamentos

Não gostei do que a sigla M. M. disse sobre o filme *Cantando na Chuva* (n.º 3, ano 4, pág. 68), principalmente quando diz que "é um número tão repetido que ninguém agüenta mais". Eu gosto e sempre gostei de ver. Afinal, é o charme do filme!

Daniela Baeta
(Campinas — SP)

Ridícula a crítica ao filme *Batman* (n.º 3, ano 4, pág. 69), principalmente após as reportagens da edição anterior, que bem souberam expor as virtudes do filme. Além do mais, é a primeira vez que vejo um filme "fiasco" receber a cotação BOM. Mais uma vez, ridículo.

Jorge Augusto Saldanha
(Porto Alegre — RS)

Salas de Cinema

É uma pouca vergonha o estado das salas de cinema em São Paulo. Há algumas em que, pela aparência, percebe-se que há décadas não é feita uma manutenção. Por isso, temos que agüentar cinemas com som deficiente, projetores ultrapassados, poltronas estragadas... Fui ao Cine Interlagos 4 assistir à *Sociedade dos Poetas Mortos* e para minha surpresa estavam operando com apenas um projetor, o que resultou em interrupções que variavam de 5 a 10 minutos cada.

Antonio Cabral
(São Paulo — SP)

Matéria de Capa

Sou superfã de Tom Cruise e parabenizo-os pela reportagem sobre ele e sobre o filme *Nascido em 4 de Julho* (n.º 3, ano 4).

Rosecler Luisa Reckziegel
(Venâncio Aires — RS)

A edição de SET n.º 3 (ano 4) estava de arrasar: bons filmes na seção Em Cartaz, e a Matéria de Capa estava tão boa quanto o Perfil de Tom Cruise. Adorei a revista desde a primeira página.

Andréa Takako Arai
(Londrina — PR)

Adorei tudo que SET publicou sobre Tom Cruise e achei a maior injustiça ele ter perdido o Oscar, já que é a segunda vez que a Academia dá uma mancada com ele.

Luciana Castilho
(Curitiba — PR)

Depois de ler a reportagem sobre *Nascido em 4 de Julho* e a de Ana Maria Bahiana sobre o Oscar (n.º 3, ano 4), percebi que só faltou a entrega "pessoalmente" da estatueta para Tom Cruise. Foram dez páginas sobre o filme. Tudo bem. Mas nada sobre *Meu Pé Esquerdo* já é demais.

Vagner Bordin Abranches
(São Paulo — SP)

A edição n.º 3, ano 4, de SET está simplesmente maravilhosa, e quero parabenizá-los pela reportagem sobre o filme *Nascido em 4 de Julho* (que sem dúvida mereceu todos os Oscar que recebeu e também os que não recebeu) e pelo maravilhoso perfil do talentoso Tom Cruise.

Vívian de Souza Querência
(Porto Alegre — RS)

Oscar

Sei que muitos podem não concordar, mas a maior injustiça do Oscar 90 foi ter dado o prêmio de melhor filme para *Conduzindo Miss Daisy*. A premiação não conseguirá esconder o racismo mascarado norte-americano,

mesmo quando Jessica Tandy afirma que seu negro motorista (o ator Morgan Freeman) é seu melhor amigo. Como a campanha anti-racista é falha, o justo seria dar o prêmio para *Sociedade dos Poetas Mortos*, um filme direto, repleto de poesia, amor e lirismo. A Academia só poderia ter premiado *Miss Daisy* depois de ter entendido a mensagem de *Sociedade...*, que acho não conseguiriam.
Luciana Valério de Morais
(Rio de Janeiro — RJ)

Achei completamente absurda a matéria "Como Ganhar um Oscar" (n.º 3, ano 4), pois mais parece uma receita de bolo. A Academia não é nenhuma campeã em originalidade, mas às vezes surpreende, como ocorreu este ano.
Getro Santa Rosa Guimarães
(Itapetininga — BA)

A reportagem especial sobre o Oscar 90 (n.º 3, ano 4) trouxe para nós, leitores de SET, novas informações detalhadas sobre a Academia.
Bill Pereira Barros
(Brasília — DF)

Ana Maria Bahiana e Mário Nery estão de parabéns pelas excelentes reportagens sobre o Oscar (n.º 3, ano 4).
Adail Cavalcante
(Floriano — PI)

Tom Cruise não é somente um ator bonito ou um símbolo sexual. É também um dos maiores talentos do cinema atual. No entanto, não foi digno de receber o merecido Oscar. Isso prova que ele, Steven Spielberg, Sigourney Weaver e muitos outros vivem perseguidos pela Academia, que insiste em não premiar os grandes talentos.
Adalto Ferreira Calado
(Ji-Paraná — RO)

Fãs-clubes

Estamos fundando um fã-clube do agente secreto James Bond. Temos muitos artigos, pôsteres e trilhas sonoras. Os interessados, escrevam. Endereço: av. Padre Francisco Toledo, 34, ap. 33A, Cohab I, São Paulo — SP (CEP 03590).
Heber Souza Santos

Curto demais o ator Tom Cruise e montei um fã-clube. Quem estiver interessado me escreva. Endereço: Travessa da Brandura, 128, ap. 301, Rio de Janeiro — RJ (CEP 21221).
Amanda Faraco

Tom Cruise Universal Fã-Clube. Endereço: Caixa Postal 7380, São Paulo — SP (CEP 01051).
Joaquim Mendes Neto

Quero me corresponder com fãs de Madonna, Kim Basinger, Michelle Pfeiffer, Kathleen Turner e Batman para troca de material. Endereço: rua Taquari, 190, Santo André — SP (CEP 09070).
Marcelo Miquelin Junior

Quero me corresponder com algum fã-clube de Tom Cruise para troca de pôster, entrevista e comentário. Endereço: rua Eliza Tramontina, 462, Carlos Barbosa — RS (CEP 95185).
Patrícia Silveira

Sou fã do ator Tom Cruise e quero entrar em contato com algum fã-clube para compra de material. Endereço: praça da Bandeira, 290, Cristina — MG (CEP 37476).
Flávia Gorgulho Sallum

Quero me corresponder com fãs-clubes (ou com fãs) dos atores Matthew Broderick, Tom Cruise, River Phoenix, Ralph Macchio, Tom Hanks e Emílio Estevez. Endereço: Caixa Postal 99, Florianópolis — SC (CEP 88000).
Graziela

Gostaria de adquirir material e também entrar em contato com os fãs-clubes dos seguintes atores: Harrison Ford, Sean Connery, Don Jonhson, David Bowie. Endereço: rua Guia Lopes, 122, Oswaldo Cruz, CEP 09570. São Caetano Sul — SP.
Elisabeth Godeguez

Correio entre os Leitores

Compro pôsteres, reportagens e fotos dos atores Sean Penn, Michael J. Fox e Tom Cruise. Endereço: rua Maestro Felício Toledo, 551, ap. 602, Niterói — RJ (CEP 24020).
Jamile Verbicaro Todros

Gostaríamos de trocar excelente material (inclusive importado) referente a diversos filmes por *De Volta para o Futuro I, II* e *III, Sociedade dos Poetas Mortos* e do ator Matthew Broderick. Endereço: Caixa Postal 33130, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22442).
The Movie Club

Compro as trilha sonoras de *Clube Paraíso, Crocodillo Dundee I* e *II, Alguém Muito Especial* e *A Garota de Rosa Shocking* em bom estado. Endereço: rua Noberto Leal, 468, Campina Grande — PB (CEP 58100).
Ian Júpiter Agra Sales

Compro fotos dos atores Tom Cruise, Rob Lowe — também troco por figurinhas do Garfield. Endereço: rua Frei Leandro, 46, ap. 301, Rio de Janeiro — RJ (CEP 22470).
Beatriz Araújo

Tenho fotos de Tom Cruise, Rob Lowe, Kevin Costner , Mel Gibson e Patrick Swayze para vender. Endereço: av. 7 de Setembro, 3207, ap. 102, Salvador — BA (CEP 40000).
Anna Paloma Ribeiro

Tenho vários pôsteres de tamanhos médio e grande para trocar por outros de *Jeannie É um Gênio, Ases Indomáveis, Cocktail, Os Dez Mandamentos, Splash — Uma Sereia em Minha Vida, Águia de Aço I, Três Homens e Um Bebê* e *Caça-fantasmas I*. Endereço: rua Maurício Jacquey, 96, São Bernardo do Campo — SP (CEP 09735).
Jorge Petru Mattos

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 371-5577
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-36

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____

Código de assinante _____

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Telefone _____

Cidade _____ Estado _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramador: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles)
Colaboradores
Críticos: Alex Antunes, Amir Labaki, Antonio Querino Neto, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Celso Masson, Celso Pucci, Fátima Gigliotti, José Augusto Lemos, Marcos Smirkoff, Roberto Cattani, Rubens Machado Jr., Wagner Almeida Silva
Arte: Marcelo Paton Viola
Fotografia: Rui Mendes
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Supervisora: Rosangela Cassilio
Contatos: Iracema Marques Gil, Ricardo Mateoli
Diretor - RJ: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte:
Flávia P. Bouchardet
Fone: (031) 222-0121
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 20 de junho a 20 de julho.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

Quero me corresponder com pessoas que curtem as séries de TV *Rin Tin Tin, Daniel Boone, Zorro, Papai Sabe Tudo, Jornada nas Estrelas* e a antiga *Viagem ao Fundo do Mar*. Endereço: rua Washington Luís, 513, Americana — SP (CEP 13470).
Wilton Marchini Christiano

Preciso entrar em contato com todas as pessoas que tenham fotos de Tom Cruise, porque curto o seu trabalho e coleciono fotos. Endereço: Conjunto Bandeirantes BL-E, ap. 113, Campinas — SP (CEP 13033).
Oberdan Bezerra

Compro material da cantora e atriz Madonna. Endereço: rua Coronel Carvalho, 10, Angra dos Reis — RJ (CEP 23900)
Adriana Gentil

Vendo as edições de 1 a 5 e 18 e 25 de SET com suas respectivas fichas de cine e vídeo. Endereço: rua Maranhão, 26, ap. 103, São Paulo — SP (CEP 01240)
Joaquim Fernando de Oliveira

Compro pôsteres, revistas e fotos dos atores Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger ou troco por reportagens de Freddy Krueger. Endereço: rua Francisco Correa Neves, 3, Quirinópolis — GO (CEP 76260)
Jenner Candido Silva

Compro ou troco material sobre o ator Christopher Lloyd. Endereço: SQS 106 N, apto. 104, CEP 70345. Brasília — DF.
Denise Coelho

Vendo coleção de artigos sobre cinema em 12 volumes, abrangendo os anos de 1970 a 1986. Endereço: rua do Rezende, 103/202, CEP 20231. Centro — RJ.
José Fernandes de Campos

Compro o cartaz original do filme *Um Lugar ao Sol* e material sobre a atriz Kelly McKillis. Endereço: Caixa Postal 4164, CEP 40160. Salvador — BA.
Antonio Figueiredo

Troco material e gravo episódios de séries dos anos 60, principalmente *Perdidos no Espaço*. Endereço: rua Caramuru, 38, apto. 53, CEP 11025. Santos — SP.
Marco Antônio Silva dos Santos

Gostaria de corresponder-me com quem tenha informações sobre a atriz Barbara Eden. Endereço: rua 92, casa 129/Intermediária, CEP 68240. Monte Dourado — PA.
Wilson Pereira Aragão

Vendo coleção completa de SET, ano I, n.os 1 a 10, e ano II, n.os 5 a 12. Endereço: av. Higienópolis, 562, apto. 8, CEP 86020. Londrina — PR.
Wellington G. Centenaro

Compro trilha sonora do filme *Os Irmãos Cara de Pau* e os vídeos *Nunca Fomos Tão Felizes* e *Bar Esperança, o Último que Fecha*. Endereço: rua Roberto Dias Lopes, 220/1602, Leme, CEP 22010. Rio de Janeiro — RJ.
Ericka Montelli

Gostaria de corresponder-me com Trekkies, fãs de *Jornada nas Estrelas*, para troca de material. Endereço: rua Professor Morais, 420, apto. 801, CEP 30150. Belo Horizonte — MG.
Magda Garcia

Gostaria de entrar em contato com alguém que tenha gravado filmes de Alfred Hitchcock e os seguintes títulos: *A Floresta Petrificada, A Voz do Sangue, Hombre, Conspiração do Silêncio*. Endereço: Caixa Postal 502, CEP 78000. Cuiabá — MT.
Paulo Roberto Silva

Procuro cartazes dos filmes *Blade Runner, A Cor Púrpura* e *Bird — Asas da Liberdade*. Endereço: rua Dr. Sales de Oliveira, 469, apto. 24, Vila Industrial, CEP 13035. Campinas — SP.
Marcelo Rodrigues da Silva

Possuo material bastante variado sobre música e cinema dos anos 70 e 80 para troca ou eventual venda. Endereço: Caixa Postal 04318, São Paulo — SP (CEP 01051)
Eduardo Sakata

Gostaria de corresponder-me com pessoas interessadas no trabalho do ator Matthew Broderick. Endereço: rua Pe. Carapuceiro, 537, C-101, Boa Viagem, CEP 51020. Recife — PE.
Adriana Buarque de Holanda

Compro as trilhas sonoras dos filmes *A Hora do Espanto* e *O Retorno de Jedi*. Endereço: rua Benjamin Liam, 169, São Jorge, CEP 69033. Manaus — AM.
Elieser Benon Veiga de Oliveira.

Vendo coleção completa de SET em ótimo estado (dos números 1 ao 32), incluindo as fichas de cine/vídeo, ao preço da última edição em banca. Endereço: rua Cel. Alvino Menezes, 15, Belo Horizonte — MG (CEP 31950).
Walter Cassio Brito

Gostaria de corresponder-me com pessoas que curtam os astros da década de 30, como Greta Garbo, Cary Grant, Gary Cooper, pois só vejo leitores interessados em ídolos fabricados, como Tom Cruise e Rob Lowe. Endereço: av. Angélica, 890, 5.º andar, CEP 01228. São Paulo — SP.
Amanda L. C. Corrêa

ERRATA

O crédito correto da foto de Michelle Pfeiffer publicada na seção Takes (n.º 5, ano 4, pág. 4) é The Rank Organisation e Gladen Entertainment.

O crédito correto da distribuidora de vídeo dos filmes *Paixões Violentas* e *Ghandi* (n.º 4, ano 4, págs. 60 e 61, respectivamente) é LK-Tel/Columbia.

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.

FILMOGRAFIAS

MGM

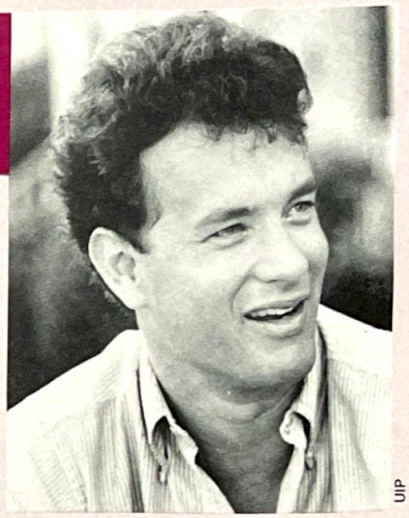
GRETA GARBO

Greta Louisa Gustafsson nasceu em 18 de setembro de 1905, em Estocolmo. Faleceu em 15 de abril de 1990, em Nova York.

1921: EN LYCKORIDDARE (figurante, de John W. Brunius); HERR OCH FRU STOCKHOLM (curta-metragem para as lojas P.U.B, de Lasse Ring) ■ 1922: REKLAMFILMEN (curta-metragem para Konsum, de Lasse Ring); PEDRO, O VAGABUNDO (*Luffar-Petter*, de Erik A. Petschler) ■ 1924: A SAGA DE GOSTA BERLING (*Gosta Berlings Saga*, de Mauritz Stiller) ■ 1925: RUA DAS LÁGRIMAS (*Die Freudlose Gasse*, de G.W. Pabst) ■ 1926: OS PROSCRITOS (*The Torrent*, de Monta Bell); TERRA DE TODOS (*The Temptress*, de Fred Niblo) ■ 1927: ANNA KARENINA (incompleto, de Dimitri Buchowetzki); A CARNE E O DIABO (*Flesh and the Devil*, de Clarence Brown) ■ 1928: ANNA KARENINA (de Edmund Goulding); A MULHER DIVINA (*The Divine Woman*, de Victor Sjostrom); A DAMA MISTERIOSA (*The Mysterious Lady*, de Fred Niblo); A MULHER DE BRIO (*A Woman of Affairs*, de Clarence Brown) ■ 1929: ORQUÍDEAS SILVESTRES (*Wild Orchids*, de Sidney Franklin); UMA MULHER SINGULAR (*The Single Standard*, de John Stuart Robertson); O BEIJO (*The Kiss*, de Jacques Feyder); A MAN'S MAN ■ 1930: ANNA CHRISTIE (versão sueca e alemã, de Jacques Feyder); ANNA CHRISTIE (de Clarence Brown); ROMANCE (de Clarence Brown) ■ 1931: INSPIRAÇÃO (*Inspiration*, de Clarence Brown); SUSAN LENOX (*Susan Lenox, Her Fall and Rise*, de Robert Z. Leonard) ■ 1932: MATA HARI (de George Fitzmaurice); GRANDE HOTEL (*Grand Hotel*, de Edmund Goulding); COMO ME QUERES (*As You Desire Me*, de George Fitzmaurice) ■ 1933: RAINHA CRISTINA (*Queen Christina*, de Rouben Mamoulian) ■ 1934: O VÉU PINTADO (*The Painted Veil*, de Richard Boleslawski) ■ 1935: ANNA KARENINA (de Clarence Brown) ■ 1936: A DAMA DAS CAMÉLIAS (*Camille*, de George Cukor) ■ 1937: MADAME WALEWSKA (*Conquest*, de Clarence Brown) ■ 1939: NINOTCHKA (de Ernst Lubitsch) ■ 1941: DUAS VEZES MEU (*Two-Faced Woman*, de George Cukor).

TOM HANKS

Nascido em 9 de julho de 1956, em Oakland, Califórnia.



UIP

1980: TRILHA DE CORPOS* (*He Knows You're Alone*, de Armand Mastroianni) ■ 1984: SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA* (*Splash*, de Ron Howard); A ÚLTIMA FESTA DE SOLTEIRO (*Bachelor Party*, de Neal Israel) ■ 1985: OS VOLUNTÁRIOS DA FUZARCA* (*Volunteers*, de Nicholas Meyer); O HOMEM DO SAPATO VERMELHO (*The Man with One Red Shoe*, de Stan Dragoti) ■ 1986: UM DIA A CASA CAI* (*The Money Pit*, de Richard Benjamin); NADA EM COMUM (*Nothing in Common*, de Garry Marshall); É DIFÍCIL DIZER ADEUS (*Everytime We Say Goodbye*, de Moshe Mizrahi) ■ 1987: DRAGNET, DESAFIANDO O PERIGO* (*Dragnet*, de Tom Mankiewicz) ■ 1988: QUERO SER GRANDE (*Big*, de Penny Marshall); PALCO DAS ILUSÕES (*Punchline*, de David Seltzer) ■ 1989: MEUS VIZINHOS SÃO UM TERROR (*The Burbs*, de Joe Dante); UMA DUPLA QUASE PERFEITA (*Turner & Hooch*, de Roger Spottiswood) ■ 1990: JOE VERSUS THE VOLCANO (de John Patrick Shanley); FOGUEIRA DAS VAIDADES (*Bonfire of the Vanities*, de Brian De Palma)

Para a televisão. *Séries* — 1980: O BARCO DO AMOR (*Love Boat*, ABC); 1980-82: BOSOM BUDDIES (ABC) ■ 1982: TAXI (ABC); HAPPY DAYS (ABC) ■ 1983-84: FAMILY TIES (NBC). *Filme* — 1982: MAZES AND MONSTERS (CBS)

Warner

WARREN BEATTY

Nascido em 30 de março de 1937, em Richmond, Virgínia.

1961: CLAMOR DO SEXO (*Splendor in the Grass*, de Elia Kazan); A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE (*Roma Spring of Mrs. Stone*, de J. Quintero) ■ 1962: O ANJO DA VIOLÊNCIA (*All Fall Down*, de John Frankenheimer) ■ 1964: LILITH E SEU DESTINO (*Lilith*, de Robert Rossen) ■ 1965: MICKEY ONE (de Arthur Penn) ■ 1966: NÃO LHE PROMETA TUDO (*Promise Her Anything*, de Arthur Hiller); ALTA BATOTA (*Kaleidoscope*, de Jack Smith) ■ 1967: UMA RAJADA DE BALAS* (*Bonnie and Clyde*, de Arthur Penn, também produtor) ■ 1969: QUANDO O JOGO É O AMOR (*The Only Game in Town*, de George Stevens) ■ 1971: ONDE OS HOMENS SÃO HOMENS (*McCabe and Mrs. Miller*, de Robert Altman) ■ 1972: LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO * (*Dollars*, de Richard Brooks) ■ 1974: A TRAMA* (*The Parallax View*, de Alan J. Pakula) ■ 1975: SHAMPOO (de Hal Ashby, também produtor e co-autor); THE FORTUNE (de Mike Nichols) ■ 1978: O CÉU PODE ESPERAR * (*Heaven Can Wait*, de Buck Henry, também produtor, co-diretor e co-roteirista) ■ 1981: REDS * (também produtor, co-roteirista e diretor) ■ 1987: ISHTAR * (de Elaine May, também produtor) ■ 1990: DICK TRACY (também produtor e diretor).

*Disponível em vídeo

Quase Star

Paulette Goddard
(1911-1990)

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

Video HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av.Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103,Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA.(TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011) 815-9144 , CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.:(092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

AIWA®

WARNER HOME VIDEO - CANAL 3 .

A PROGRAMAÇÃO SOB CONTROLE.

Na guerra das audiências, a TV manda sempre as mesmas bombas. E isso acaba explodindo a sua paciência. Mas você pode se refugiar no Canal 3. Onde você vê o filme que quiser, na hora e do jeito que preferir. Sem intervalos comerciais, e nada que possa interromper sua emoção. Sintonize a Warner Home Video - Canal 3. E assista a melhor programação da TV: a que você mesmo faz.

WARNER HOME VIDEO

Vídeo, seu melhor programa.

© Warner Home Video Inc.

FAST